



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA - POSLA**

**FERNANDA KÉCIA DE ALMEIDA**

**O LÉXICO DE *CAUSA MORTIS* EM CERTIDÕES DE ÓBITO DO VALE DO  
JAGUARIBE NO SÉCULO XIX**



**FORTALEZA – CEARÁ**

**2016**

FERNANDA KÉCIA DE ALMEIDA

O LÉXICO DE *CAUSA MORTIS* EM CERTIDÕES DE ÓBITO DO VALE DO  
JAGUARIBE NO SÉCULO XIX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientador: Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes

FORTALEZA - CEARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Almeida, Fernanda Kécia de.

O LÉXICO DE CAUSA MORTIS EM CERTIDÕES DE ÓBITO DO VALE DO JAGUARIBE NO SÉCULO XIX [recurso eletrônico] / Fernanda Kécia de Almeida. - 2016.

1 CD-ROM: 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 119 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2016.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes.

1. Estudo filológico. 2. Certidão de óbito. 3. Edição semidiplomática. 4. Glossário. 5. Fraseologia de causa mortis. I. Título.

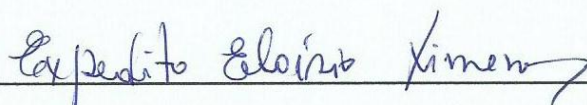
FERNANDA KÉCIA DE ALMEIDA

O LÉXICO DE CAUSA MORTIS EM CERTIDÕES DE ÓBITO DO VALE  
DO JAGUARIBE NO SÉCULO XIX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLa) do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação.

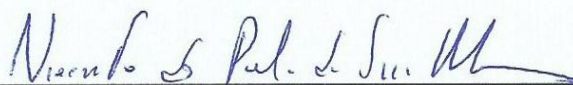
Aprovada em: 28 de janeiro de 2016.

BANCA EXAMINADORA



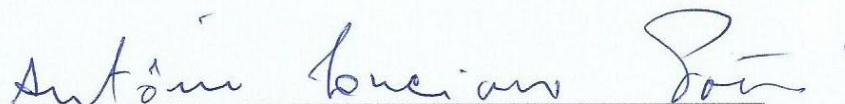
Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes (Orientador)

Universidade Estadual do Ceará - UECE



Prof. Dr. Vicente de Paula da Silva Martins

Universidade Estadual Vale do Acaraú - UEVA



Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes

Universidade Estadual do Ceará - UECE

*Ao meu esposo Odenir Alves de Almeida*  
*À minha filha Isa Maria de Almeida*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, minha fonte inesgotável de força e ânimo.

Aos meus pais, Francisco Fausto de Almeida e Maria Isamar de Almeida, que me ensinaram as lições mais importantes da vida.

Aos meus queridos irmãos, Paulo Célio de Almeida, Flaubênia Nascimento de Almeida Gomes e Marcia Gleisy de Almeida, pelo verdadeiro amor fraterno.

Aos meus sobrinhos, Ellen, Gabriel, Marisa, Ivi e Tomaz, pela alegria gratuita que me faz seguir com leveza.

Ao Professor Expedito Eloísio Ximenes, por todas as palavras de incentivo, pelas horas de dedicação, pela paciência, pelo acolhimento ímpar, e, acima de tudo, por me tornar capaz de alcançar os objetivos desta empreitada.

Ao Professor Vicente Martins, pelas preciosas orientações na fase de qualificação desta pesquisa.

À Coordenação do Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada – PosLA, pela presteza no atendimento aos mestrandos.

Aos professores do PosLA, que muito contribuíram com o direcionamento deste estudo.

À FUNCAP, pelo apoio financeiro, o qual foi de grande valia para o andamento deste trabalho.

À Diocese de Limoeiro do Norte, especialmente na pessoa de seu bispo, Dom José Häring, por, gentilmente, disponibilizar o acesso ao acervo do Arquivo da Diocese.

Aos queridos colegas, Ticiane, Adriana, Wagner, Edineuda, Monique, Igor, Hipólito, Jorge Tércio e todos aqueles que contribuíram para esta caminhada.

Aos colegas do Grupo PRAETECE, pelo engrandecimento acadêmico e humano.

A todos que, de alguma forma, tornaram essa caminhada possível.

“A espantosa realidade das coisas  
É a minha descoberta de todos os dias.  
Cada coisa é o que é,  
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,  
E quanto isso me basta.  
Basta existir para se ser completo.”

(Alberto Caeiro– *O Guardador de Rebanhos*)

## RESUMO

Esta pesquisa é fruto do estudo filológico e linguístico de certidões de óbito manuscritas no Vale do Jaguaribe na segunda metade do século XIX. O *corpus* deste trabalho é constituído por 1553 certidões editadas conforme as normas de edição semidiplomática adotadas pelo grupo Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará – PRAETECE. O estudo filológico, além da contextualização histórica das mortes no Ceará neste período, consta de análise paleográfica e codicológica dos manuscritos. O estudo linguístico parte de uma pesquisa sobre o léxico, sua identificação e organização, culminado com um glossário fraseológico de *causa mortis*, nosso principal objetivo. A coleta das unidades fraseológicas foi feita após a edição semidiplomática das certidões de óbito, utilizando-se de uma ficha fraseológica que foi preenchida manualmente com as seguintes informações: unidade fraseológica básica, contexto de produção e suas fontes bibliográficas, pré-definição e notas. Com os dados coletados foi, então, elaborado o glossário, seguindo o padrão macroestrutural e microestrutural mais adequado ao nosso público alvo. Nossas fontes teóricas, para os estudos filológicos, estão apoiadas em Cambraia (2005) e Ximenes (2006, 2013) os quais nos fornecem a base para a edição semidiplomática, análise paleográfica e codicológica; para os estudos linguísticos, nos concentramos nas definições de Doroszewisky (1973), Biderman (2001) e Pontes (2009) para a definição do léxico; Wüster (1998) e Krieger e Finatto (2004) para as concepções gerais sobre Terminologia e texto especializado; Bakhtin (2000) para a estrutura formal do gênero; Corpas Pastor (1996) para a definição de Fraseologia; Bevilacqua (1996) para a definição de fraseologia especializada; e Welker (2004) para a elaboração do glossário. Este trabalho, além de salvar documentos da destruição material, por meio da edição semidiplomática e do estudo fraseológico, resgata, também, a cultura típica de acontecimentos fúnebres da comunidade que habitava o Vale do Jaguaribe no período de 1801 a 1850.

**Palavras-chave:** Estudo filológico. Certidão de óbito. Edição semidiplomática. Glossário. Fraseologia de *causa mortis*.



## ABSTRACT

This research is the result of philological and linguistic study of handwritten death certificates in Vale do Jaguaribe in the second half of the nineteenth century. The *corpus* of this work consists of death certificates edited according to semidiplomatic standards adopted by Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará – PRAETECE. The philological study addresses the historical context of the deaths in Ceará in this period, also consists of paleographic analysis and codicological manuscripts. The linguistic study of a research on the lexicon, identification and organization, culminating with a phraseological glossary of cause of death, our main goal. The collection of phraseologisms was made after the semidiplomatic edition of death certificates, using a phraseological card that was manually filled with the following information: basic phraseological unit, the context of their production and bibliographic sources, default and notes. With the collected data was then prepared the glossary according to the macrostructural and microstructural standard best suitable to our target audience. Our theoretical sources to the philological studies are supported by Cambraia (2005) and Ximenes (2006, 2013) which provide us with the basis for the semi-diplomatic edition, paleographic and codicological analysis; for language studies, we focus on Doroszewisky settings (1973), Biderman (2001) and Pontes (2009) to define the lexicon; Wüster (1998) and Krieger and Finatto (2004) to the general concepts of Terminology and specialized text; Bakhtin (2000) to the formal structure of the genre; Corpas Pastor (1996) to the definition of Phraseology; Bevilacqua (1996) to the phraseology of the specialty language; Welker (2004) to the preparation of the glossary. This work saves documents material destruction through the semi-diplomatic edition and sentence study also rescued culture, focused on the funeral events, the community that lived in the Vale do Jaguaribe in the 1801 to 1850 period.

**Keywords:** Philological study. Death certificate. Semidiplomatic edition. Glossary. Phraseology cause of death.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Fólio 123, certidão 1 do ano de 1805 do Livro de Registro da Paróquia de Aracati.....	32
Figura 2 –	Fólio 123, certidão 2 do ano de 1805 do Livro de Registro da Paróquia de Aracati.....	33
Figura 3 –	Fólio 123, certidão 3 do ano de 1805 do Livro de Registro da Paróquia de Aracati.....	34
Figura 4 –	Palácio Episcopal de Limoeiro do Norte.....	50
Figura 5 –	Livros do Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.....	51
Figura 6 –	Códice 1 – Paróquia de Aracati.....	56
Figura 7 –	Códice 2 – Paróquia de Russas.....	57
Figura 8 –	Códice 3 – Paróquia de Russas.....	58
Figura 9 –	Mapa do Ceará com o Vale do Jaguaribe em destaque.....	63
Figura 10 –	Mapa do Vale do Jaguaribe.....	63
Figura 11 –	Certidões de óbito (1804).....	75
Figura 12 –	Certidões de óbito (1805).....	76
Figura 13 –	Códice 3 – Óbitos Paróquia de Russas.....	79
Figura 14 –	Fólio de abertura do Livro de Óbitos da Paróquia de Russas (1776).....	80
Figura 15 –	Certidão de óbito de João (11/01/1805).....	84
Figura 16 –	Certidão de óbito de Manuel Antonio Prata (16/01/1805).....	85

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Inventário do Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.....	52
Quadro 2 –	Ficha fraseológica.....	66
Quadro 3 –	Microestrutura das unidades fraseológicas.....	69
Quadro 4 –	Exemplificação de unidade fraseológica.....	70
Quadro 5 –	Exemplificação de unidade fraseológica.....	70
Quadro 6 –	Grafia pseudoetimológica.....	77
Quadro 7 –	Abreviaturas.....	78
Quadro 8 –	Guia Básico de descrição codicológica (adaptado).....	81
Quadro 9 –	Dos vigários.....	86
Quadro 10 –	Microestrutura abstrata do glossário.....	88

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

mm.	Milímetros
L.C.	Língua Comum
L.	Livro
l.	Linha
fl.	Fólio
DRAE	Dicionário da Real Academia Espanhola
Cont.	Contexto
ADLN	Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte
adj.	Adjetivo
N.	Nota
P.	Página
PRAETECE	Prática de Edição de Textos do Estado do Ceará
s.f.	Substantivo Feminino

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>20</b>
2.1	OS PRECEITOS DA FILOGIA E DA LINGUÍSTICA.....	20
2.2	O LÉXICO E AS CIÊNCIAS DO LÉXICO.....	22
2.3	CONCEPÇÕES GERAIS SOBRE TERMINOLOGIA E O TEXTO ESPECIALIZADO.....	25
2.4	A ESTRUTURA FORMAL DO GÊNERO CERTIDÃO DE ÓBITO.....	29
2.5	CONCEPÇÕES GERAIS SOBRE FRASEOLOGIA.....	38
2.6	O GLOSSÁRIO FRASEOLÓGICO.....	43
2.7	MACROESTRUTURA E MICROESTRUTURA.....	45
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>48</b>
3.1	DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA.....	48
<b>3.1.1</b>	<b>Da caracterização geral do <i>corpus</i>.....</b>	<b>48</b>
<b>3.1.2</b>	<b>Do Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte (ADLN).....</b>	<b>49</b>
<b>3.1.3</b>	<b>Dos códices selecionados.....</b>	<b>55</b>
3.2	DAS NORMAS DE EDIÇÃO DOS DOCUMENTOS.....	59
3.3	DA CONTEXTUALIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	62
3.4	DO ESTUDO DAS FRASEOLOGIAS.....	66
<b>3.4.1</b>	<b>A seleção e a coleta das unidades fraseológicas.....</b>	<b>66</b>
<b>3.4.2</b>	<b>A organização do glossário.....</b>	<b>67</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....</b>	<b>72</b>
4.1	DO CONTEXTO HISTÓRICO DAS CAUSAS DE MORTE NO SÉCULO XIX.....	72
4.2	DA ANÁLISE PALEOGRÁFICA DO <i>CORPUS</i> .....	74
4.3	DA ANÁLISE CODICOLÓGICA DO <i>CORPUS</i> .....	78
4.4	DA DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO DO <i>CORPUS</i> .....	83
4.5	DOS SUJEITOS: DOS FALECIDOS E DOS VIGÁRIOS.....	85
<b>5</b>	<b>GLOSSÁRIO DE FRASEOLOGIAS DE <i>CAUSA MORTIS</i>.....</b>	<b>88</b>
5.1	CAUSAS DE MORTES NATURAIS.....	89

5.2	CAUSAS DE MORTES EXTERNAS.....	107
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>111</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>114</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade o ser humano possui a necessidade de comunicar-se com os outros membros de sua comunidade, seja de uma mesma geração ou não. A escrita é, nesse contexto, um dos meios de comunicação mais importantes utilizados pelo homem na transmissão de suas experiências e no registro de sua existência.

A cultura escrita do Brasil, por sua vez, foi herdada de nossos colonizadores portugueses, que aqui consolidaram seus costumes e tradições. Fato que pode ser verificado através de registros perpetuados por meio da escrita. Os portugueses chegaram ao Brasil numa época de plena difusão da imprensa, mesmo assim, permaneceu forte a produção de documentos manuscritos no período colonial brasileiro, produção esta que pode ser encontrada em museus e arquivos públicos, tratada como relíquia, mas que também pode ser encontrada em outras repartições públicas ou privadas, tratadas com pouco esmero.

Acioli (1994) informa que os documentos manuscritos mais relevantes no período colonial brasileiro são os que tratam de registros da administração pública, informa também a relevância dos registros das igrejas, quase sempre escritos em livros, recolhidos nos arquivos da Cúria, em sua maior parte voltados para batizados, casamentos e óbitos, sendo eles de suma importância para nossa história sócio-cultural, conferindo valor ao ser humano.

Chaves (2010) e Acioli (1994) reconhecem a importância dos documentos escritos, e concebem as certidões como um fato humano, os quais nos fazem entender que: “cada ser humano é único, tem origem, nome e lugar onde vive, é lembrado no ponto alto de sua vida, no dia do casamento, e quando deixa o mundo no dia de sua morte [...]” (CHAVES, 2010, p. 9).

Podemos observar que, do ponto de vista cultural, linguístico e histórico defendido por Acioli (1994) e por Chaves (2010), as certidões revelam aspectos ímpares de nossa sociedade, bem como, de cada ser humano, nesse período específico de nossa história. É uma necessidade nossa (que se manifesta na escrita) de marcar verbalmente os acontecimentos.

A leitura das certidões de óbito, que compõem o *corpus* desta pesquisa, nos possibilita saber as condições em que morreu e foi sepultado o indivíduo identificado no registro; data, hora e local em que ocorreu o falecimento, a causa da

morte (nas certidões redigidas a partir de 1793, visto que, até esta data não se registrava a causa da morte), a idade, o sexo e a naturalidade da pessoa falecida, o nome do pai, o nome da mãe, o local onde morava, onde seu corpo foi enterrado, bem como, a cor e o tecido da mortalha usada pelo falecido. Para se descrever essas tradições culturais, evidentemente, existe um conjunto de vocábulos dignos de serem catalogados e analisados.

Nossa intenção principal é, justamente, levantar, analisar e descrever as unidades fraseológicas que designam as causas de morte que são descritas nas certidões de óbito manuscritas no século XIX, mais especificamente no período de 1801 a 1850, na região do Vale do Jaguaribe, no Estado do Ceará. Considerando que um povo, através de sua língua, demonstra também sua cultura, seus costumes e suas tradições.

O interesse pelo presente estudo surgiu a partir da publicação do *Catálogo de Fontes Históricas: registros paroquiais de batismo, casamento e óbito. Documentos para a história do Vale do Jaguaribe*, organizado pelo professor Dr. Olivenor Chaves. O catálogo é constituído pela transcrição de certidões do Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte, que foram manuscritas na segunda metade do século XIX. É um trabalho rico em fontes linguísticas, porém sua intenção é de cunho histórico, descritivo, ou seja, essa edição não segue as normas de edição semidiplomática. Essas certidões, até o presente momento, não tinham sido analisadas no que diz respeito a seus aspectos linguístico-filológicos.

Sabemos que os manuscritos mais antigos do arquivo diocesano de Limoeiro do Norte, anteriores ao século XIX, se encontram em estado precário de conservação, prejudicando demasiado a nossa compreensão e interpretação de palavras e frases, por esse motivo não foi possível a edição e o estudo dessas certidões. Portanto, nos concentramos nas certidões da primeira metade do século XIX.

A importância desse estudo, pelo viés linguístico, se dá pela contribuição para o estudo do léxico do português brasileiro e pela ampliação dos trabalhos da lexicografia e da lexicologia histórica no Ceará. Também pela abordagem do gênero 'certidão de óbito', por ser um texto pouco estudado por linguistas. Ressaltamos, também, que o levantamento e a análise do campo lexical que designam as causas de morte no período colonial permitirá a elaboração de um glossário que facilitará a compreensão desses textos.



A escolha pelo gênero certidão de óbito, já que havia outros no Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte (ADLN), tais como certidões de batismo e de casamento, se deu pelas características que somente certidões de óbito possuem, tais como, vocábulos que designam as causas de morte e vocábulos que são típicos de rituais fúnebres. Outro fator que motivou essa escolha foi a quantidade de certidões que é abundante, e, principalmente, porque esse texto possui um conjunto lexical específico para este tipo de gênero. Além do mais, suas datas precisas nos possibilitam observar de forma gradual as mudanças pelas quais vinha passando a Língua Portuguesa escrita no período em análise.

Outro fator que motivou a realização desta pesquisa, pelo viés filológico, provém dos estudos de Mattos e Silva (2008), em seu artigo *Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa*, a autora nos instiga e encaminha para esse tipo de pesquisas. Salientando sempre, que a reconstrução do passado escrito do português brasileiro poderá ser recuperado pela via tradicional, ou seja: “pelo escrutínio das fontes documentais remanescentes [...] constituído de documentos de tipos os mais diversificados possíveis” (MATTOS E SILVA, 2008, p.19).

O caráter filológico-linguístico atribui um grande valor científico e social à nossa pesquisa, por recuperar textos (e outros aspectos que compõem os textos) que seriam destruídos pelo tempo, por conta de sua fragilidade material. Resgatar o registro das solenidades fúnebres e seu léxico, também é de suma importância para a nossa língua, uma vez que fornecem elementos para a explicitação de fenômenos em uso no presente ou para mudanças ao longo do tempo, revelando ainda dados do português brasileiro.

No que diz respeito ao estudo histórico do léxico, Abbade (2009) nos alerta que temos excelentes dicionários, mas muito pouco ainda se faz com relação aos estudos lexicológicos, principalmente no período colonial brasileiro.

Mais um fator que engrandece nosso trabalho é o fato de que no Estado do Ceará ainda são poucas as pesquisas que abordam o estudo do português nessa fase histórica. Um exemplo claro são os manuscritos do Acervo da Diocese de Limoeiro do Norte, que nunca tinham sido estudados, justamente por não haver esse tipo de pesquisa, de cunho histórico-linguístico, na região do Vale do Jaguaribe. Ximenes (2006) afirma que a pesquisa em Linguística Histórica possibilita a edição

de manuscritos e, conseqüentemente, os textos passam a servir de fonte com objetivos variados, que servem a diversos estudiosos de outras áreas.

Também é importante ressaltar que a relevância da nossa pesquisa se dá pelo fato de estarmos ampliando o rol das práticas de edição de textos em nosso Estado, fortalecendo cada vez mais as atividades do grupo de estudos Prática de Edição de Textos do Estado do Ceará – PRAETECE. Este grupo de pesquisa, constituído por pesquisadores e estudiosos da área de Letras e História, tem por objetivo preservar a história e a memória do Estado do Ceará.

Dessa forma, podemos perceber que estamos indo muito além da recuperação de manuscritos e da análise linguística. Estamos indo em busca da compreensão de que a nossa língua é fruto de nosso passado e que esse resgate também contribuirá para a compreensão da língua presente. Essa compreensão somente será alcançada através de pesquisas e de estudos minuciosos dos textos antigos.

Esses textos antigos, por sua vez, refletem as tradições discursivas das comunidades em determinadas épocas, e estas comunidades utilizam-se do léxico, ou seja, de um repertório linguístico repleto de significações e representações típicas de seu tempo, que também podem ser analisadas levando em consideração o seu contexto de uso. Portanto, nos questionamos: Quais vocábulos compõem esse conjunto lexical que designa a *causa mortis* do povo jaguaribano do século XIX? Que termos caracterizam mais esse gênero, essa comunidade, essa época? Será possível, através do léxico, termos uma ideia real da *causa mortis* do indivíduo referido na certidão? Será que esse conjunto lexical caracteriza o contexto sociocultural desta comunidade, no que diz respeito às solenidades fúnebres?

Também nos questionamos sobre que lexias são mais pertinentes nesse gênero e quais as suas ligações com o campo lexical que compõe as certidões de óbito produzidas nos dias atuais nesta região. Tais questões surgem a partir do interesse em conhecer o passado da nossa língua, uma vez que existe a necessidade de se ampliar os estudos sobre o léxico do português do Brasil no período colonial.

A partir desses questionamentos, traçamos nossos objetivos, entre os quais se inclui, principalmente, o resgate dos textos antigos por meio da edição semidiplomática. Além disso, investigamos o léxico da *causa mortis* em certidões de óbitos manuscritas na primeira metade do século XIX no Vale do Jaguaribe.

Também investigamos a tipologia de *causa mortis* nas certidões de óbitos; analisamos o panorama histórico da *causa mortis* no período de 1801 a 1850 na região do Vale do Jaguaribe e, finalmente, culminamos com a elaboração de um glossário do campo lexical da *causa mortis* descrito nas certidões de óbitos.

Nessa linha, elaboramos esta dissertação, que está organizada em dois volumes. No primeiro consta a edição semidiplomática das certidões de óbito escritas nos três códices selecionados, sendo o *Códice 1: Livro de Óbitos da Paróquia de Aracati – 1791/1807*; o *Códice 2: Livro de Óbitos da Paróquia de Russas – 1825/1858*; e o *Códice 3: Livro de Óbitos da Paróquia de Russas – 1836/1872*. Já no segundo volume consta o estudo e as análises filológica e linguística dessas certidões e se divide em seis capítulos, incluindo *Introdução* e *Considerações Finais*.

Após a *Introdução* temos o capítulo 2 que aborda os pressupostos teóricos, sendo que enfatizamos, principalmente, o trabalho filológico, a fim de caracterizar nossa pesquisa não somente como linguística ou lexicográfica, mas acima de tudo, filológica. Apresentamos, em seguida, um breve panorama das ciências do léxico, enfatizando a terminologia e o texto especializado, uma vez que trabalhamos com o gênero certidão de óbito; e, finalmente, discutimos sobre a fraseologia com base em Krieger e Finatto (2004), Corpas Pastor (1996), Bevilacqua (1996) dentre outros.

No segundo capítulo, destinado aos procedimentos metodológicos, descrevemos detalhadamente o *corpus* da pesquisa, selecionado de acordo com interesses histórico-geográficos. No ensejo do trabalho filológico, apresentamos, também, um pequeno inventário dos livros de registros que compõem o acervo do Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte – ADLN. Fazendo parte ainda deste capítulo, a organização macroestrutural e microestrutural do glossário fraseológico.

No capítulo terceiro, apresentamos uma breve análise histórica, paleográfica e codicológica do *corpus*. Com base em Cambraia (2005) e Acioli (1994), foi possível identificar a escrita como predominantemente humanística, marcada pela grafia pseudoetimológica. E ainda, seguindo o *Guia Básico de Descrição Codicológica* proposto por Cambraia (2005), foi possível descrever codicologicamente os livros de registros selecionados em um guia adaptado daquele, no qual descrevemos a cota, a datação, o lugar de origem, a folha de abertura, o suporte material, a composição, a organização da página e o tipo de encadernação dos códices. Seguimos o capítulo com a descrição do conteúdo das

certidões, onde são apresentados o falecimento de um indivíduo e as várias informações pertinentes a ele, tais como filiação, origem, causa da morte, dentre outras.

O ápice de nossa pesquisa é constituído pelo glossário fraseológico que constitui o quarto capítulo, o qual se divide em duas partes: unidades fraseológicas de causas de morte natural, por exemplo, *falecer de apoplexia*; e unidades fraseológicas de causas de morte externas, por exemplo, *falecer de quebradura*. Cada entrada, também denominada de unidade fraseológica, é seguida, como dito anteriormente, de sua definição, de seu contexto de uso, de notas, e de remissivas quando necessário.

Por fim, no que concerne às conclusões, percebemos que o trabalho de elaboração do glossário de *causa mortis* vai além do trabalho lexicográfico-fraseológico. Esta pesquisa nos proporcionou o contato direto com a língua usada no período e também nos proporcionou o conhecimento da cultura que permeia os acontecimentos fúnebres da Região do Vale do Jaguaribe na primeira metade do século XIX.

Assim, estão dispostos os assuntos na presente dissertação, com o intuito de fazer-se entender o trabalho filológico e divulgar o glossário de *causa mortis* da região do Vale do Jaguaribe na primeira metade do século XIX.

No capítulo seguinte, discorreremos sobre os pressupostos teóricos que embasam nossa pesquisa, iniciando a discussão com o fazer filológico e os preceitos linguísticos.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nossa pesquisa está alicerçada nas bases teóricas da Filologia e da Linguística, que apesar de possuírem finalidades distintas, ambas possuem a língua como objeto de estudo. A Filologia nos orienta no que diz respeito à edição semidiplomática das certidões de óbito e também nos estudos codicológicos e paleográficos, enquanto a Linguística nos apoia no estudo do léxico e na elaboração do glossário de *causa mortis* nos documentos estudados.

### 2.1 OS PRECEITOS DA FILOLOGIA E DA LINGUÍSTICA

A Filologia vem sendo concebida, *grosso modo*, como a ciência que estuda os registros escritos de uma língua. Contudo, sabemos que a Filologia é bem mais abrangente. Conforme Silva Neto (1977, p. 20),

a Filologia é o estudo científico, histórico e comparado da língua nacional em toda a sua amplitude, não só quanto à gramática (fonética, morfologia, sintaxe) e quanto à etimologia, semasiologia etc..., mas também como órgão da literatura e como manifestação do espírito nacional.

Coutinho (1976, p. 17) confirma as palavras de Silva Neto (1977) quando afirma que a Filologia “é a ciência que estuda a literatura de um povo ou de uma época e a língua que lhe serviu de instrumento”. E ainda acrescenta: “a Filologia surge da necessidade que os povos sentiam de explicar os textos arcaicos”. Portanto,

Qualquer estudo feito no sentido de reconstituir textos antigos de uma língua, corrigi-los quando errados, restituí-los à sua genuinidade, quando interpolados, constitui-se trabalho de Filologia. (COUTINHO, 1976, p. 18).

Podemos, portanto, atribuir à nossa pesquisa o caráter filológico, uma vez que, um dos nossos objetivos é reconstituir, dentro do padrão científico de edição semidiplomática, os textos da língua portuguesa que se praticava na região do Vale do Jaguaribe no período de 1801 a 1850 e, com isso, resgatar a língua, a cultura e a memória do povo que a expressava. É importante, ainda, acrescentar que o trabalho filológico é de extrema responsabilidade e fidelidade aos textos, para conferir confiabilidade aos estudos, e um dos instrumentos que possibilita essa fidelidade é a

edição dos documentos, que, por sua vez, se distribui em vários tipos, conforme Cambraia (2005):

- a) *edição diplomática*, que tem por objetivo a transcrição rigorosa e conservadora de todos os elementos presentes, caracterizando-se, portanto, por seu grau baixo de mediação;
- b) *edição paleográfica* (semidiplomática, paradiplomática ou diplomático interpretativa) que, por sua vez, possui grau médio de mediação, sendo possível a realização de modificação para tornar o texto mais compreensível ao público leigo. Nesse modelo, o editor desenvolve as abreviaturas, acrescentando as letras que faltam, destacando-as por algum tipo de sinal previamente definido, como parênteses, colchetes, negrito ou itálico, pode decidir por separar as palavras escritas emendadas; pode decidir usar sinais de pontuação etc.;
- c) *edição interpretativa*, em que se observa um grau máximo de mediação, havendo ampla modificação do texto para que atinja um público mais abrangente.

Para o nosso trabalho adotamos o modelo de edição paleográfica (semidiplomática), devido ao seu caráter médio de mediação, ou seja, por ser possível atingir um público de leitores bastante amplo e, ao mesmo tempo, manter os textos o mais próximo possível do original. Esse tipo de edição é o mesmo modelo adotado pelo grupo PRAETECE. As normas de edição semidiplomática estão detalhadas no capítulo destinado à metodologia.

Como vimos anteriormente, cabe, portanto, à Filologia um estudo mais abrangente dos textos, principalmente no que se refere às suas edições. No que concerne ao papel da Linguística, principalmente no que diz respeito às ciências do léxico, veremos no tópico seguinte.

## 2.2 O LÉXICO E AS CIÊNCIAS DO LÉXICO

Levando em consideração que a Filologia tem por objetivo a crítica dos textos, é inegável que esta mesma ciência se utilize dos métodos da Linguística para executar seus próprios estudos. Como exemplo, a decifração e explicação de inscrições redigidas numa língua arcaica requerem conhecimentos sociolinguísticos e linguístico-históricos típicos dessa comunidade discursiva, sendo que a Sociolinguística e a Linguística Histórica são disciplinas agregadas à Linguística. Em nossa pesquisa, além dos conhecimentos linguísticos sócio-históricos, também nos amparamos nas bases das ciências que estudam o léxico, no caso, a Lexicologia, a Lexicografia e até mesmo a Terminologia.

A Linguística, por sua vez, é a ciência que estuda cientificamente a linguagem humana. Como afirma Pottier (1974), a Linguística é uma disciplina especulativa. Seu objeto de estudo é a língua por ela mesma, como um fato social da linguagem. Segundo Melo (1984, p.7), a Linguística “é o estudo da linguagem articulada ou a aplicação de seu método e de suas conclusões a uma língua particular, a um dialeto ou família de línguas”.

O trabalho de elaboração do glossário fraseológico de *causa mortis* exige, primeiramente, o conhecimento do que seja o léxico, bem como, o conhecimento das ciências que possuem o léxico como objeto de estudo, tais como a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Fraseologia, dentre outras ciências que abordam o léxico de forma direta, porém sob diferentes perspectivas, conforme seus objetivos. No campo teórico dos estudos do léxico é apresentada uma multiplicidade de conceitos que abordam o termo e que convêm serem discutidos, uma vez que engrandecem o campo teórico dos estudos do léxico.

Biderman (2001, p.13) concebe o léxico como “uma forma de registrar o conhecimento do universo e esse processo de registro se dá através de atos sucessivos de cognição da realidade e da categorização da experiência cristalizada em signos linguísticos e palavras”. Ou seja, é por meio da palavra que o homem é capaz de expressar suas intenções e experiências para os demais membros de sua comunidade.

Ao longo do tempo, o léxico adquiriu importância em meio às ciências e passou a ser digno de estudos mais minuciosos, tanto é, que atualmente são muitas as ciências que se ocupam com o léxico desde sua morfologia até o seu sentido.

Para esta pesquisa nos deteremos aos estudos mais superficiais do léxico, ou seja, nos estudos que abordam a organização e o manuseio de lexias.

Como ponto de partida da discussão das ciências do léxico, observemos os conceitos de Lexicografia e Lexicologia dados por Doroszewski que, já na década de 1970, discutia tais ciências de forma bastante abrangente. Para ele, o primordial é compreender que a palavra (léxico) é o objeto comum dessas duas ciências.

As definições dos termos Lexicografia e Lexicologia, para Doroszewski só foram possíveis após a análise minuciosa de vários dicionários europeus, dentre eles, dicionários ingleses, franceses, gregos e poloneses. Após o levantamento e a análise dos conceitos dados por vários lexicógrafos, Doroszewski (1973), elegendo o *Oxford Dictionary* como o melhor conceituador, nos apresenta as seguintes concepções:

A Lexicografia é definida neste dicionário como escrita ou compilação de um léxico ou dicionário, a arte ou prática de escrever dicionários. [...] A entrada Lexicologia é definida como um ramo do conhecimento que trata das palavras, sua forma, história e sentido. (DOROSZEWSKI, 1973, p.33)<sup>1</sup>.

Doroszewski (1973), ao utilizar o termo *art*, deixa claro que o lexicógrafo é mais que um fazedor de dicionário, é um artista das palavras. Cabe ao artista (lexicógrafo) o manuseio e o polimento ideal de cada termo. Acrescenta ainda que, essa arte de organizar palavras, por sua vez, não é típica da modernidade, há indícios do uso de suas técnicas desde o século XVII, bem como o uso do termo Lexicografia.

No Brasil, de acordo com Nunes (2006), os trabalhos lexicográficos iniciaram-se com o movimento de expansão das nações europeias. Estas primeiras atividades lexicográficas, dos séculos XVI ao XVIII, foram marcadas pelas línguas indígenas, sendo que os primeiros dicionários brasileiros são bilíngues, português-tupi, elaborados pelos jesuítas.

No que diz respeito à Lexicologia, esta se distingue da Lexicografia por tratar da forma e do sentido das palavras. Vejamos:

---

<sup>1</sup> Lexicography is defined in this dictionary as the writing or compiling of a lexicon or dictionary, the art or practice of writing dictionaries. (...) The entry Lexicology is defined as "that branch of knowledge which treats of words, their form, history and meaning. (DOROSZEWSKI, 1973, p.33).



Podemos ser capazes de formular duas conclusões: a primeira é que ambas as disciplinas em questão são intimamente conectadas com a Linguística, [...]; a segunda é que de certa forma a Lexicografia pode ser considerada superior à Lexicologia, por seus resultados que são mais importantes que suas intenções, e o valor dos princípios teóricos devem ser estimados de acordo com os resultados. (DOROSZEWSKI, 1973, p. 36, tradução nossa)<sup>2</sup>.

O autor deixa claro que ambas as disciplinas estão ligadas à Linguística e que o desenvolvimento da Linguística pode depender diretamente do desenvolvimento dos trabalhos lexicográficos e lexicológicos. Sendo, portanto, as ciências do léxico indissociáveis do campo maior da Linguística. Doroszewski (1973) confere ainda um grau de superioridade à Lexicografia, uma vez que seus resultados são mais importantes que suas intenções. Por exemplo, a intenção primeira da Lexicografia é confeccionar dicionários, mas é somente a partir das palavras já organizadas que se tornam possíveis inúmeros estudos voltados ou não para o campo da Linguística.

A Terminologia, por sua vez, completa a tríade das ciências do léxico. Distingue-se da Lexicologia e da Lexicografia por ser o discurso sobre o termo. Para Seemann (2011), termo é a palavra técnica e ou científica; a linguagem de especialidade aplicada a uma área específica do conhecimento humano. Krieger e Finatto (2004), por sua vez, distinguem o método de trabalho da Terminologia do da Lexicografia. A distinção está no fato de que a primeira atua, principalmente, do conceito para o termo, e a segunda, ao contrário, atua do termo para o conceito.

No tópico seguinte discorreremos sobre a origem da Terminologia, e as mais recentes concepções sobre essa disciplina, restringindo as ideias até o texto especializado. Nesse intuito, focamos principalmente as ideias de Wüster (1998), Krieger e Finatto (2004), bem como Cabré (2008).

---

<sup>2</sup> We shall be able to draw two conclusions: the first is that both disciplines in question are closely connected with linguistics (...); the second is that in a certain sense Lexicography may be considered a superior discipline to lexicology, for results are more important than intentions, and the value of theoretical principles must be estimated according to results. (DOROSZEWSKI, 1973, p, 36).

## 2.3 CONCEPÇÕES GERAIS SOBRE TERMINOLOGIA E O TEXTO ESPECIALIZADO

As certidões de óbito caracterizam-se como texto especializado, conforme motivos que explicitaremos adiante; por sua vez, o glossário de *causa mortis* constitui-se no âmbito da Terminologia, portanto torna-se imprescindível a discussão, mesmo que breve, sobre tais questões.

Eugen Wüster foi um dos primeiros estudiosos a apresentar, na década de 1930, a Terminologia, até então um campo novo de estudo que possuía os termos de uma língua como objeto de análise. É interessante para a nossa pesquisa fazermos este paralelo, entre as primeiras noções sobre Terminologia e as noções atuais, para que possamos entender o percurso de tal ciência até chegar ao texto especializado. Para iniciarmos a discussão, observemos as primeiras noções sobre Terminologia dadas por Wüster (1998, p. 21). A saber:

Em primeiro lugar, todo trabalho terminológico utiliza como ponto de partida os *conceitos* com o objetivo de estabelecer delimitações claras entres eles. A Terminologia considera que o âmbito dos conceitos e o das denominações (=os termos) são independentes. Por esta razão, os terminólogos falam de *conceitos*, enquanto que os linguistas falam de *conteúdos de palavras*, referindo-se à língua geral. Para os terminólogos, uma unidade terminológica consiste em uma *palavra* a qual se atribui um conceito com seu significado, enquanto que para a maioria dos linguistas atuais, a palavra é uma unidade inseparável composta de forma e conteúdo. (WÜSTER, 1998, p.21, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Wüster (1998) explica que, por conta da prioridade dada pelos terminólogos ao conceito, a Terminologia adota uma postura divergente da postura linguística: “para os terminólogos só têm importância as denominações dos conceitos, ou seja, o léxico da língua. Não a têm nem na morfologia flexiva, nem na sintaxe, cujas regras se desprendem da língua geral” (WÜSTER, 1998, p.22).

Neste primeiro momento de discussão acerca da Terminologia já é possível perceber o quão pertinentes são as convicções de Wüster (1998). Ao dar

---

<sup>3</sup> En primer lugar todo trabajo terminológico utiliza como punto de partida los *conceptos* com el objetivo de establecer delimitaciones claras entre ellos. La terminologia considera que el ámbito de los conceptos y el de las denominaciones (=los términos) son independientes. Por esta razon los terminólogos hablan de *conceptos* mientras que los linguistas hablan de *contenidos de palabras*, refiriéndose a la lengua general. Para los terminólogos, una unidad terminológica consiste em uma *palabra* la cual se le assigna um concepto como su significado, mientras que la mayoría de los linguistas actuales, la palabra es una unidad inseparable compuesta de forma y contenido. (WÜSTER, 1998, p. 21).

prioridade aos conceitos, ele determina seu ponto de vista essencialmente sincrônico. Para a Terminologia “o aspecto mais importante de uma língua é o sistema de conceitos que constituem sua base” (WÜSTER, 1998, p.22).

Após o estabelecimento do conceito como objeto de prioridade dos estudos terminológicos, Wüster (1998) dedica-se à padronização dos termos técnico-científicos com o intuito de universalizar a comunicação científica.

É evidente que, com o evoluir dos estudos, passamos a admitir que a língua não pode ser concebida como um objeto que se enquadre numa espécie de forma. Assim foram surgindo, no âmbito dos estudos terminológicos, outras concepções acerca dos termos, bem como do texto especializado.

Krieger e Finatto (2004, p.17) apresentam concepções mais recentes acerca da Terminologia e do texto especializado. As referidas autoras defendem a Terminologia, em primeiro lugar, como “uma disciplina que possui seu objeto primordial definido: o termo técnico-científico. É esse objeto que marca a identidade da área”. E para que a Terminologia seja assim conceituada, Krieger e Finatto (2004) partem do preceito de que:

O léxico temático configura-se, portanto, como um componente linguístico, não apenas inerente, mas também a serviço de comunicações especializadas, posto que os termos transmitem conteúdos próprios de cada área. Por isso os termos realizam duas funções essenciais: a de representação e a de transmissão do conhecimento especializado. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 17).

E sobre a abrangência da disciplina, acrescentam ainda que

A Terminologia é um campo de conhecimento que vem intensificando os estudos sobre a constituição e o comportamento dos termos, compreendendo desde sua gênese até o exame de suas relações nas mais distintas áreas do conhecimento científico e técnico. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 22).

De acordo com as referidas autoras, além de abordar o termo técnico-científico e os aspectos que o circundam, a Terminologia, também age no intuito de desfazer ambiguidades corriqueiras no uso do léxico geral da língua, o que, conseqüentemente, conduz à “precisão conceitual”. Sendo que

Tudo isso está associado à natureza constitutiva dos termos considerados como signos linguísticos de valor monossêmico, caracterizando-se ainda pela monoreferencialidade, porque, de modo geral, veicula apenas o significado específico de cada área, bem como estabelecem uma única referência com o mundo exterior, sempre na ótica da área em que a unidade lexical está inserida. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p.18).

Isso implica que, ao abordarmos a fraseologia de *causa mortis*, seu aspecto é monossêmico, ou seja, possui um único sentido. Sendo assim, as lexis complexas, ou fraseologias, representam uma única referência do mundo exterior no que diz respeito ao campo das causas de morte do século XIX no Vale do Jaguaribe.

Além de abordar o termo e seus aspectos, a Terminologia também se ocupa dos princípios e diretrizes de tratamento dos termos técnico-científicos em suas aplicações. Sendo que, por suas várias atribuições, Krieger e Finatto (2004) concebem a Terminologia como uma disciplina de 'feição própria', inclusive com importante papel social para a comunidade atual. Essa relevância social da Terminologia se dá, primeiramente, porque "seus paradigmas de desenvolvimento estão intimamente relacionados aos processos de economia globalizada e ao acelerado desenvolvimento científico e tecnológico" (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 18).

Assim, entendemos que a Lexicografia é uma ciência mais abrangente, que aborda a linguagem geral; ao passo que a Terminologia é mais restritiva, é mais especializada. Para entendermos melhor, discutiremos um pouco sobre o texto especializado, como objeto de interesse da Terminologia.

O texto especializado, segundo Krieger e Finatto (2004, p. 18) "é o conjunto de termos técnicos aliados ao conjunto de todos os recursos linguísticos que se utilizam num âmbito de especialidade da comunicação".

A noção de texto especializado exige também a noção de texto ou linguagem geral. Para Acosta, Cabré e Lidon (2008), a língua geral alude um conjunto de regras linguísticas que os indivíduos invocam para comunicar-se e a língua de especialidade é o conjunto de todos os recursos linguísticos que se utilizam em um âmbito comunicativo (a temática, o tipo de interlocutores, a situação comunicativa e a intenção do emissor).

Acosta, Cabré e Lidon (2008), sobre a temática, afirmam que tratam-se de temas próprios de um âmbito de especialidade. Os interlocutores, por sua vez,

pertencem a um âmbito de especialidade, onde o emissor é sempre um indivíduo que porta o conhecimento e possui determinadas intenções, e o receptor é aquele ao qual o texto é destinado. A situação, por sua vez, é o fato que envolve a temática e os interlocutores, sendo de interesse de ambos. Em outras palavras é o

[...] processo mediante o qual se transmite o conhecimento especializado; por exemplo, a comunicação que se dá entre um par de especialistas em algum campo do conhecimento não implica maior esforço cognitivo enquanto o uso de terminologia específica, caso contrário, quando se quer fazer entre um especialista e o público geral. (ACOSTA; CABRÉ; LIDON, 2008, p. 17, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Acosta, Cabré e Lidon (2008) acrescentam ainda que a comunicação especializada responde à propriedade da adequação em função da qual as condições de produção e a recepção dos textos são dados pelo contexto comunicativo (estratégias comunicativas) da terminologia de acordo com as condições pragmáticas que impulsionam a produção desse tipo de texto.

Com base nas ideias de Acosta, Cabré e Lidon (2008), não podemos conceber o texto especializado fora de seu contexto de produção, uma vez que o contexto é elemento crucial para a delimitação da produção de relação entre os sujeitos.

As certidões de óbito, que constituem o *corpus* da nossa pesquisa, por sua vez, estão inseridas em um contexto de produção específico, o que vem a caracterizá-las como texto especializado. O critério da temática também é atendido, uma vez que aborda as circunstâncias que envolvem a morte e seus rituais mais corriqueiros. Tudo isso no âmbito religioso, mais especificamente da Igreja Católica.

Quanto aos interlocutores envolvidos no contexto de produção das certidões, estes são sujeitos correlacionados à Igreja Católica. O emissor, de costume, é o vigário que registra o fato do óbito e as outras informações sobre o sujeito falecido. Quanto ao receptor, este merece uma atenção especial, uma vez que, as certidões de óbito não possuem um destinatário específico, não era um gênero que circulava na comunidade, à disposição de interessados a obter

---

<sup>4</sup> Proceso mediante el cual se imparte o comparte conocimiento especializado, por ejemplo, la comunicacional que se da entre un par de especialistas en algún campo do conocimiento no implica mayor esfuerzo cognitivo em cuanto al uso de terminologia específica, caso contrario cuando se quiere hacer entre um especialista y el público en general. (ACOSTA; CABRÉ; LIDON, 2008, p. 17).

informações. Os possíveis receptores são, em primeiro lugar, o próprio setor de registros da Igreja, em segundo lugar, os familiares dos sujeitos falecidos.

Uma vez caracterizado como texto especializado, é interessante para a nossa pesquisa apresentar a certidão de óbito como produto constituído por uma estrutura formal e que ocorre dentro de um âmbito de especialidade. Para orientar essa discussão recorreremos principalmente a Bakhtin (2000) e a Cabré e Estopá (2002).

## 2.4 A ESTRUTURA FORMAL DO GÊNERO CERTIDÃO DE ÓBITO

Bakhtin (2000) afirma que cada âmbito de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, ou seja, Bakhtin (2000) refere-se aos gêneros textuais ao utilizar os termos 'tipos relativamente estáveis de enunciados'. Por sua vez, os gêneros são constituídos por uma estrutura formal composta por: situação de produção, conteúdo temático, construção composicional e estilo verbal. Com base nas ideias de Bakhtin, Barbosa (2000) esmiúça os constituintes da estrutura formal dos gêneros. A saber:

**a) situação de produção:** se refere a quem fala, para quem, em quais lugares sociais os interlocutores estão, quais são suas ideologias, em que situação, em que momento histórico, intenção, em que registro etc.; **b) conteúdo temático:** corresponde ao conteúdo que é informado no gênero; **c) construção composicional:** ou seja, sua organização geral; **d) Estilo verbal:** corresponde à seleção de determinados recursos disponibilizados pela língua. (BARBOSA, 2000, p. 152-153).

O pensamento de Bakhtin (2000) volta-se para os gêneros como 'produtos' regulados e constituídos historicamente pelos grupos sociais. Além de transmitir a fala, os gêneros transmitem, também, as ideologias humanas. É justamente o que ocorre com o gênero certidão de óbito: é um produto regulado, é constituído historicamente por um grupo social e transmite ideologias humanas.

Corroborando com Bakhtin (2000), Cabré e Estopá (2002) propõem a estrutura formal do gênero e a caracterização do texto especializado. Cabré e Estopá (2002) defendem o texto especializado como o resultado da fusão de três estruturas:

**a) estrutura formal:** já bem demarcada por Bakhtin (2002); **b) estrutura informativa:** corresponde ao conhecimento transmitido pelo texto; **c) estrutura gramatical:** corresponde à organização interna do texto no que se refere as estruturas linguísticas, que por sua vez se organizam em diferentes níveis linguísticos: nível textual, nível sintático, nível da estrutura léxica, nível semântico, morfológico e ortográfico. (CABRÉ; ESTOPÁ, 2002, p.3).

No caso das certidões de óbito manuscritas no Vale do Jaguaribe no século XIX, a primeira observação que deve ser feita, quanto à sua estrutura formal, como produto regulado, constituído historicamente por um grupo social e transmissor de ideologias humanas é que

Os registros de óbito eram de responsabilidade da Igreja Católica. Essa documentação constava nos livros de óbitos eclesiásticos por paróquias e atualmente se encontram nos arquivos das cúrias eclesiásticas. (LIMA; SILVA, 2010, p.179).

Por serem de responsabilidade da Igreja, as bases para sua estrutura formal foram instituídas por esta entidade. As instruções para a produção dos registros foram instituídas pelo arcebispado da Bahia, no ano de 1707, conforme consta nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Esta obra também comporta as demais regras que deviam ser seguidas pela comunidade eclesiástica no período colonial brasileiro.

Observemos, a seguir, um trecho das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, editado no ano de 1853, que se refere ao modo como os párocos deveriam fazer as certidões de óbito. Vejamos:

#### TITULO XLIX

#### COMO SE FARÃO OS ASSENTOS DOS DEFUNTOS

831 Em todas a Igrejas Parochiaes deve haver livro em que se assentem os nomes dos defuntos o que se introduzio por muitas razões convenientes. Por tanto mandamos, que em todas as Igrejas Parochiaes haja um livro, (1) em que se assentem os nomes dos que morrerem, e que cada um dos Parochos de nosso Arcebispado no dia em que o defunto fallecer, ou o mais tarde dentro dos três primeiros seguintes, faça no dito livro assento de seu fallecimento, escrevendo-o ao cumprido, e não por abreviatura, ou algarismo, na maneira seguinte. Aos tantos (2) dias de tal mez, e de tal anno falleceu da vida

presente N. Sacerdote Diacono, ou Subdiacono; ou N. marido, ou mulher de N. ou viúvo, ou viúva de N., ou filho, ou filha de N., do lugar de N., freguez desta ou de tal Igreja, ou forasteiro, de idade de tantos annos, (se comodamente se puder saber) com todos, ou tal Sacramento, ou sem eles: foi sepultado nesta, ou em tal Igreja: fez testamento, em que deixou se dissessem tantas Missas por sua alma, e que se fizessem tantos officios; ou morreo ab intestado, ou era notoriamente pobre, e por tanto se lhe fez o enterro sem lhe levar esmola.

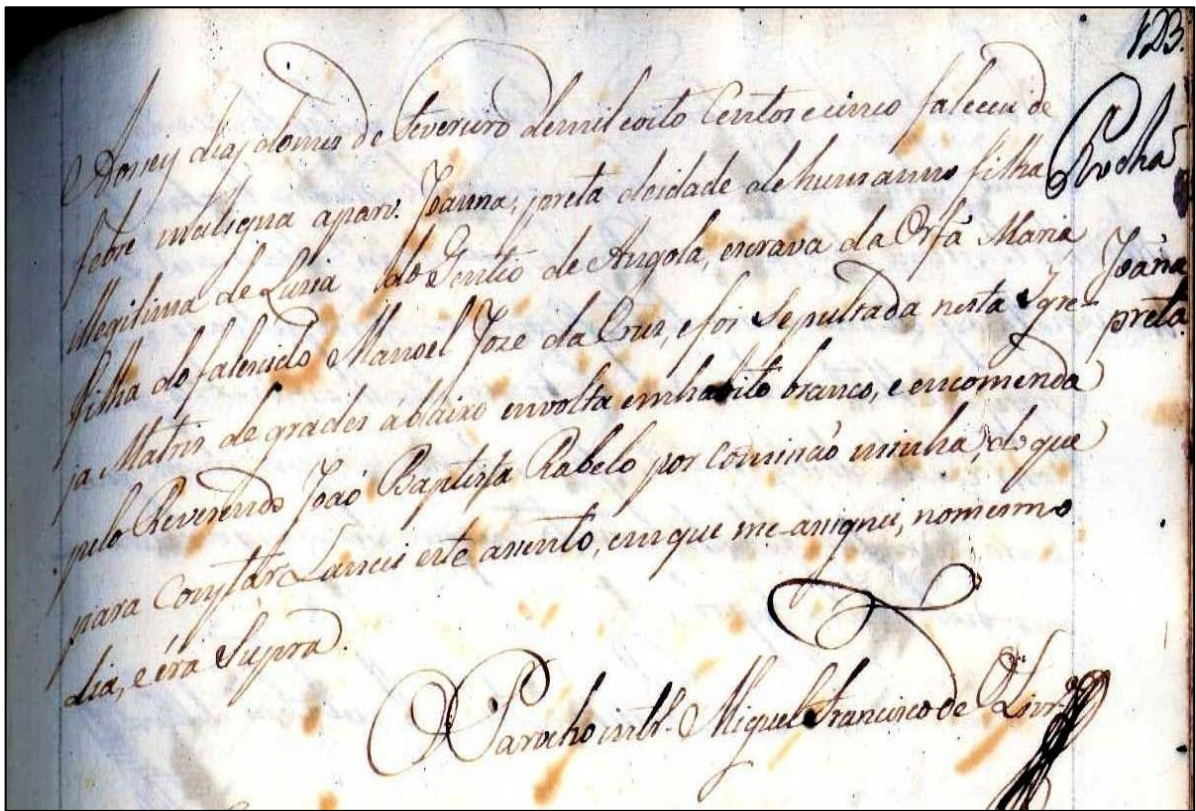
Fonte: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/222291>.

Podemos observar acima a normatização recomendada pela Igreja para a composição dos ‘assentos dos defuntos’, ou seja, certidões de óbito. A primeira ordem é que cada igreja/paróquia possua um livro reservado aos assentos de óbito, assim ocorria no Vale do Jaguaribe no século XIX, cada paróquia possuía livros exclusivos para o registro de óbitos. A segunda orientação é que sejam escritos ‘ao comprido, e não por abreviatura’, conforme modelo detalhado apresentado logo em seguida.

As certidões de óbito que compõem o *corpus* da nossa pesquisa, por tanto, apresentam todas as delimitações do nível textual recomendadas pelas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Estas orientações, combinadas aos elementos sócio-históricos, registram as mortes ocorridas no Vale do Jaguaribe no século XIX. Vejamos nas imagens a seguir alguns registros de óbito em que podemos perceber os elementos que o caracterizam como texto especializado.



Figura 1 – Fólio 123, certidão 1 do ano de 1805, do Livro de Registros de Óbitos da Paróquia de Aracati, iniciado em 03/11/1791 e encerrado em 05/02/1807



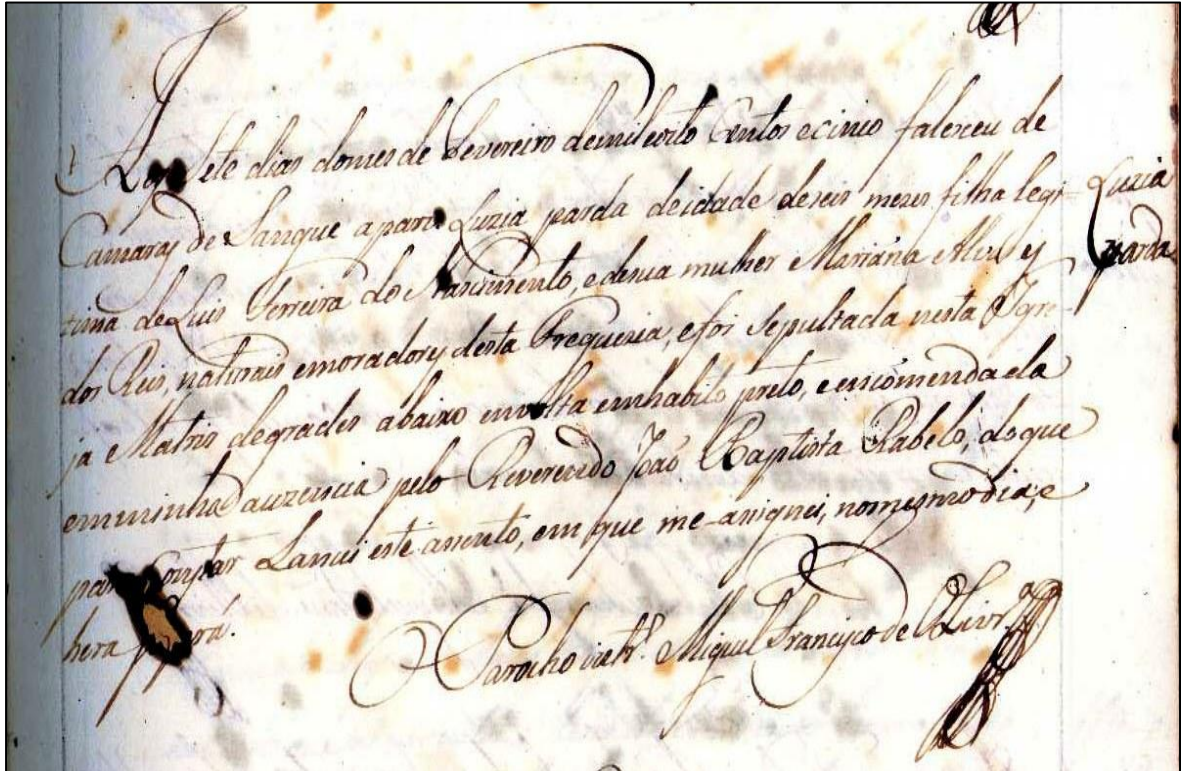
Fonte: Livro de Registros de Óbitos da Paróquia de Aracati.

**P. 123**

- Aos seis dias do mes de Fevereiro de mil oitocentos e cinco faleceu de febre maligna *aparu* Joanna, preta de idade de hum anno filha illegitima de Luzia do Gentio de Angola, escrava da Orfã Maria, filha do falecido Manoel Joze daa Crus, e foi Sepultada nesta Igreja Matriz de grades á baixo envolta em habito branco, e encomendada pelo Reverendo Joã Baptista Rabelo por comissão minha, do que para constar Lancei este assento em que me assignei, no mesmo dia, e éra supra.

O Parocho *Interino* Miguel Francisco de Oliveira.

Figura 2 – Fólio 123, certidão 2 do ano de 1805, do Livro de Registros de Óbitos da Paróquia de Aracati, iniciado em 03/11/1791 e encerrado em 05/02/1807



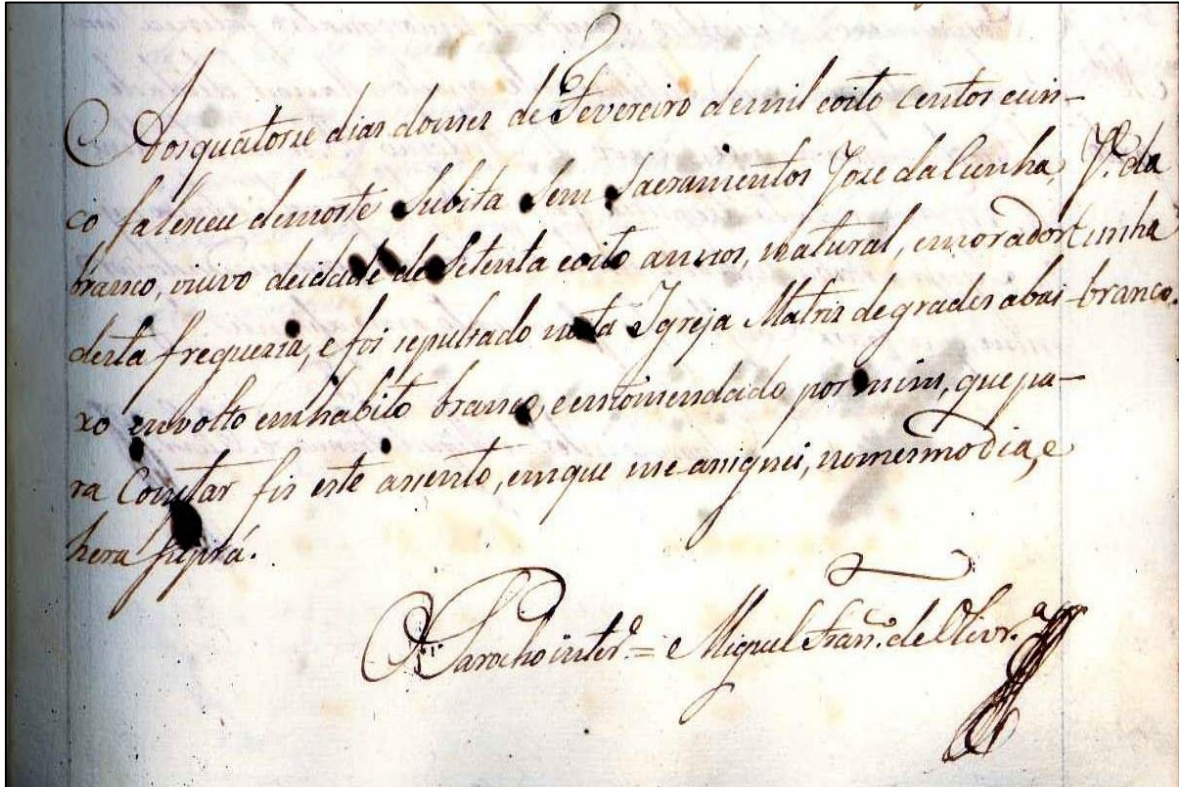
Fonte: Livro de Registros de Óbitos da Paróquia de Aracati.

**P. 123**

Aos sete dias domes de Fevereiro demiloito Centos ecinco faleceu de Camaras de Sangue **apurvula** Luzia parda didade deseis mezes filha legitima de Luis Ferreira do Nascimento, edesua mulher Mariana Alves Dos Reis, naturais emoradores desta freguesia, efoi sepultada nesta Igreja Matriz degrades abaixo envolta emhabito preto, e encomendada emminha ausência pelo Reverendo Joao Baptista Rabelo, doque para Constar Lancei este assento, em que me assignei, nomesmo dia, e hera supra.

O Parocho *Interino* Miguel Francisco de Oliveira.

**Figura 3 – Fólio 123, certidão 3 do ano de 1805, do Livro de Registros de Óbitos da Paróquia de Aracati, iniciado em 03/11/1791 e encerrado em 05/02/1807**



Fonte: Livro de Registros de Óbitos da Paróquia de Aracati.

**P. 123**

Aos quatorze dias domes de Fevereiro demil oito Centos ecin-  
co faleceu demorte Subita Sem Sacramentos Joze da Cunha,  
branco, viuvo deidade de Setenta e oito annos, natural emorador  
desta freguesia, e foi sepultado nesta Igreja Matriz de grades abai-  
5 xo envolto em habito branco e encomendado por mim, que pa-  
ra Constar fis este assento, emque me assignei, nomesmo dia, e  
hera supra.

O Parocho *Interino* Miguel Francisco de Oliveira.

No que se refere à estrutura formal, o gênero certidão de óbito, aqui estudado, inicia-se como recomendado pelas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, citada anteriormente, com a indicação do dia, mês e ano em que ocorreu a morte do indivíduo. O primeiro intuito é situá-lo no tempo e,

posteriormente, no espaço. É apresentada, em seguida, com bastante ênfase, a causa da morte, em forma de fraseologia (faleceu de febre maligna, faleceu de câmaras de sangue, faleceu de morte súbita). Sobre a causa da morte, é importante ressaltar que esta informação somente passou a constar em tais documentos a partir do início do século XIX, conforme explicita Lima e Silva (2010), “No século XIX começaram a ser mais comuns as enunciações da *causa mortis* uma característica de um momento em que o cientificismo ganhava cada vez mais espaço” (LIMA; SILVA, 2010, p. 180).

Sobre as denominações sociais, apesar do texto das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* não recomendar, percebemos a presença de várias designações étnico-sociais, tais como no primeiro assento, pois trata-se de uma escrava, no segundo assento, em que trata-se de uma criança parda, e no terceiro, visto que trata-se de um indivíduo branco.

Também são descritos nas certidões de óbito, os rituais do sepultamento (de grades abaixo, nesta Matriz, encomendado ou não), bem como a vestimenta com a qual foi sepultado. Para encerrar o texto, o pároco certifica o assento e encerra com sua assinatura.

Assim, a preocupação com a salvação da alma e com a obtenção da indulgência divina não se restringia somente aos discursos expressos no testamento, também se mostrava em grande medida nas breves anotações que constituíam os registros de óbito que eram responsabilidade dos párocos de cada freguesia. E, era justamente pelo fato dos registros ficarem ao encargo dos padres de cada paróquia que alguns eram mais minuciosos que outros. (LIMA; SILVA, 2010, p. 180).

Por esse motivo, podemos observar que em algumas certidões pode haver mais ou menos informações, ou seja, dependendo do pároco, ou do falecido, as certidões de óbito poderão ser mais ou menos detalhadas. No caso das certidões de indigentes, por exemplo, há menos informações, uma vez que se sabe muito pouco sobre tal indivíduo. No caso de registro de óbito de algum pároco, além de todas as informações recomendadas acima, há também informações adicionais, dentre elas a data da ordenação.

O assento de óbito é, portanto, um texto socialmente constituído e, apesar de ser um registro simples, conforme Lima e Silva (2010, p. 181), “[...] este não se isenta à hierarquização dos lugares ocupados por cada uma das pessoas sob o ponto de vista jurídico, econômico e social”.

O conteúdo informacional interligado à estrutura formal do gênero e que, em parte, são definidos pelas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, distribui-se da seguinte forma:

- Dia, mês e ano da morte;
- Com ou sem sacramentos;
- A causa da morte;
- Nome do falecido;
- Descrição social;
- O(s) nome(s) do(s) dono(s) quando escravo;
- Estado civil;
- O nome do cônjuge quando casado;
- Idade;
- Filiação, filho legítimo ou ilegítimo;
- Naturalidade e residência;
- Local do sepultamento;
- Vestes fúnebres;
- Encomendado ou não;
- Se fez testamento ou não;
- Certificação do pároco;
- Dia mês e ano em que foi feito o assento;
- Assinatura do pároco.

Em regra geral, são essas as informações contidas nos assentos. Ressaltamos que não necessariamente seguem essa ordem de apresentação das informações, que seria a recomendada pelas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. No entanto, informações como a data da morte no início do texto e a assinatura do pároco seguem rigorosamente este padrão.

No manuseio do *corpus*, pudemos observar também que em algumas certidões não há sequer o nome do indivíduo, é o caso de bebês recém-nascidos, não batizados, e dos indigentes. Para este último grupo é mais difícil ainda seguir o padrão textual, uma vez que as informações sobre eles são extremamente reduzidas.

Quanto à estrutura linguística, podemos observar que, no nível textual, os períodos são relativamente curtos, uma vez que as informações dadas são bastante resumidas. O período mais longo é o encerramento da certidão: “para constar fiz este assento em que me assigno no dia e hera supra”. Apesar de não haver pontuação adequada à norma padrão atual, as certidões são bastante compreensíveis.

No que se refere ao nível morfológico, este se destaca, principalmente, pela presença de poucas formas verbais no texto: *faleceu* (sempre ocorre no indicativo, na 3ª pessoa do singular e no pretérito perfeito), *foi sepultado(a)/ foi encomendado(a)* (sempre ocorre na voz passiva), *assignei* (sempre ocorre no indicativo, na 1ª pessoa do singular e no pretérito perfeito).

Sobre o nível sintático, percebemos que as estruturas são simples e com grande recorrência de inversão do sintagma nominal (falleceu de maligna o pardo João...).

O nível semântico é marcado por expressões de sentido concreto, ou seja, há ausência de abstrações ou ironias. É predominante, no texto, a descrição da realidade de forma clara e direta conforme os recursos linguísticos que dispunham os párocos (*faleceu*, *morreo* são formas sinonímicas).

Sobre o nível lexical, nosso foco de estudo, é, sem dúvida, o nível que mais caracteriza o gênero, uma vez que o léxico se volta para os rituais fúnebres usados na Igreja Católica. Para bem ilustrar, destacamos as lexias *faleceu*, *maligna*, *sepultado*, *hábito branco*, *encomendado*, dentre outras.

E, por fim, destacamos o nível ortográfico, o qual podemos considerar o nível mais visível nas certidões de óbito que compõe o *corpus* desta pesquisa uma vez que foram produzidas durante o período colonial brasileiro, possuem marcas ortográficas próprias da língua portuguesa dessa época. As principais ocorrências são:

- Conservação do grupo **CH**: *parcho*;
- Duplicação das consoantes **l**, **n** e **t**: *capella*, *anno*, *sette*;
- Ocorrências das consoantes insonoras **g** e **p**: *Ignacia*, *Baptista*;
- Justaposição de palavras: *miloito*, *deidade*;

Diante do exposto, fica evidente que o *corpus* abordado trata-se de texto especializado, justamente por atender aos quesitos discutidos anteriormente (temática, âmbito de produção, estruturas formal, informativa e gramatical).

No tópico seguinte, restringiremos um pouco mais nossa teoria. Nosso foco passa a ser a fraseologia em seu aspecto geral e também especializado. Levamos em consideração as principais visões sobre o assunto.

## 2.5 CONCEPÇÕES GERAIS SOBRE FRASEOLOGIA

Reservamos este tópico para uma discussão mais detalhada sobre a teoria geral da Fraseologia, por ser justamente esta a nossa base teórica fundamental. Uma vez que temos como objeto maior o glossário fraseológico de *causa mortis*, torna-se imprescindível conhecermos as concepções sobre Fraseologia.

Antes de adentrarmos na teoria geral da Fraseologia, abordaremos, a discussão sobre as lexias simples e as lexias complexas, bem como fraseologias, uma vez que definimos o léxico, é necessário também definirmos lexias, para compreendermos melhor como se dá o processo que vai das lexias à fraseologia.

Uma das primeiras concepções acerca das lexias é apresentada por Pottier (1974), o qual concebe as lexias como unidades funcionais que se opõem ao morfema e à palavra e exerce papel significativo na distinção das partes do discurso. Ou seja,

Para Pottier (1974)<sup>5</sup> as lexias são formas e estruturas linguísticas de natureza diferente. Suas características comuns consistem em que elas são acumuladas no léxico, na parte da consciência linguística que abrange as unidades denominativas, e em que elas exercem uma função denominativa para fenômenos da realidade. (POTTIER, 1974 *apud* MATTOS E SILVA, 2006, p. 11).

No processo de execução de suas funções, as lexias podem ser simples, compostas, complexas ou textuais. Para Pottier (1974), as lexias simples constituem-se de um único radical, de um único lexema (ex. maligna), enquanto a lexia composta consiste em mais de um tema ou radical que, por sua vez, são

---

<sup>5</sup> Utilizamos as concepções de Pottier por ele fazer essa classificação da forma mais simples a mais complexa do léxico, já que nosso estudo é sobre fraseologia, engloba, portanto, a classificação das lexias complexas. Assim, apresentar a classificação desse autor, permite-nos mostrarmos o percurso da forma das lexias se apresentarem.

ligados por sua significação (ex. febre maligna); ao passo que as lexias complexas constituem-se em uma sequência lexicalizada (ex. dor de cabeça); e as lexias textuais são as que alcançam o nível de um texto. Interessa-nos aqui, da classificação de Potier, apenas as lexias complexas por envolver as fraseologias que constituem o objeto de estudo de nossa pesquisa

Conforme Mattos e Silva (2006, p. 12), a lexia complexa “é constituída de uma sequência lexemática, com dois ou mais lexemas” que, em virtude de seu uso constante na língua, acabam por se transformar em “construções fixas, num processo de lexicalização semântica, adquirindo significado único em graus diversos”. Observemos, por exemplo, a lexia complexa ‘dor de cabeça’, temos dois termos que se agregam para formar um significado único. Separadas as palavras ‘dor’ e ‘cabeça’ possuem significados que não remontam à dor de cabeça.

As lexias complexas constituem, portanto, fraseologias, ou seja, termos que se unem, numa relação de equivalência, para constituir um sentido único e completo.

A fraseologia ou unidade fraseológica<sup>6</sup>, objeto de maior interesse para nossa pesquisa, é definida por vários autores que corroboram para um mesmo caminho de interesse. Antes de apresentarmos concepções mais apuradas de Corpas Pastor (1996) e Zuluaga (1980), vejamos o que dizem alguns dicionários acerca do termo fraseologia.

O dicionário Aurélio da Língua Portuguesa Século XXI (FERREIRA, 2001, p. 333) define *fraseologia* como “sf. Conjunto de frases ou locuções próprias de uma língua, de um escritor, de uma época etc.”. Ao passo que o dicionário Larousse da Língua Portuguesa (2004, p. 422), além de nos fornecer um conceito para *fraseologia*, também conceitua o termo *fraseológico*. A saber:

**Fraseologia** *s.f.* Construção de frase característica de um indivíduo, grupo ou língua.

**Fraseológico** *adj.* 1. Relativo à fraseologia. 2. Diz-se do dicionário que contém as frases e expressões mais características de uma língua. (p. 422)

Apesar da simplicidade dos conceitos, ambos os dicionários encaminham o conceito de fraseologia para algo constituído por uma construção particular que caracteriza um grupo ou uma língua. Ao pesquisarmos esse mesmo conceito em

---

<sup>6</sup> Usamos, também, o termo ‘unidade fraseológica’ para nos referirmos à fraseologia. Porém, adotamos o termo fraseologia para padronizar o texto.



outros dicionários de língua portuguesa encontramos acepções bastante semelhantes, por isso recorreremos a outro dicionário, de outra língua, para melhor explicarmos o termo fraseologia.

Citamos, então, o Dicionário da Língua Espanhola da Real Academia Espanhola (DRAE), uma vez que é um dos dicionários que nos fornece a melhor e mais completa ideia do termo *fraseologia*. Vejamos:

**fraseologia.**

(De *frase* e *-logia*).

1. f. Conjunto de modos de expressões peculiares de uma língua, de um grupo, de uma época, atividade ou indivíduo.
2. f. Conjunto de expressões intrincadas, pretenciosas ou falaces.
3. f. **palavraria.**
4. f. Conjunto de frases feitas, locuções figuradas, metáforas e comparações fixas, modismos e provérbios, existentes em uma língua, no uso individual ou de algum grupo.
5. f. Parte da linguística que estuda as frases, os provérbios, os modismos, e outras unidades de sintaxe total ou parcialmente fixas. (DICCIONÁRIO DA LÍNGUA ESPANHOLA DA REAL ACADEMIA ESPANHOLA, [20--?], tradução nossa)<sup>7</sup>.

O Dicionário da Real Academia Espanhola ao conceituar o termo fraseologia como “conjunto de expressões peculiares de uma língua, conjunto de frases feitas, locuções figuradas, existentes em uma língua, no uso individual ou de algum grupo”, nos encaminha novamente ao aspecto composto da lexia e ao aspecto particular de um indivíduo ou grupo. A partir dessas primeiras noções dadas por alguns dicionários, seguiremos no aprofundamento da teoria geral da fraseologia.

Para Krieger e Finatto (2004, p. 84), “a ideia de fraseologia está associada a uma estruturação linguística que leva a uma interpretação semântica independente dos sentidos estritos dos constituintes das estruturas”. Podemos, então, incluir nessa estruturação as expressões idiomáticas, as frases feitas, locuções nominais, verbais e, ainda, outras estruturas típicas de determinado modo de comunicação.

---

<sup>7</sup> Fraseología. 1. f. Conjunto de modos de expresión peculiares de una lengua, de un grupo, de una época, actividad o individuo. 2. f. Conjunto de expresiones intrincadas, pretenciosas o falaces. 3. f. **palabrería.** 4. f. Conjunto de frases hechas, locuciones figuradas, metáforas y comparaciones fijadas, modismos y refranes, existentes en una lengua, en el uso individual o en el de algún grupo. 5. f. Parte de la lingüística que estudia las frases, los refranes, los modismos, los proverbios y otras unidades de sintaxis total o parcialmente fijas. Disponível em: <<http://lema.rae.es/drae/?val=fraseologia>>.

Monteiro-Platin (2014) também confere às fraseologias esse grau de coesão absoluta, uma vez que as palavras que constituem a expressão perdem sua significação individual e o conjunto passa a ter um novo significado. Para a mesma autora o termo ‘unidade fraseológica’ também engloba as sentenças proverbiais, as expressões idiomáticas, as fórmulas de rotina ou cristalizadas, as locuções fixas, as frases feitas, os clichês, os chavões e as colocações.

Gouadec (1994 *apud* BEVILACQUA, 1996) nos apresenta um conceito complexo acerca das fraseologias. Para ele, as fraseologias são cadeias de caracteres estereotipadas e frequentes em determinado discurso, constituídas de elementos invariáveis e variáveis. A partir de tal constituição, as fraseologias podem ser divididas em dois grandes grupos: matrizes fraseológicas e unidades fraseológicas de pivô terminológico. As matrizes fraseológicas *assumem um caráter de formulação típica de um domínio e podem ser representadas através de matrizes*. As unidades fraseológicas de pivô “constituem-se a partir de um termo, considerado como seu núcleo ou pivô” (BEVILACQUA, 1996, p. 11).

Corpas Pastor (1996, p.20), por sua vez, define fraseologia como “uma construção composta de duas ou mais lexias que apresentam certo grau de estabilidade e fixação”. Para a mesma autora “os critérios que mais caracterizam as unidades fraseológicas são a frequência, a institucionalização, a fixação, a idiomaticidade, a variação e a gradação”. Características estas destacadas em Mattos e Silva (2006, p. 15). A saber:

1º a *frequência*, ou seja, a aparição conjunta dos elementos constituintes de uma unidade fraseológica é superior à aparição individual de cada um desses elementos da língua. Além do mais, o uso desses elementos combinados é considerável na língua.

2º a força de seu uso repetido, as unidades fraseológicas conseguem ser aceitas na norma e esta aceitação se traduz em sua *institucionalização*.

3º sempre em relação com esta institucionalização as unidades fraseológicas se distinguem por sua *fixação*. Elas são fixas formal ou semanticamente.

4º quando nenhum de seus componentes contém um significado que possa indicar a significação de uma unidade fraseológica, sua especificação alcança um grau mais alto: a *idiomaticidade*.

5º mesmo sendo caracterizadas pela fixação formal e semântica, as unidades fraseológicas podem sofrer *variações* em sua estrutura isto é, um de seus elementos pode ser mudado por uma variante sem afetar ao significado global da unidade, ou também, pode ser que uma unidade fraseológica sofra em si uma mesma modificação criativa por parte dos falantes.

6º a *gradação* que se refere ao fato de que em todos esses traços mencionados, existe uma escala gradual, ou seja, que nem todas as unidades fraseológicas são estritamente fixas em sua estrutura.

De todos os aspectos citados acima, Zuluaga (1980) elege a fixação e a idiomaticidade como os mais relevantes para a caracterização das fraseologias. A fixação é uma propriedade que certas expressões possuem, de forma que são reproduzidas no discurso como combinações previamente feitas, e a idiomaticidade, por sua vez, é o traço semântico próprio de certas construções fixas, cujo sentido não pode se estabelecer a partir dos significados dos elementos componentes de sua combinação. Para Mattos e Silva (2006), a idiomaticidade é uma característica de ordem pragmática, dado que as expressões idiomáticas são utilizadas em determinadas situações comunicativas.

A idiomaticidade, portanto, é um dos aspectos da fraseologia, que mais explicita o teor social de tais construções. Acerca do caráter social da fraseologia, Ximenes (2013) afirma que

Constitui uma prática recorrente em todas as línguas vivas. Pertencem ao patrimônio da língua comum, falada pelos seus usuários. No seu cotidiano as UFs transmitem experiências de vida e sabedoria do povo que as utiliza, sabedoria esta sintetizada em fórmulas linguísticas. (XIMENES, 2013, p.233).

Podemos observar que as fraseologias além de serem concebidas como estruturas polilexicais, relativamente fixas, carregadas de idiomaticidade, como assim as concebem os estudiosos acima citados, também são produtos da prática cultural de diversos âmbitos sociais.

Em suma, nas palavras de Corpas Pastor (1996), as fraseologias são

Unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível da oração composta. Ditas unidades se caracterizam por sua alta frequência de uso, e de coaparición de seus elementos integrantes; por sua institucionalização entendida nos termos de fixação e especialização semântica; por sua idiomaticidade e variação potenciais; assim como pelo grau no qual se dão todos esses aspectos nos diferentes tipos. (CORPAS PASTOR, 1996, p.20, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Desses critérios, para o nosso glossário fraseológico, levamos em consideração, principalmente, o fato das fraseologias de *causa mortis* serem um

---

<sup>8</sup> Son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su limite inferior, cuyo limite superior se sitúa en el nivel da oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su institucionalización, entendida em términos de fijación y especialización semántica; por su idiomaticidade y variación potenciales; así como por el grado em el cual se dan todos estos aspectos em los distintos tipos. (CORPAS PASTOR, 1996, p. 20).

conjunto de formas complexas, mais ou menos figuradas, mais ou menos fixas, constituídas de combinações recorrentes, por serem formadas por uma base verbal, mais ou menos estabilizada, e por ocorrerem em determinados contextos.

Os documentos que compõem o *corpus* desta pesquisa, no caso as certidões de óbito manuscritas no século XIX, estão repletos de fraseologias com as configurações citadas acima, as quais selecionamos e analisamos como parte do desenvolvimento deste trabalho. É importante ressaltar que mesmo sendo o gênero certidão já caracterizado como texto de especialidade por suas características específicas formais, portanto, as fraseologias que especificam a *causa mortis* são também fraseologias especializadas.

O gênero certidão de óbito, por sua vez está imbricado numa estrutura formal estabelecida pela hierarquia da Igreja. Os vigários escreventes, como membros de uma comunidade discursiva específica, no caso, a comunidade eclesiástica, utilizam a linguagem de seu desconhecimento para denominar as causas das mortes; consideramos essa linguagem especializada por ser de uso de um grupo responsável pelos registros dos óbitos, mesmo não possuindo conhecimento técnico-científico em medicina para designar os nomes técnicos das doenças que causavam a morte do povo da comunidade jaguaribana, no século XIX, eram as autoridades competentes a registrarem os óbitos.

## 2.6 O GLOSSÁRIO FRASEOLÓGICO

Antes de iniciarmos as concepções sobre o glossário fraseológico, reservamos um pequeno espaço para entendermos, primeiramente o que é o glossário e suas atribuições. Também queremos mostrar suas divergências em relação ao dicionário e ao vocabulário.

Em primeiro lugar, entendemos o dicionário, o glossário e o vocabulário como uma lista de palavras de uma determinada língua, organizada, na maioria das vezes, em ordem alfabética, as quais possuem definições reais ou aproximadas de seu uso.

Para tentar definir sinteticamente o que são cada uma dessas ferramentas de organização lexical, apresentaremos, a seguir, as definições elencadas por alguns dicionários e dicionaristas de renome mundial:

**Dicionário:** s.m. (lat. Tard. *Dictionarium*, de *dictio*, *dicyionis*, discurso). Obra que relaciona, em ordem alfabética, as palavras de uma língua ou de um conjunto de palavras, com informações sobre seu significado ou sua tradução em outra língua.

**Glossário:** s.m. (lat. *glossarium*). 1. Compilação de glosas. 2. Lista alfabética colocada ao fim de uma obra que esclarece o sentido das palavras nela utilizadas. 3. Dicionário que trata de um domínio especializado.

**Vocabulário:** s.m. (lat. *vocabularium*). 1. Conjunto de vocábulos empregados em um discurso ou dominado pelo falante de uma língua. 2. Conjunto de termos próprios de uma ciência, técnica, grupo ou autor. **Ling.** Conjunto de palavras compiladas em uma obra lexicográfica, como um dicionário ou um glossário. (LAROUSSE, 2004, p. 287, 447, 962).

Observando as definições de Larousse (2004), percebemos que em ambas a distinção, em maior teor, ocorre no termo *dicionário*, o mesmo é definido como um conjunto de palavras de uma língua disposto em ordem alfabética. Ao passo que os termos *glossário* e *vocabulário* remontam a conjuntos específicos e sucintos de palavras.

Welker (2004, p. 24) observa que outro dicionário muito utilizado mundialmente, o *Michaelis*, lista os termos léxico, vocabulário e glossário, simplesmente como sinônimos. O mesmo ocorre em nossa cultura, frequentemente, compreendemos dicionário e vocabulário como sinônimos, o mesmo ocorre com vocabulário e glossário. Contudo, para compreensão desta pesquisa, uma vez que nosso objeto maior é o glossário de *causa mortis*, precisamos ter em mente, sobretudo, a definição que diz respeito ao glossário. O conceito que mais nos satisfaz é justamente a concepção defendida por Barbosa (1995 *apud* WELKER, 2004, p. 24), o qual concebe o glossário como uma representação de um texto manifestado, de discursos exclusivos e bem determinados.

Essa representação de discursos exclusivos e bem determinados, por sua vez, deve seguir determinadas estruturas de organização interna e externa, as quais chamamos de macroestrutura e microestrutura. Nosso glossário fraseológico obedecerá alguns padrões macroestruturais e microestruturais, por isso, discutiremos este assunto no tópico seguinte.

## 2.7 MACROESTRUTURA E MICROESTRUTURA

A organização do léxico, no que diz respeito às suas estruturas organizacionais, é amplamente discutida pelos estudiosos da Linguística, mesmo assim, ainda se encontram em estado insatisfatório de definição. A microestrutura carece ainda de parâmetros mais delimitadores. Contudo, Welker (2004), com base em várias outras teorias, é um dos estudiosos que apresenta uma das discussões mais plausíveis acerca da macroestrutura e da microestrutura na organização lexical.

Welker (2004, p.80) afirma que “a macroestrutura refere-se à forma como o corpo do dicionário é organizado, e pode ser caracterizada mediante as seguintes perguntas: O arranjo das entradas é temático ou alfabético? Os verbetes têm todos o mesmo formato?”. As respectivas respostas das questões acima podem nos fornecer um panorama da organização de determinados dicionários ou glossários. Sendo estes baseados na grafia.

No que se refere ao tamanho, ou quantidade de lexias da macroestrutura (nomenclatura), é de responsabilidade e decisão do lexicógrafo a inclusão ou não das lexias. Há certo consenso entre os lexicógrafos quanto ao número aproximado de verbetes para cada tipo de dicionário. Porém, para o glossário e o vocabulário ainda não foi possível encontrar menção ao tamanho de sua nomenclatura. Supõe-se que se aplique a mesma regra dos dicionários, defendida por Welker (2004). Para reiterar, fica a cargo do lexicógrafo escolher a quantidade de lexias para compor o seu trabalho.

Tão relevante quanto o tamanho da nomenclatura de um dicionário, é a fonte das lexias. A partir de meados do século XVIII, os lexicógrafos passam a se utilizar de um *corpus* para extrair as lexias. O *corpus*, na maioria das vezes, se constituía de textos autênticos representativos da variedade de uso linguístico na comunidade. Somente no século XX, foi criado o primeiro *corpus* eletrônico, daí por diante, os lexicógrafos têm se aproveitado, cada vez mais, dos *corpora* eletrônicos. Desses *corpora* extraem-se primeiro os lexemas (eliminando-se geralmente os mais raros), depois verifica-se também como eles são usados (WELKER, 2004, p. 89).

Percebemos que a forma de uso dos termos deve ser levada em consideração, pois um dicionário esvazia-se quando meramente se catalogam os termos, visto que o público visado também deve ser levado em conta pelo

lexicógrafo. No que se refere ao glossário de *causa mortis* nosso público alvo, primeiramente, serão aqueles interessados no léxico histórico da língua portuguesa no século XIX, além de pessoas ligadas às ciências da saúde e das doenças, sociólogos etc. Os aspectos macroestruturais e microestruturais, portanto, são determinados visando a esse público alvo.

Em suma, quanto mais aproximada a relação lexicógrafo, *corpus*, léxico e público alvo, melhor a eficácia do dicionário. Lembremos que as regras dessas relações também se direcionam para a confecção de vocabulários e glossários. Mesmo assim, a organização macroestrutural, por si só, é incompleta.

Após a escolha e a disposição dos verbetes (em ordem alfabética ou não), torna-se necessário defini-los de forma padronizada. Eis que atingimos a microestrutura do conjunto lexical.

Welker (2004) apresenta a microestrutura como o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada. E, ainda, acrescenta que a microestrutura deve ser organizada de forma constante, isto é, igual, padronizada, em todos os verbetes. A microestrutura é também

[...] composta das 'informações' ordenadas que seguem a entrada e tem uma estrutura constante, correspondendo a um programa e a um código de informações aplicáveis a qualquer entrada. Denominamos 'verbeta' a esse conjunto de Entrada + Enunciado Lexicográfico. (WELKER, 2004, p.107).

Esse padrão mostra-se bastante aceitável, tanto é que, em nossos dicionários, visivelmente encontramos os verbetes dispostos dessa estrutura padrão (entrada + enunciados lexicográficos). Um padrão semelhante a este será adotado para a organização do glossário fraseológico de *causa mortis*, nosso objeto de estudo.

Uma vez estabelecidas estruturas organizacionais externas e internas é preciso definir as lexias. Talvez seja a tarefa mais árdua do trabalho de elaboração do glossário. De fato, ao lexicógrafo é designada a responsabilidade com o manejo semântico, levando em consideração as questões socioculturais do contexto discursivo em que a palavra está inserida.

Sobre as definições, Welker (2004) apresenta as concepções de Imbs (1960 *apud* WELKER, 2004), o qual afirma que a tradição aristotélica e escolástica distinguem as definições de palavras e as definições de coisas, e diz mais:

Do ponto de vista linguístico, todas as definições são definições de palavras. Elas não têm, efetivamente, nenhuma pretensão à objetividade, querendo apenas traduzir o que, a respeito de um dado objeto, a palavra sugere à mente num dado ambiente histórico. (IMBS, 1960, p.9 *apud* WELKER, 2004, p.118).

Compreendemos, portanto, que o sentido atribuído a uma palavra deve alcançar a mente do indivíduo que faz parte de determinado contexto discursivo. Sentidos concretos, fechados, muitas vezes não satisfazem as necessidades dos usuários da língua, por outro lado, se temos um trabalho de cunho terminológico devemos excluir ambiguidades e polissemias.

No capítulo reservado aos procedimentos metodológicos discorreremos com mais detalhes sobre a macroestrutura e a microestrutura do glossário de *causa mortis*, mas antes de iniciarmos os aspectos exclusivos do glossário, discutiremos também os detalhes do *corpus*, bem como os detalhes de sua edição.



### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que se refere aos procedimentos metodológicos, nossa pesquisa está dividida em duas partes. A primeira parte, de caráter filológico, volta-se para a edição semidiplomática das certidões de óbito manuscritas no século XIX, mais especificamente no período de 1801 a 1850. A edição segue as normas recomendadas pelo grupo de estudos PRAETECE, as quais veremos detalhadamente em um tópico adiante. O trabalho de edição inclui, também, a contextualização dos manuscritos, tanto em nível social, quanto histórico e geográfico. A segunda parte aborda os procedimentos de caráter linguístico sobre o fazer glossário, que, por sua vez, destina-se às fraseologias da língua de especialidade, que designam as causas de morte ocorridas naquele momento, naquela comunidade.

As certidões estão dispostas em três códices selecionados cuidadosamente, os quais abrangem a maior parte do Vale do Jaguaribe, e abrangem, em termos de período histórico, o final do período colonial e o início do período imperial brasileiro, fase repleta de grandes transformações políticas, econômicas e sociais no Brasil.

#### 3.1 DO *CORPUS* DA PESQUISA

##### 3.1.1 Da caracterização geral do *corpus*

O *corpus* dessa pesquisa é constituído por certidões de óbito escritas por vigários na primeira metade do século XIX, no Vale do Jaguaribe, no Estado do Ceará, certidões estas que fazem parte do acervo histórico do Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte. A escolha das certidões ocorre, primeiramente, pela importância desse gênero em meio aos estudos filológicos e, também, pelo fato de ainda haver, no Brasil, poucos estudos histórico-lexicográficos que contemplem esse tipo de gênero, bem como glossários voltados para causas de morte. A escolha desse período, por sua vez, deveu-se ao fato de que, apesar de haver certidões de óbito manuscritas desde 1735, as causas de morte só passaram a ser descritas a partir de 1793, chegando a ser mais efetivas a partir de 1800.

As certidões que foram editadas, tanto na forma fotografada quanto na forma semidiplomática, fazem parte dos seguintes livros de assentos: Livro de Óbitos da Paróquia de Aracati (iniciado em 3/11/1791 e encerrado em 5/2/1807); Livro de Óbitos da Paróquia de Russas (iniciado em 27/12/1825 e encerrado em 26/4/1858); Livro de Óbitos da Paróquia de Russas (iniciado em 20/9/1836 e encerrado em 29/9/1872). As certidões contêm informações sobre os óbitos dos habitantes do Vale do Jaguaribe na primeira metade do século XIX.

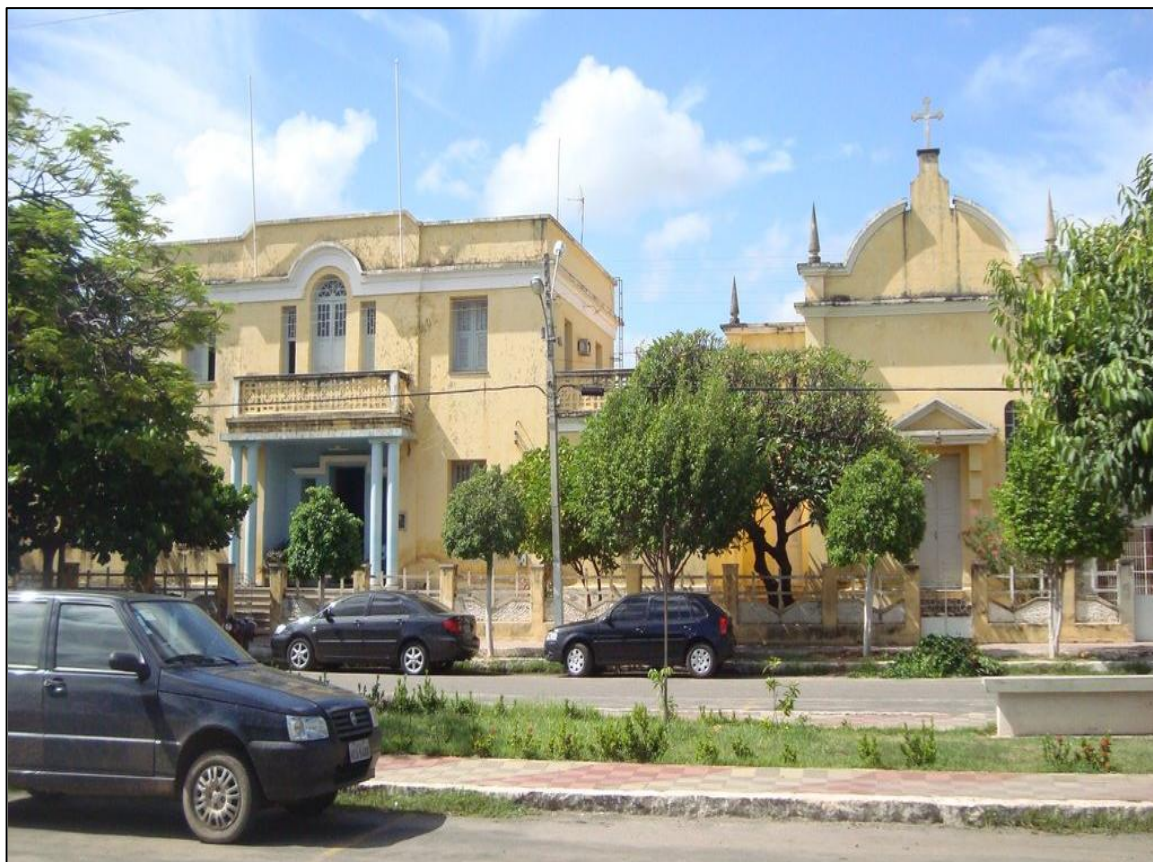
Por sua vez, os três códices citados acima fazem parte do Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte (ADLN), guardados no Palácio Episcopal da cidade de Limoeiro do Norte, situado na Rua Coronel Francisco Remígio, 381, no centro da referida cidade.

### **3.1.2 Do Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte (ADLN)**

O Palácio Episcopal foi construído na década de 1930 e inaugurado no ano de 1938, mesmo ano da criação da Diocese de Limoeiro do Norte. A partir de então, aos documentos/arquivos das paróquias filiadas foram transferidos para a Secretaria Geral do Bispado, sediada nesse mesmo palácio, que também funciona como residência do atual bispo, Dom José Häring.

É importante ressaltar que a Secretaria Geral do Bispado atende, exclusivamente, os assuntos relacionados à Cúria ou bispado, não há secretaria exclusiva do Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte, além do mais, o acesso aos documentos é restrito a pesquisadores e/ou pessoas ligadas à Igreja.

**Figura 4 – Palácio Episcopal de Limoeiro do Norte**



Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/19171012>.

A construção do início do século XX, ao mesmo tempo em que possui padrões de palácio residencial, possui também vários oratórios, espaços de convivência e uma capela, conservando o padrão religioso da sede episcopal. No piso superior estão distribuídos os quartos e oratórios, e no piso inferior se localizam várias salas, corredores e a capela. Numa das pequenas salas, de aproximadamente 30m<sup>2</sup>, logo na entrada no palácio, estão organizados os livros de registros do arquivo da diocese. As outras salas funcionam como secretaria da Diocese e escritório do bispo.

**Figura 5 – Livros do Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte**



Fonte: Elaborada pela autora.

No arquivo constam centenas de livros de registros de casamento, batizados, óbitos, além de cartas pastorais de todas as paróquias da diocese. Os documentos mais antigos datam da primeira metade do século XVIII e os mais recentes datam da segunda metade do século XX, como bem afirma Chaves (2010, p.11),

O Livro 01, destinado ao assento dos Registros de Casamento e Óbito da Paróquia de Aracati, constitui-se no mais antigo dos fundos de documentação do referido arquivo, cuja data de abertura corresponde ao longínquo ano de 1742. Já o Livro 106 de Registro de Batismo, da Paróquia de Russas, constitui-se no mais recente dos registros paroquiais, cuja data de abertura diz respeito ao ano de 1989.

É evidente a riqueza documental do arquivo da diocese, chegando a ser objeto de interesse de representantes alemães da Igreja Católica. Segundo Vasconcelos Junior (2006), na década de 1980 foi feita uma microfilmagem, por membros da igreja alemã, dos documentos do acervo. Posteriormente, os

documentos foram reorganizados e fotografados por pesquisadores da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, situada no mesmo município. Os documentos editados no formato fotografado estão disponíveis ao público em geral, necessitando apenas de autorização prévia do bispo da diocese.

Para termos uma noção aproximada dos conteúdos do acervo, mostramos a seguir um breve inventário dos documentos que datam dos séculos XVIII e XIX. Os livros mais antigos registram batizados, casamentos e óbitos. A maioria dos livros registra apenas um tipo de assento, porém, é importante ressaltar que em alguns livros há registros de batizados, casamentos e óbitos, uma vez que as páginas deveriam ser completamente preenchidas. Em alguns livros, verificamos que as páginas em branco foram aproveitadas para os registros da contabilidade das paróquias.

No quadro abaixo podemos observar o tipo de assento que os livros registram, bem como a paróquia a que pertenciam, sua data de abertura e encerramento. É importante observar que em alguns livros não é possível saber a data precisa de abertura e nem de encerramento.

**Quadro 1 – Inventário do Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte**

<b>Livro de Assentos</b>	<b>Paróquia</b>	<b>Data de abertura</b>	<b>Data de encerramento</b>
Casamentos	Aracati	30/08/1766	15/07/1783
Batizados, casamentos e óbitos	Aracati	22/05/1772	02/11/1762
Óbitos	Aracati	02/04/1793	16/10/1796
Casamentos	Aracati	17/11/1797	10/09/1807
Óbitos	Aracati	03/11/1791	05/02/1807
Casamentos	Aracati	07/09/1807	10/09/1807
Batizados	Aracati	24/04/1776	11/1798
Batizados	Aracati	11/07/1780	02/03/1788
Batizados	Aracati	02/10/1778	11/04/1809
Casamentos	Aracati	30/08/1766	15/07/1783
Casamentos	Aracati	04/09/1780	14/11/1797

Casamentos	Aracati	17/11/1797	10/09/1807
Óbitos	Aracati	22/04/1793	16/10/1796
Óbitos	Aracati	20/08/1780	27/04/1791
Óbitos	Aracati	19/01/1795	-
Batizados	Aracati	15/12/1764	09/05/1809
Batizados	Aracati	01/10/1766	04/01/1780
Batizados	Aracati	02/07/1750	28/11/1775
Batizados	Aracati	14/08/1771	-
Batizados	Aracati	04/09/1780	12/11/1868
Batizados	Aracati	12/12/1764	09/05/1809
Batismos, casamentos e óbitos	Jaguaretama	05/08/1784	02/08/1829
Batizados	Amontada	03/06/1886	20/06/1888
Batizados	Amontada	16/07/1836	-
Batizados	Amontada	09/05/1829	08/07/1836
Batizados	Amontada	25/06/1877	08/09/1883
Batizados	Amontada	21/10/1845	17/08/1846
Casamentos	São João	15/07/1776	23/08/1835
Batismos, casamentos e óbitos	São João	09/03/1742	05/08/1768
Óbitos	São João	1786	1862
Óbitos	Tabuleiro do Norte	20/09/1836	22/09/1872
Batizados	Russas	27/05/1730	15/05/1761
Batizados	Russas	1761	1788
Batizados	Russas	06/09/1754	25/04/1764
Batizados	Russas	15/07/1776	23/08/1835
Casamentos	Russas	07/01/1841	03/02/1857
Casamentos	Russas	03/02/1857	07/11/1885
Óbitos	Russas	1768	1785
Óbitos	Russas	28/11/1775	01/08/1795
Óbitos	Russas	27/12/1825	26/04/1858

Óbitos	Russas	1871	1878
Batismo e Casamentos	Russas	20/04/1760	10/02/1799
Casamentos	Russas	12/07/1872	26/03/1881
Óbitos	Russas	24/04/1858	24/09/1898
Óbitos	Limoeiro do Norte	08/08/1878	05/04/1886
Óbitos	Limoeiro do Norte	05/04/1886	29/11/1893
Óbitos	Limoeiro do Norte	1893	1896
Óbitos	Limoeiro do Norte	16/06/1896	20/10/1903
Casamentos	Limoeiro do Norte	01/03/1881	22/09/1890
Casamentos	Limoeiro do Norte	24/01/1884	09/08/1886
Casamentos	Limoeiro do Norte	24/04/1890	30/01/1894
Casamentos	Limoeiro do Norte	20/01/1896	17/11/1907
Batizados	Limoeiro do Norte	21/07/1878	29/04/1871
Óbitos	Limoeiro do Norte	16/06/1896	20/10/1903
Batizados	Limoeiro do Norte	14/12/1883	11/10/1885
Batizados	Limoeiro do Norte	11/10/1885	06/08/1886
Batizados	Limoeiro do Norte	07/08/1886	03/10/1889
Batizados	Limoeiro do Norte	26/06/1889	22/01/1923
Batizados	Limoeiro do Norte	31/05/1890	22/03/1891
Batizados	Limoeiro do Norte	09/12/1891	17/08/1892
Batizados	Limoeiro do Norte	25/02/1892	25/06/1893
Batizados	Limoeiro do Norte	01/07/1893	26/06/1894
Batizados e casamentos	Limoeiro do Norte	28/06/1894	03/11/1895
Batizados	Limoeiro do Norte	16/11/1895	23/06/1897

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos livros que se referem às paróquias estão inseridas diversas vilas que passaram ao patamar de município no século XX, é o caso, por exemplo, da Fazenda Palhano, atual município de Palhano, e Arraial da Caatinga do Góis, atual Jaguaruana. No caso de Amontada, mesmo não pertencendo à região do Vale do

Jaguaribe, os livros foram recebidos pelo arquivo da diocese, o que também ocorre com um livro do município de Quixeramobim. Este último não é citado devido ao seu péssimo estado de conservação e imprecisão das datas de abertura e encerramento.

As Cartas Pastorais, que também compõem o arquivo, são os documentos mais solenes dos bispos ou da Conferência Episcopal. São elaboradas pelos bispos e dirigidas ao clero ou aos fieis de sua diocese, dando-lhes orientação doutrinária, religiosa e moral. Pela sua importância, todas são registradas nos Livros de Tombo da Diocese. A maioria das Cartas Pastorais da Diocese de Limoeiro do Norte foi escrita por Dom Aureliano Matos, uma das personalidades religiosas mais importantes da região jaguaribana, e retratam, de acordo com Vasconcelos Junior (2006, p.75), “sua visão doutrinária, política, intelectual, disciplinadora, evidenciando a face conservadora da igreja cearense, de então, reflexo da postura da Igreja Católica Apostólica Romana”.

### **3.1.3 Dos códices selecionados**

Ao todo são três códices editados e analisados. A escolha destes códices deu-se, primeiramente, pelo seu estado razoável de conservação, em segundo lugar, por contemplar um número aproximado de 2.500 certidões, das várias comunidades do Vale do Jaguaribe, e, principalmente, pela importância dos textos para salvaguardar nossa língua e nossa cultura.

Todos os livros possuem encadernação original, contudo, podemos observar que existe uma proteção de papel nas lombadas, para que sejam preservadas as capas, que medem aproximadamente 2mm de espessura. Todos os códices medem 345mm por 220mm e encontram-se dispostos em uma estante de madeira, em uma sala reservada aos livros de registros da Diocese de Limoeiro do Norte, que, por sua vez, estão guardados no Palácio Episcopal, como dito anteriormente.

O primeiro códice pertence à Paróquia de Aracati e contém as certidões produzidas no período de 1791 a 1807, referentes à Vila de Santa Ana da Caatinga do Goes, atual Jaguaruana. Em sua capa, de cor amarronzada e sem estampas, podemos observar, no canto central superior, uma etiqueta, anexada à capa posteriormente e escrita à máquina datilográfica, contendo as seguintes



informações: Paróquia de Aracati, creada (sic) em 20/6/1780, assentos, iniciado em 3/11/1791 e encerrado em 5/2/1807. Este códice possui 148 fólhos, todos preenchidos (rosto e verso). Alguns fólhos com apenas 3 assentos, outros com 4, 5, 6 e até 7 assentos.

**Figura 6 – Códice 1 – Paróquia de Aracati**



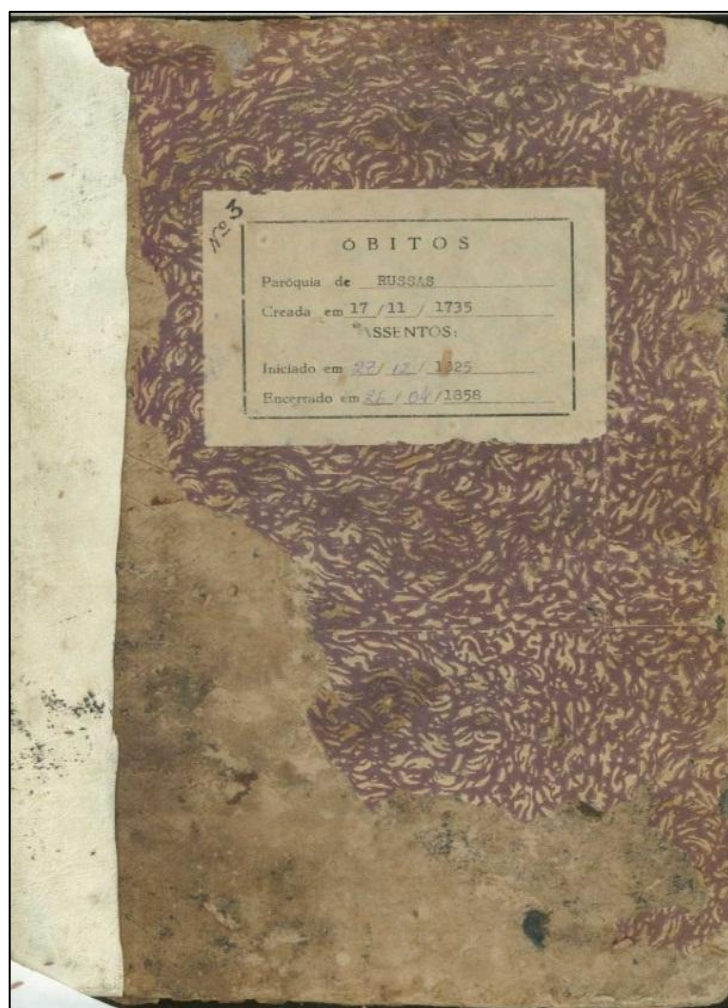
Fonte: Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

Ainda sobre o primeiro códice, o número aproximado de registros chega a 1010 certidões, todas manuscritas em língua portuguesa. Seus fólhos se encontram em bom estado de conservação, contudo, podemos observar pontos isolados de oxidação devido ao material utilizado para compor a tinta. Podemos observar também vestígios de umidade que atingem 71 fólhos e que ocasionaram desgastes nas extremidades. Deste livro, editamos apenas as certidões dos anos de 1800 a

1807, uma vez que a *causa mortis*, nosso ponto de interesse, passa a ser abundante somente a partir desse período, perfazendo o total de 511 certidões editadas.

No que diz respeito ao segundo códice em análise, pertencente à Paróquia de Russas, é o que se encontra em estado mais precário de conservação. De início, já podemos observar que alguns fólios se encontram desprendidos de sua encadernação. Também, em todos os fólios, inclusive na capa, há manchas provenientes de umidade, que se espalham em quase toda a página.

**Figura 7 – Códice 2 – Paróquia de Russas**



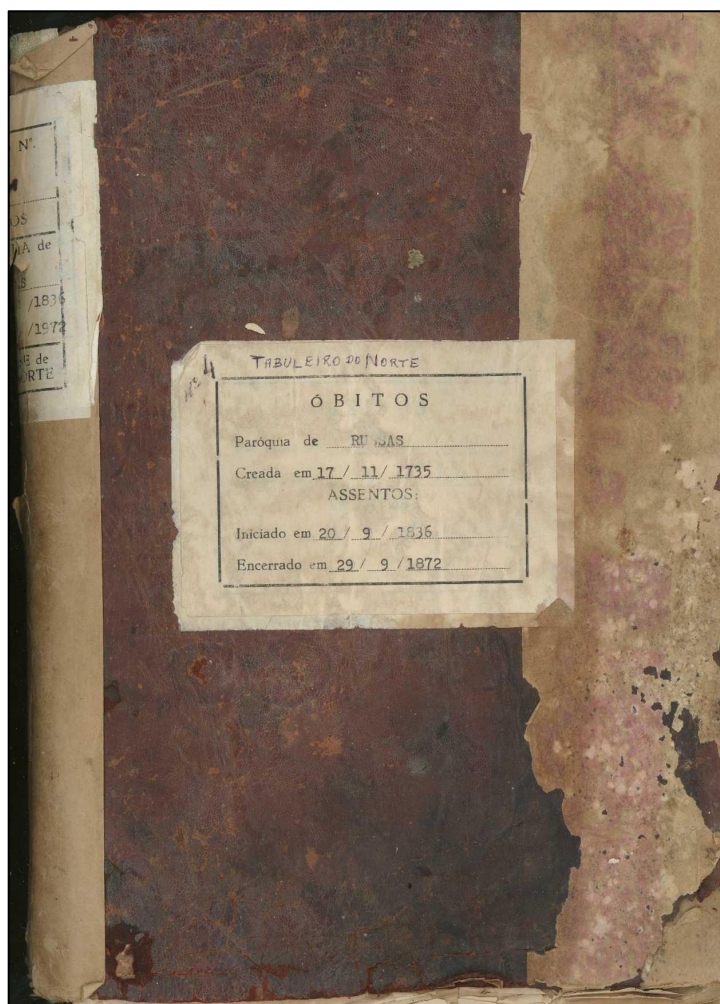
Fonte: Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

Sua capa dura, estampada (traços aleatórios), também possui uma etiqueta colada à mesma, posteriormente, com as seguintes informações datiloscritas: Nº 3 (manuscrito), Paróquia de Russas, criada (sic) em 17/11/1735, assentos iniciado em 27/12/1825 e encerrado em 26/4/1858. Dos seus 124 fólios, 4

se encontram já em pedaços. Todos os fólhos estão preenchidos com 4 (em sua maioria), 5, 6 ou 7 assentos por fólho, perfazendo um número aproximado de 1240 assentos em todo o códice.

O terceiro e último códice, também da Paróquia de Russas, apresenta uma capa dura e sem estampas, amarronzada, está bastante danificada e corroída da direita para a esquerda. No total são 104 fólhos, em que são registrados de 2 a 4 assentos por fólho, contabilizando aproximadamente 336 certidões registradas. Ressaltamos que foi possível apenas a edição de 202 certidões dada a deteriorização do códice.

**Figura 8 – Códice 3 – Paróquia de Russas**



Fonte: Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

Neste códice muitos fólhos estão soltos, fora de ordem e com trechos isolados pela oxidação por tinta. Também são perceptíveis os danos causados pela

umidade. Na etiqueta, anexada posteriormente, contém as seguintes informações: Nº 4, Tabuleiro do Norte (manuscrito), Óbitos, Paróquia de Russas, criada (sic) em 17/11/1735, assentos iniciados em 20/9/1836 e encerrado em 29/9/1872.

### 3.2 DAS NORMAS DE EDIÇÃO DOS DOCUMENTOS

Após tomarmos conhecimento sobre os códices utilizados na presente pesquisa, torna-se imprescindível aprofundarmos nossos conhecimentos sobre a edição semidiplomática, bem como suas regras, uma vez que é o tipo de edição que adotamos para o presente estudo.

No caso do nosso material de estudo, as certidões de óbito foram editadas uma única vez na forma fotografada, um dos tipos de edições recomendadas pela crítica textual. Conforme Cambraia (2005, p. 91) a edição fac-similar “baseia-se, em princípio, no grau zero de mediação, porque nesse tipo apenas se reproduz a imagem de um testemunho através de meios mecânicos, como xerografia, escanerização etc.”. Para o mesmo autor é um tipo de edição muito vantajosa, isso porque permite o acesso de forma quase direta ao texto original.

As normas adotadas para a edição dos documentos são as seguintes e estão disponíveis no blog do grupo de pesquisa PRAETECE (fonte: <http://praetecece.blogspot.com.br/search?updated-min=2013-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2014-01-01T00:00:00-08:00&max-results=50>):

1. A transcrição será conservadora.

2 As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se, em *itálico* e em **negrito**, as letras omitidas na abreviatura, obedecendo aos seguintes critérios:

- a) respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiosincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência “munto”, que leva a abreviatura: m.<sup>to</sup> a ser transcrita “munto”;
- b) no caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual, como no caso de ocorrências “Deos” e “Deus”, que levam a abreviatura: D<sup>s</sup> a ser transcrita “Deus”

3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, (desde que não haja nenhuma dúvida, em havendo, prefere-se separar as palavras), não se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: *epor ser; aellas; daPiedade; ominino; dosertão; mostrandoselhe; achandose; seseque.*

4. A pontuação original será rigorosamente mantida, assim como a translineação.

5. A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração. Exemplos: *aRepublica; decommercio; edemarcando também lugar, Rey D. Jose; oRio Pirahý; oexercicio; hé m.<sup>to</sup> convenientes.*

6. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original, (desde que não haja dúvida, em havendo, prefere-se a forma minúscula). No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.

7. Eventuais erros do escriba ou do copista serão remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção. Exemplo: nota 1. *PirassocundaporPirassonunga;* nota 2. *Deligonciapordeligencia;* nota 3. *Adverdinto por advertindo.*

8. Inserções do escriba ou do copista na entrelinha ou nas margens superior, laterais ou inferior entram na edição em nota de rodapé, indicando-se a linha de ocorrência.

9. No caso de repetição que o escriba ou o copista não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor que a coloca entre colchetes duplos. Exemplo: *fugi[[gi]]ram correndo [[correndo]] emdiração opaco.*

10. Intervenções de terceiros no documento original devem aparecer no final do documento, informando-se a localização.

11. Intervenções do editor hão de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre colchetes. Exemplo: não deixe passar [registro] de Áreas.

12. Letra ou palavra não legível serão indicadas entre colchetes com a forma [ilegível]. Letra ou palavra deteriorada justifica a intervenção do editor na forma do item anterior, com a indicação entre colchetes: [deteriorada].

13. Trecho de maior extensão não legível por deterioração receberá a indicação [corridas + ou – 5 linhas]. Se for caso de trecho riscado ou inteiramente anulado por borrão ou papel colado em cima, será registrada a informação pertinente entre colchetes e sublinhada.

14. A disposição das linhas do documento original será mantida na edição, sem necessidade de nenhuma marca. A mudança de fólio receberá a marcação com o respectivo número na sequência, alinhado à direita da seguinte forma: fl.1v. fl.2r. fl.2v. fl.3r.

15. Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira contínua por documento.

16. As assinaturas simples ou as rubricas do punho de quem assina serão sublinhadas. Os sinais públicos (nome de outra pessoa) serão indicados entre colchetes. Exemplos: assinatura simples: Bernardo Jose de Lorena; sinal público: [Bernardo Jose de Lorena].

De acordo com as informações do blog do grupo PRAETECE, as normas citadas acima foram adaptadas a partir das normas elaboradas pelo grupo Para a História do Português Brasileiro (PHPB) em 1998 e encontram-se publicadas em Mattos e Silva (2006). Sendo que algumas delas foram adaptadas pelo PRAETECE.

Nenhum códice foi manuseado na realização da atividade de edição<sup>9</sup>, justamente para se evitar mais danos aos livros e, conseqüentemente, contribuir para a conservação dos mesmos. Utilizamos a edição fac-similar (fotografia) que já existente, uma vez que a imagem é de excelente qualidade, o que nos permite uma boa leitura dos assentos, por meio de um computador.

O trabalho de edição durou dezoito meses, em média seis meses para cada códice. Ao todo foram editadas 1553 certidões, que compõem o primeiro volume deste trabalho. Os assentos muito danificados pela ação do tempo não foram editados, por conta da quase total ilegibilidade dos documentos.

### 3.3 DA CONTEXTUALIZAÇÃO DO *CORPUS*

Para compreendermos a diversidade do *corpus*, é interessante conhecer um pouco da história da Diocese de Limoeiro do Norte, uma vez que, ao manusear os livros, facilmente percebemos que os registros são oriundos de várias cidades, vilas ou comunidades do Vale do Jaguaribe.

O Vale do Jaguaribe é uma macrorregião do Estado do Ceará, que compreende os municípios de Alto Santo, Aracati, Ererê, Fortim, Ibicuitinga, Icapuí, Iracema, Itaiçaba, Jaguaretama, Jaguaribara, Jaguaribe, Jaguaruana, Limoeiro do Norte, Morada Nova, Palhano, Pereiro, Potiretama, Quixeré, Russas, São João do Jaguaribe e Tabuleiro do Norte. Para contextualizar melhor, mostramos os mapas a seguir:

---

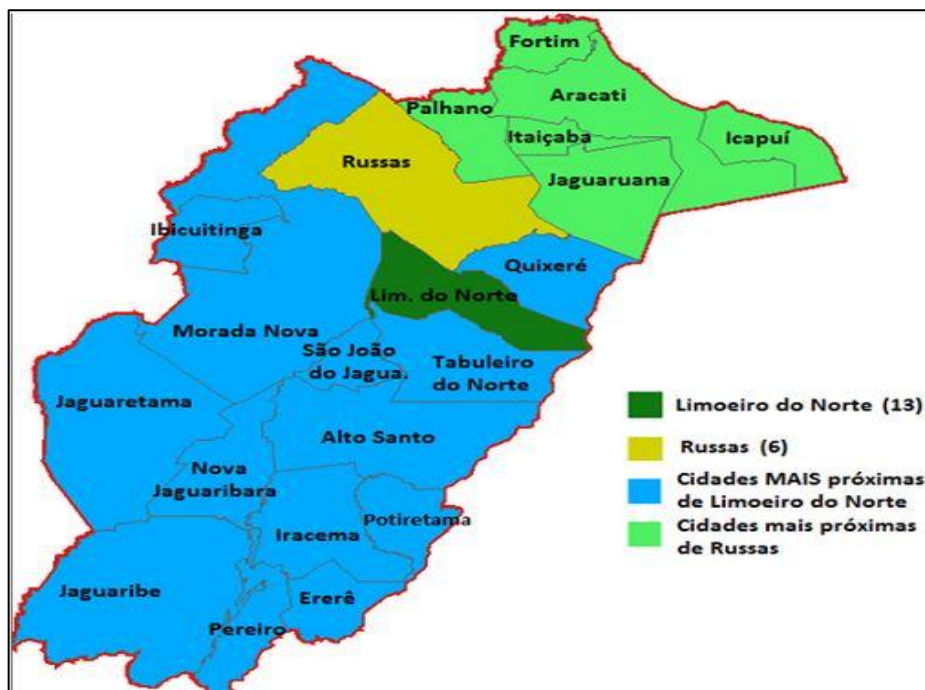
<sup>9</sup> A edição dos códices Óbitos, inicialmente será publicada em formato eletrônico, no blog do grupo PRAETECE, no seguinte endereço: <http://praetece-ce.blogspot.com.br/>.

**Figura 9** – Mapa do Ceará com o Vale do Jaguaribe em destaque



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mesorregi%C3%A3o\\_do\\_Jaguaribe](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mesorregi%C3%A3o_do_Jaguaribe).

**Figura 10** – Mapa do Vale do Jaguaribe



Fonte: <http://www.tvjaguar.com.br/site/noticia.php?Tid=9907>.



Também é importante ressaltar que, segundo Chaves (2010), muito antes da formação da diocese, por ocasião do Concílio de Trento (1545-1563), a Igreja Católica tornou obrigatório os registros de batismo, casamento e óbito. Além de instituir formas de controle da população, a Igreja também definiu normas para padronizar os registros mencionados, os quais se constituem nos seus três principais sacramentos.

A maioria dos registros foi feita fora da jurisdição eclesiástica de Limoeiro do Norte, atual sede do bispado, isso por que houve uma demora para que a comunidade se firmasse enquanto paróquia, ficando então subordinada à paróquia de Russas por mais de um século. Os registros começaram a ser feitos em Limoeiro do Norte somente a partir de 1864, pois “De fato, a história de Limoeiro consiste em mero apêndice pouco significativo da história de Russas, de quem dependeu, eclesiasticamente, de 1735 até 1864 (criação da paróquia de Limoeiro)” (LIMA, 1996, 214).

Por esse motivo, não abordamos em nosso estudo nenhum código ou texto referente à Paróquia de Limoeiro do Norte, pois nossa pesquisa limita-se a um período em que ainda não havia registros referentes a tal paróquia. Na primeira metade do século XIX as principais paróquias do Vale do Jaguaribe eram Aracati, Tabuleiro do Norte e Russas, sendo esta última a que possui maior destaque.

Russas foi, durante mais de um século, vasto império eclesiástico, e ainda é um dos mais importantes municípios da região jaguaribana. Segundo Lima (1996), era em Russas que os visitantes do bispo de Recife ‘aterrissavam’. Até 1845, data da benção da capela de Limoeiro, os atos religiosos solicitados pelos limoeirenses eram quase todos celebrados em Russas.

Havia quase sempre a confusão entre a área da paróquia e a área do município. O fato é que no começo tudo dependia de Aquiraz, primeira vila fundada no Ceará, quer no domínio político-judiciário, quer no domínio eclesiástico, paróquia que deveria abranger todo o Ceará. De acordo com Lima (1996), a freguesia de Russas desmembrou-se de Aquiraz em 1735, por provisão de D. Frei José Fialho, sexto bispo de Olinda. Russas funcionava como sede do bispado, paróquia de prestígio e com vigário de vara<sup>10</sup> desde 1735. A povoação foi elevada à vila em 1801.

---

<sup>10</sup> Vigário nomeado por prazo determinado.

Dessa forma, Russas centralizava toda a vida religiosa e, conseqüentemente, política da vasta região jaguaribana. Limoeiro não tinha, até 1845, sequer uma capela, dirigindo-se a população para os atos religiosos às capelas vizinhas (Russas, Tabuleiro e São João do Jaguaribe).

A capela de Limoeiro foi sagrada somente em 1845, pelos padres Joaquim Domingues Carneiro, cura de Russas, Pe. Vicente Rodrigues da Silva Vasconcelos, fazendeiro em Limoeiro, Pe. Manuel Vicente Colares, capelão de Tabuleiro d'Areia, Pe. Ambrósio Rodrigues da Silva, fazendeiro em Barra do Figueiredo e Pe. João Batista Alves. (LIMA, 1996, p.218).

Ainda, segundo o mesmo autor, em 1864, quase vinte anos depois de construída a capela, foi criada a freguesia de Limoeiro, cuja sede inicialmente foi São João. Ainda assim, Russas continuou como centro religioso, atraindo para as atividades religiosas os vigários das redondezas do Apodi à Morada Nova e de Aracati a Icó. Depois de 74 anos da criação da paróquia, numa reviravolta espetacular, Limoeiro tornou-se sede do bispado, com jurisdição sobre todo Baixo-Jaguaribe (Aracati, Limoeiro do Norte, Ibicuitinga, Morada Nova, São João do Jaguaribe, Tabuleiro do Norte, Icapuí, Russas, Quixeré, Jaguaruana, Itaiçaba, Palhano e Fortim) tendo como bispo D. Aureliano Matos.

Foi assim que, no dia 07 de maio de 1938, a Anunciatura Apostólica criava a terceira diocese do Estado do Ceará, a da Região Jaguaribana pela Bula Ad Dominicum, do Papa Pio XI. Em 1940 foi escolhido o primeiro bispo, Dom Aureliano Matos. (VASCONCELOS JUNIOR, 2006, p.64).

A partir da criação da Diocese, a cidade de Limoeiro do Norte passou por profundas mudanças em seu desenvolvimento religioso, social e político. No que diz respeito ao desenvolvimento instrucional, o maior destaque é para a criação da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM, fundada no ano de 1966, atualmente é um dos *campi* da Universidade Estadual do Ceará.

A par das informações gerais do *corpus*, partimos então para o detalhamento do estudo fraseológico, desde a sua seleção até a organização do glossário.

### 3.4 DO ESTUDO DAS FRASEOLOGIAS

#### 3.4.1 A Seleção e a Coleta das unidades fraseológicas

A seleção e a análise das unidades fraseológicas foram feitas durante o período de edição. Levamos em consideração os preceitos de Corpas Pastor (1996) e, principalmente, os critérios de Bevilacqua (1996). As primeiras concepções de Bevilacqua (1996) dizem respeito ao conceito de fraseologia da língua de especialidade, em que seus usuários são os falantes de uma determinada comunidade linguística e a situação comunicacional é formal. Esse é o cenário das fraseologias da língua de especialidade.

Para a escolha das unidades fraseológicas contidas nas certidões de óbitos, seguimos os principais critérios apresentados Bevilacqua (1996, p.30):

- A fraseologia se caracteriza por ser um conjunto de formas complexas que pertencem a diversas categorias sintáticas;
- Mais ou menos figuradas;
- Mais ou menos fixas;
- Constituídas de combinações recorrentes;
- Constituídas por uma base verbal;
- Mais ou menos estabilizadas;
- Contextos restritivos, mas passíveis de variação.

Durante o período de edição, fizemos a seleção das unidades fraseológicas obedecendo rigorosamente os critérios citados. Após a seleção, preenchemos uma ficha fraseológica, a partir dos estudos de Josino (2015), que propõe uma ficha terminográfica. Segundo a mesma autora, produzimos uma ficha terminográfica/fraseológica que favorece a organização dos dados. Vejamos:

#### Quadro 2 – Ficha Fraseológica

<b>Ficha Fraseológica</b>
1. Unidade fraseológica
2. Definição
3. Contexto de produção
4. Fonte bibliográfica
5. Notas
6. Remissivas

Após o preenchimento das fichas, selecionamos cuidadosamente as unidades fraseológicas que compõem o glossário. Foram selecionadas 66 unidades fraseológicas, sendo incluídas, também, aquelas que apesar de atender à maioria dos critérios, não atende ao critério de recorrência, por exemplo, *falecer de uma carnaúba que lhe caiu em cima*, *falecer de azia*, dentre outras que ocorrem uma única vez. Mesmo não sendo recorrentes, suas estruturas fraseológicas são idênticas às demais fraseologias e possuem, principalmente, o critério da funcionalidade.

### 3.4.2 A organização do glossário

A seleção das unidades fraseológicas foi feita após a edição semidiplomática das certidões de óbito que compõem nosso *corpus*, e, posteriormente, iniciamos a confecção do glossário de *causa mortis*, segundo as orientações já apresentadas acima. Nos próximos tópicos dissertaremos sobre os detalhes da macroestrutura e da microestrutura dos quais o glossário estará alicerçado.

#### a) Da Macroestrutura

O glossário elaborado é monolíngue, possui natureza linguística e destina-se à sociedade em geral, em especial aos estudiosos da saúde e das doenças do Brasil. E, também, destina-se aos interessados pelo léxico histórico da língua portuguesa, bem como historiadores, sociólogos etc.

Seguiremos o percurso semasiológico, ou seja, da fraseologia para o conceito. A ordem das entradas na macroestrutura será alfabética e contínua, conforme propõe Welker (2004), uma vez que, não há justificativas para se organizar foneticamente, ou de outra forma, a macroestrutura. E, também, por facilitar a consulta por parte dos usuários interessados.

As entradas do glossário serão divididas em dois blocos: um que designa as mortes naturais e outro que designa as mortes de causas externas (acidentais). Entendemos como mortes naturais aquelas decorrentes da fragilidade biológica dos seres humanos, uma vez que estão suscetíveis às bactérias, vírus etc., e até à fome. Ou seja, situações em que não há a intervenção de fatores externos (violência ou

acidente). As fraseologias que compõem as causas naturais designam principalmente doenças, tais como: *falecer de um catarrão*, *falecer de câmaras de sangue*, *falecer de estupor*, *falecer de garrotilho*, *falecer de maligna*, *falecer de opilação*, dentre outras. Por sua vez, as fraseologias que designam causas externas, são aquelas que descrevem mortes por acidentes ou por violência, por exemplo, *falecer afogado*; *falecer de queda de carnaúba*; *falecer de facada*; *falecer de tiros*, *falecer de mordedura de cobra*, *falecer de quebradura*, *falecer de queimadura*, dentre outras.

No que se refere à organização da macroestrutura do glossário, as unidades fraseológicas apresentam-se em ordem alfabética. As mesmas são apresentadas com o verbo no infinitivo (*falecer de*), seguido da grafia das unidades fraseológicas que será apresentada de acordo com as normas vigentes no Brasil (*Falecer de estupor*). Suas variantes também são apresentadas em sua forma original.

#### b) Da Microestrutura

A microestrutura, de acordo com Pontes (2009, p. 95), “consiste em um conjunto de paradigmas ordenados e estruturados, dispostos horizontalmente, após a entrada, dentro de cada verbete”. Ou seja, consiste na organização interna das informações contidas em um verbete, neste momento podemos tomar o termo verbete por fraseologia.

Silva (2007) nos fornece mais detalhes sobre a microestrutura, segundo o mesmo autor, um verbete apresenta-se da seguinte forma: **VERBETE** = [+Termo-entrada + Enunciado lexicográfico]. O enunciado lexicográfico, por sua vez, é o conjunto de informações ordenadas que vem em seguida à entrada e que tem uma estrutura constante, correspondente a um programa e a um código de informações aplicáveis a qualquer entrada.

Para nosso glossário fraseológico de *causa mortis*, pensamos nos seguintes aspectos microestruturais, uma vez que se diferencia de um verbete comum. Com base nos estudos de Josino (2015), compomos a seguinte microestrutura:

### Quadro 3 – Microestrutura das unidades fraseológicas

- Entrada (unidade fraseológica) lematizada em negrito.
- Fraseologia com a estrutura de uso no texto, em itálico com ortografia atualizada, seguida por (...) para a não repetição dos dados pessoais dos falecidos, uma vez que serão apresentados no contexto.
- +- Fraseologia(s) variante(s) (*Var. 1, Var. 2*) como se apresenta no texto.
- Definição.
- Contextos (**Cont. 1, Cont. 2**) com a *causa mortis* em negrito + fontes bibliográficas: livro (L), fólio (fl.), e página (p.).
- +- Notas (A indicação das notas será em forma de siglas e em negrito: **N1, N2, N3...**)
- +- Remissivas (**Ver.**).

Fonte: Elaborado pela autora.

As entradas são apresentadas em negrito, em letra minúscula, sendo que somente a primeira letra será maiúscula. E, ainda, apresentam-se na forma verbal infinitiva.

No que diz respeito às definições, consideramos os critérios propostos por Silva (2007) para a elaboração das definições:

- a) Adequação ao público: optamos por definições, de preferência, curtas e objetivas para facilitar o entendimento do usuário;
- b) Pertinência das informações para o domínio em estudo, procuramos selecionar informações pertinentes à natureza do universo pesquisado, caracterizando o termo de acordo com sua representatividade no contexto de atualização;
- c) Redação da definição na forma afirmativa (sempre quando for possível);
- d) Uniformidade sintático-semântica. (p.73).

As notas explicativas, que, por sua vez, demarcam informações linguísticas e enciclopédicas, serão simbolizadas de forma geral pela sigla **N**, sempre numeradas conforme a quantidade de notas, exemplo, **N1, N2** etc.

A título de exemplificação, apresentamos a macroestrutura e a microestrutura de algumas unidades fraseológicas:

#### Quadro 4 – Exemplificação de Unidade Fraseológica

<b>Causa de morte natural</b>
<p><b>Falecer de maligna</b></p> <p><i>Faleceu de maligna sem os sacramentos (...)</i></p> <p>Falecer devido à febre alta ou Hipertermia maligna.</p> <p><b>Cont. 1.</b> Aos quinze dias de [ilegível] demil oito centos e quarenta e hum <b>faleceu de maligna</b> sem os sacramentos Gabriel Joze. Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 13, l. 02.</p> <p><b>Sin. Falecer de febre maligna.</b></p> <p><b>N1.</b> No final do século XVIII e início de século XIX o Ceará passou por várias epidemias de maligna o que elevou o número de mortos por conta de tal enfermidade.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

#### Quadro 5 – Exemplificação de Unidade Fraseológica

<b>Causa de morte externa</b>
<p><b>Falecer de queimadura</b></p> <p><i>Faleceu de queimadura(...)</i></p> <p><i>Var. 1. Faleceu queimada (...)</i></p> <p>Falecer devido a complicações na pele ou nos órgãos causadas pela ação do fogo.</p> <p><b>Cont. 1.</b> Aos vinte e hum de Abril de mil oitos centos e quarenta e dois <b>faleceu de queimadura</b> Maria de idade de cinco annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 20.</p> <p><b>Cont. 2.</b> Aos dezoito de Julho de mil oito centos e quarenta e quatro <b>faleceu queimada</b> Anna de idade de trinta annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 30.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse formato de macroestrutura e microestrutura mostra-se bastante prático e facilitador, tanto para a própria confecção do glossário quanto para o consulente, uma vez que mantém amplamente a relação do termo e seu contexto sócio-histórico. E, mesmo mantendo a forma escrita atualizada da entrada, ainda é

possível resgatar, satisfatoriamente, a grafia do termo original, tal como na certidão de óbito.

Assim, acreditamos que, com os padrões de macroestrutura e microestrutura especificados anteriormente, o glossário de *causa mortis* torna-se uma ferramenta que facilita o acesso ao nosso léxico histórico, de maneira clara, e ao mesmo tempo mantendo-se dentro dos padrões científicos.

No capítulo seguinte, apresentaremos uma análise mais detalhada do nosso *corpus*, tanto no que se refere aos seus aspectos histórico, paleográfico, codicológico, bem como seus aspectos estruturais (organização do texto, os sujeitos envolvidos etc.). Essas análises fazem parte do trabalho filológico e são de suma importância para o presente estudo.



## 4 ANÁLISE DO CORPUS

### 4.1 DO CONTEXTO HISTÓRICO DAS CAUSAS DE MORTE NO SÉCULO XIX

O Ceará adentrou o século XIX recuperando-se de uma seca devastadora que assolou o Estado na década anterior. Nos anos entre 1791 e 1798, devido à seca, o cenário era bastante propício para epidemias e doenças. Conforme Studart (2004), no ano de 1790, iniciou-se uma seca que perdurou por quatro anos, tornando avassaladores os anos de 1791 e 1792, e esta foi tão destrutiva que dizimou quase todo o rebanho de gado do Ceará, fazendo com que o comércio de carnes desaparecesse. Nos anos de 1793 e 1794 ainda não havia carnes para o consumo e toda a população padecia de fome.

Studart (2004) relata, ainda, que a seca de 1804 foi mais devastadora que nos anos anteriores,

[...] como se pouco fossem tais males, apareceu, para mais lutosos fazer aqueles anos, como uma irmã gêmea da fome, a peste de mortífera varíola, que devastou muitos pontos, Aracati, por exemplo, onde os falecimentos atingiram a 600 mais ou menos. (p.425).

E ainda, segundo Ferreira Neto (2003), o Vale do Jaguaribe, nesta primeira década do século XIX, continuou a perder mais e mais habitantes vitimados pelas impiedosas epidemias.

Também, nesta mesma época, as febres miasmáticas<sup>11</sup> assolaram o Ceará, principalmente na ribeira do Acaracu e Vila de Sobral, região Norte do Estado. Conforme Studart (2004), por conta desta grande epidemia de febres, por ordem do governador, foi enviado um médico, vindo de Pernambuco, para minimizar os efeitos de tal epidemia, o que foi insuficiente para atender a grande população que padecia de tais males. O médico João Lopes descreve o seguinte:

Na epidemia que grassou no Acaracu, Capitania do Ceará, onde fui mandado tratar dela, uns enfermos ficaram numa espécie de frenesi, outros em coma pervigil. Houve tal que faleceu no primeiro acesso, outros no segundo, muitos no terceiro, nenhum chegou ao quarto. (...) Este é o estado em que achei aquele sertão, estes os princípios do conhecimento da qualidade morosa daquela atmosfera, da razão porque falece tanto povo e das providências que são necessárias para o presente e o futuro. (Studart, 2004, p. 427).

---

<sup>11</sup> Febres causadas pelos odores provenientes do grande número de corpos em estado de decomposição.

Os sertanejos assolados pela fome eram alvos fáceis para as epidemias, e, para completar o cenário de horror, não havia médicos nas cidades e vilas, principalmente no Vale do Jaguaribe, onde a escassez de recursos era demasiada. Naquela época, segundo Ferreira Neto (2003), o povo clamava por médicos, remédios e comida. Os municípios não tinham boa estrutura econômica e dependiam sempre dos recursos enviados pelas autoridades provinciais e da Corte, que demoravam bastante até chegar aos necessitados.

A seca e as epidemias avançaram às décadas seguintes, chegando, inclusive, a mudar os costumes fúnebres no Vale do Jaguaribe e em muitas outras vilas do Estado. Os poucos médicos que havia nas comunidades recomendavam que não fossem feitos sepultamentos nas igrejas. Segundo Ferreira Neto (2003, p. 274) “os médicos acreditavam que a sucessão de abertura das covas expunha os frequentadores dos templos a doenças trazidas pelos miasmos e odores fétidos”. De início, houve estranhamento por parte dos fiéis, porém, com o crescer da calamidade, a própria Igreja passou a impor restrições aos antigos costumes. Na década de 60 do século XIX, praticamente todas as freguesias possuíam cemitérios.

Como se não bastasse o cenário de seca, fome e epidemias, a violência acometia as comunidades jaguaribanas nos anos de 1800 a 1850. É demasiado o número de pessoas, principalmente homens, que tinham suas vidas ceifadas pelas desgraças de tiros, facadas ou mesmo surras. Como a lei era distante, a violência ocorria praticamente sem punição.

Levando em consideração que o número de mortos, principalmente por conta das epidemias, era demasiado elevado, não chega a causar estranheza a quantidade abundante de assentos de óbitos registrados pelas paróquias jaguaribanas. Além de registrar o episódio da morte, as certidões descreviam, também, outros aspectos histórico-sociais que se referem ao indivíduo (algumas doenças acometiam principalmente os escravos, por viverem em condições precárias de higiene) e também à Igreja, que são de grande relevância para este trabalho.

A abundância das causas de morte é justamente a ocorrência descrita nas certidões de óbito que nos desperta maior interesse, uma vez que são estruturas relativamente estáveis e representam a cultura da comunidade no período específico. E para que o estudo atinja o nível científico, no âmbito filológico, é

necessária uma breve análise paleográfica e codicológica, bem como a análise dos sujeitos escreventes e dos sujeitos mortos.

#### 4.2 DA ANÁLISE PALEOGRÁFICA DO *CORPUS*

Nos estudos filológicos também se incluem os estudos paleográficos dos textos, uma vez que são de fundamental importância para o reconhecimento do tipo de letra, das características de seu tempo, que ajudam a compreender o texto como um todo. Segundo Acioli (1994), das ciências que auxiliam a História, a Paleografia é a mais importante, por que se dedica ao estudo da escrita, que é a principal fonte de informação do historiador.

A autora define a Paleografia como a ciência que estuda a escrita antiga, principalmente em papiro, pergaminho e papel. Cabem ao paleógrafo muitas outras tarefas além de ler os textos, visto que

A Paleografia é, assim, antes de tudo um instrumento de análise do documento histórico. Não cabe ao paleógrafo somente ler textos; a ele compete igualmente datá-los, estabelecer sua origem e procedência e criticá-los quanto à sua autenticidade, levando em consideração o aspecto gráfico dos mesmos. (ACIOLI, 1994, p.5).

Cambraia (2005, p. 29) também define Paleografia, de forma sucinta, como “o estudo das escritas antigas”. E diz mais sobre sua finalidade:

Apresenta finalidade tanto teórica quanto pragmática. A finalidade teórica manifesta-se na preocupação em se entender como se constituíram sócio-historicamente o sistema de escrita; já a finalidade pragmática evidencia-se na capacitação de leitores modernos para avaliarem a autenticidade de um documento, com base em sua escrita, e de interpretarem adequadamente as escritas do passado. (CAMBRAIA, 2005, p.29).

Com isso, podemos entender nosso trabalho como paleográfico, de certa forma, uma vez que observamos, também, vários aspectos da escrita, bem como os tipos de letras, a forma, o traçado, os sinais de pontuação, separação vocabular, conforme propõe Cambraia (2005).

Desde o primeiro contato com as certidões de óbito do Acervo da Diocese de Limoeiro do Norte, logo pudemos observar que as mesmas são manuscritas por vários escreventes, no caso os párocos das várias comunidades do Vale do Jaguaribe. Observemos nas imagens a seguir diferentes caligrafias:

Figura 11 – Certidões de óbito (1804)  
Escrevente: Vigário João Baptista Rabelo

Das trinta e quatro do mes de Maio de mil e oito cento e quatro fe-  
 liz da vida presente Com todos os sacramentos de iudicia de se cento  
 e quatro annos pouco mais ou menos casado com Maria Francisca indio em vol-  
 ta em habito branco em comenda de permitta abito e ligado e ligat-  
 ado nesta Matriz de grade abaixo e para Cartas fi e te affe-  
 to. De João Baptista Rabelo  
 Vig. int.

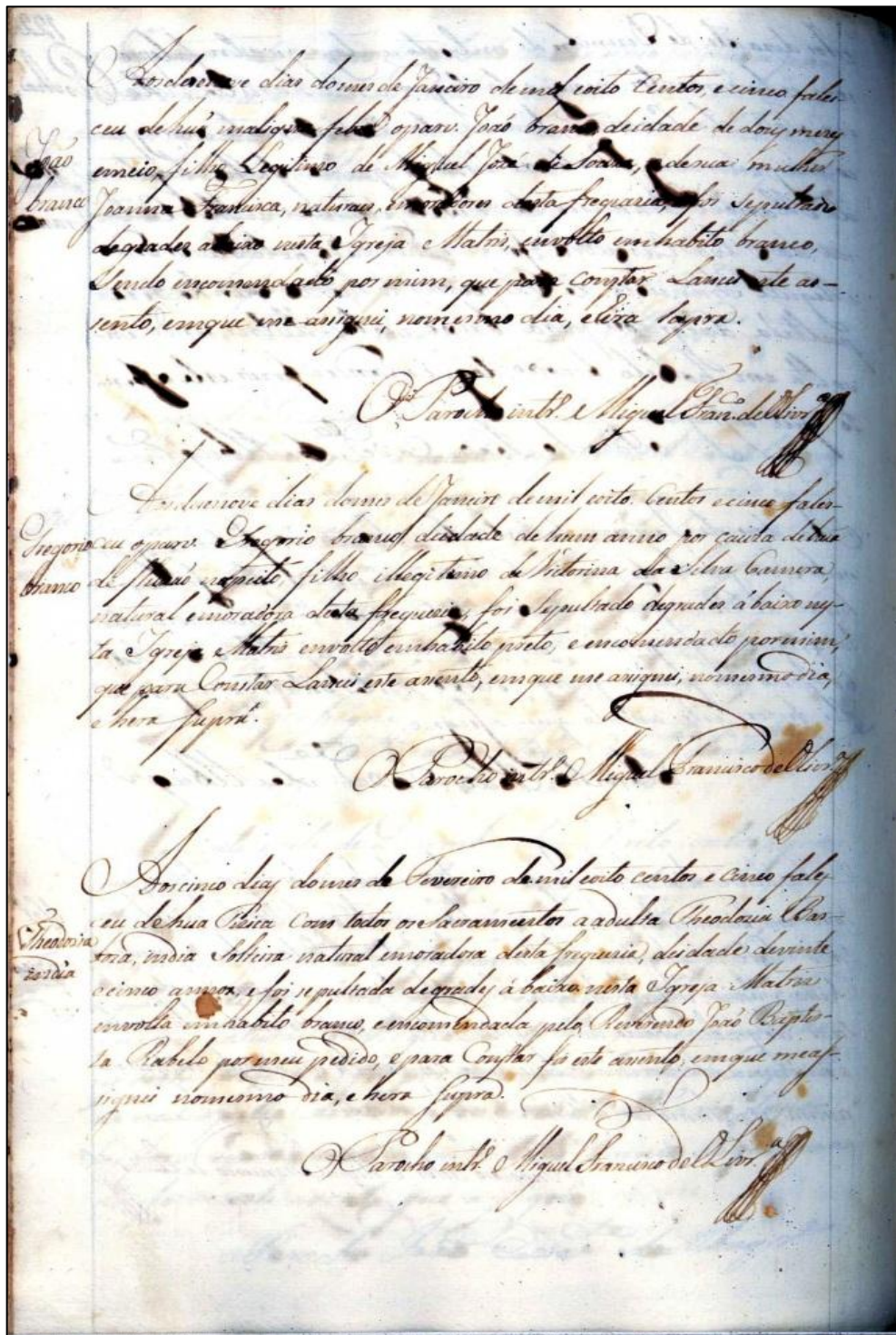
Das trinta e quatro do mes de Maio de mil e oito cento e quatro fe-  
 liz da vida presente sem saber muito por morrer e ligado  
 de idade de de quarenta annos pouco mais ou menos de igual do que  
 de Angola e era de Coronel de D. João de Alentejo e Paro-  
 chiano em habito preto em comenda de permitta abito e lig-  
 ado e ligatado de grade abaixo e para Cartas fi e te affe-  
 to. De João Baptista Rabelo  
 Vig. int.

Das oito do mes de Junho de mil e oito cento e quatro fe-  
 liz da vida presente hum parudo fi da legitimo de João Baptista  
 e de Maria Gony dos Santos em comenda de permitta abito  
 de abito em habito preto e ligatado de grade a-  
 baixo nesta Matriz para Cartas fi e te affe-  
 to. De João Baptista Rabelo  
 Vig. int.

Das oito do mes de Junho de mil e oito cento e quatro fe-  
 liz da vida presente de idade de trinta annos pouco mais ou menos de morte me-  
 orido com a Croaz de D. João de Almeida por ser morto e ligatado e Chri-  
 stão de gentio de Angola e era de Francisco Xavier de Aguiar  
 em habito branco em comenda de permitta abito e ligado  
 e ligatado nesta Matriz de grade abaixo e para Cartas fi

Fonte: Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

Figura 12 – Certidões de óbito (1805)  
Escrevente: Vigário Manuel Francisco de Oliveira



Fonte: Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

Observamos que os traços paleográficos dos escreventes são diferenciados, o traçado da letra, por exemplo, do Vigário João Batista Rabelo é mais aleatório, desorganizado, tornando o texto menos legível. O escrevente da

Figura 11 ainda reserva 4 certidões por fólho. Enquanto isso os manuscritos do Vigário Miguel Francisco de Oliveira são evidentemente mais organizados, a caligrafia apresenta um traçado mais regular e reserva 3 certidões por fólho, tornando a escrita altamente legível.

Ambas as escritas, vistas acima, são predominantemente humanísticas, definida por Acioli (1994) como a escrita da Cúria Romana, de fácil leitura, minúscula com capitais no início do texto, com traços inclinados para a direita, sendo facilmente identificada e apresenta vantagens em relação às letras mais antigas. É bem aproximada da escrita da atualidade, não dificultando, portanto, a leitura das certidões.



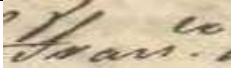






Também é possível identificar nas certidões a grafia pseudoetimológica, ou seja, a grafia aproximada do Latim. Conforme Coutinho (1976), o que caracteriza a grafia pseudoetimológica é, por exemplo, o emprego de consoantes geminadas, consoantes insonoras e também o emprego de encontros consonantais do tipo *ch*, impropriamente chamados de gregos. O uso de abreviaturas também é bastante recorrente nesse período. Vejamos as amostras nas tabelas a seguir:

**Quadro 6 – Grafia pseudoetimológica**

Consoantes geminadas	Consoantes insonoras	Enc. consonantal. <i>Ch</i>
 Sette	 Assigno	 Parochial
 Annos	 Martha	
 Anna	 Ignacia	
 Criollo	 Hum	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 7 – Abreviaturas

Códice 1	Códice 2	Códice 3
 Pároco	 Párvulo	 Francisco
 O Vigário	 Antonio	 Janeiro
 Fevereiro	 Freguesia	 Nossa Senhora

Fonte: Elaborado pela autora.

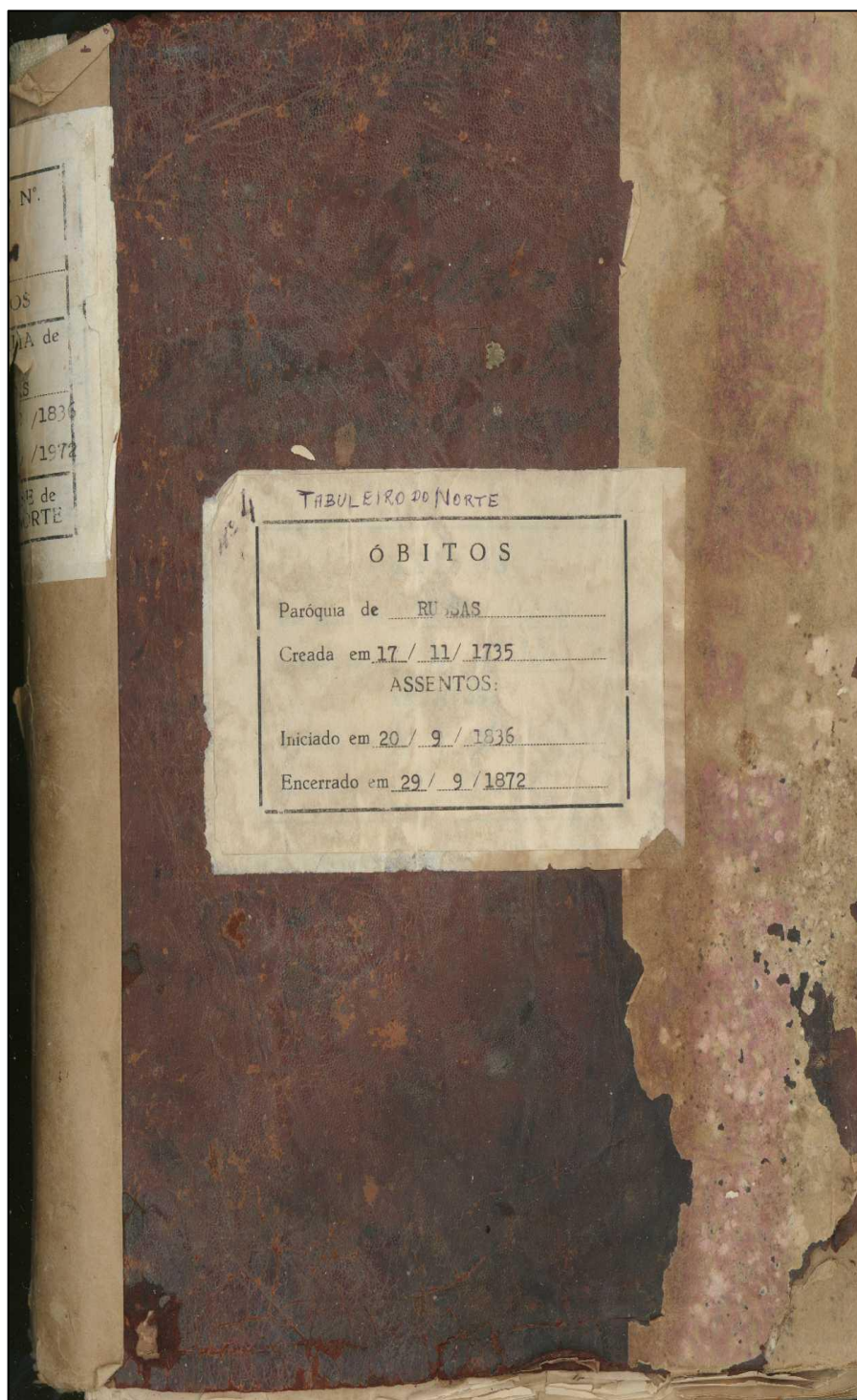
Várias outras ocorrências etimológicas também podem ser observadas nas certidões de óbito, evidenciando-as como fonte abundante que pode servir para futuros trabalhos paleográficos. Passemos a diante para uma breve análise codicológica do *corpus*.

#### 4.3 ANÁLISE CODICOLÓGICA DO CORPUS

Por seu turno, a análise codicológica também nos fornece seu precioso auxílio. A Codicologia se encarrega do *estudo da técnica do livro escrito*. Segundo Cambraia (2005, p. 26), “Os pressupostos codicológicos nos permitem compreender por quais motivos ocorrem as modificações no processo de transmissão dos textos”. Cabe à Codicologia observar as condições em que se encontram o códice<sup>12</sup>, o formato, o tipo de encadernação, o tipo de material, bem como outras ferramentas que compõem a produção do livro. Observemos a capa e o fólio de abertura do códice 3:

<sup>12</sup> Livro manuscrito.

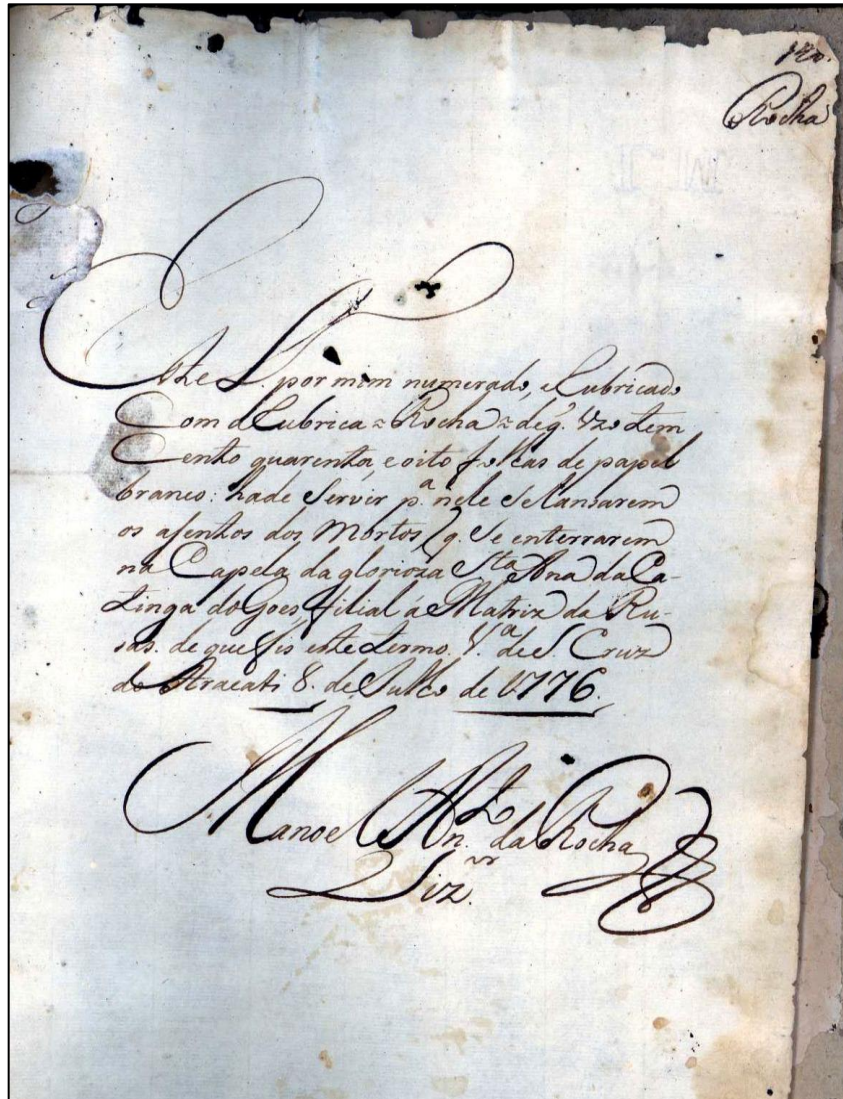
**Figura 13 – Códice 03 – Óbitos**  
**(Paróquia de Russas – iniciado em 20/09/1836 e encerrado em 29/09/1872)**



Fonte: Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.



Figura 14 – Fólio de abertura do livro de assentos de óbitos da Paróquia de Russas – 1776



Fonte: Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

- Este **Livro**. por mim numerado, rubricado  
 Com rubrica = Rocha = leg. vzo tem  
 Cento quarenta e oito folhas de papel  
 branco: hade servir **para** nele se lansarem  
 5 os assentos dos mortos **que** se enterrarem  
 na Capela da glorioza **Santa** Ana da Ca  
 tinga do Goes, filial á Matriz da Ru  
 sas de que fis este termo. **Vila** da **Santa** Cruz  
 do Aracati 8 de Julho de 1776  
 10 **Manoel Antonio** da Rocha **Diniz**

Por meio deste termo de abertura podemos coletar informações como o local e a data em que o livro foi aberto (Aracati, 08 de Julho de 1776) e por quem foi aberto (Vigário Manuel Antônio da Rocha), a quantidade de folhas escritas e em branco que o códice possui (148 folhas), quais assentos o livro registra (óbitos), qual capela está designada (Capela da Gloriosa Santa Ana da Catinga do Goes, atual Jaguaruana, filial da Matriz de Russas), dentre outras informações que interessarem à Codicologia.

Além de permitir a compreensão das condições do códice, segundo Cambraia (2005), os conhecimentos codicológicos também são utilizados na descrição detalhada do códice, conforme o guia abaixo:

#### Quadro 8 – Guia básico de descrição Codicológica (adaptado)

##### Guia Básico de Descrição Codicológica

1. **Cota:** cidade em que se encontra o códice; nome da instituição; coleção de que faz parte;
2. **Datação:** explícita (transcrever, informando fólho e linha em que consta);
3. **Lugar de origem:** explícito (transcrever, informando fólho e linha em que consta);
4. **Folha de abertura:** transcrição;
5. **Suporte material:** papiro (*papiráceo*), pergaminho (*membra-náceo*) ou papel (*cartáceo*);
6. **Composição:** número de fólhos; número e estrutura dos cadernos (*bínio, ternio, quaterno*, etc); formato e dimensão dos fólhos (altura x largura, em milímetros);
7. **Organização da página:** dimensão da mancha; número de linhas; pautado; numeração (*foliação* [número dó no *recto* do fólho] ou *paginação* [número no *recto* e no *verso*]); assinaturas (presença ou ausência, sistema);
8. **Encadernação:** tipo (original ou não original); dimensão; material; natureza e cor da cobertura; decoração; texto na capa.

Assim, numa breve análise codicológica dos três códices de registros de óbitos em estudo, temos:

### CÓDICE 1

Óbitos Paróquia de Aracati (iniciado em 03/11/1791 e encerrado em 05/02/1807).

1. **Cota:** Limoeiro do Norte; Diocese de Limoeiro do Norte; Livro de Certidões de óbito.
2. **Datação:** 1791 (fólio 1)
3. **Lugar de origem:** Aracati (fólio 1)
4. **Folha de abertura:** Este livro por mim numerado, rubricado com rubrica = Rocha = leg. vzo tem Cento quarenta e oito folhas de papel branco: há de servir para nele se lançarem os assentos dos mortos que se enterrarem na Capela da gloriosa Santa Ana da Catinga do Goes, filial á Matriz das Russas de que fiz este termo. Vila da Santa Cruz do Aracati 8 de Julho de 1776. Manoel Antonio da Rocha Diniz
5. **Suporte material:** papel (*cartáceo*)
6. **Composição:** 148 fólhos (345mm X 220mm)
7. **Organização da página:** dimensão da mancha aproximadamente 2cm; número de linhas em média 25 por fólio; fólio não pautado; *paginação* numérica cardinal presente; assinaturas apenas de vigários.
8. **Encadernação:** tipo original (costura); dimensão 345mm X 220mm; capa com estampa decorativa.

### CÓDICE 2

Óbitos Paróquia de Russas (iniciado em 27/12/1825 e encerrado em 23/04/1858).

1. **Cota:** Limoeiro do Norte; Diocese de Limoeiro do Norte; Livro de Certidões de óbito.
2. **Datação:** 1825 (fólio 1)
3. **Lugar de origem:** Russas (fólio 1)
4. **Folha de abertura:** inexistente.
5. **Suporte material:** papel (*cartáceo*)
6. **Composição:** 124 fólhos (345mm X 220mm)
7. **Organização da página:** dimensão da mancha aproximadamente 2cm; número de linhas em média 30 por fólio; fólio não pautado; *paginação* numérica cardinal presente; assinaturas apenas de vigários.
8. **Encadernação:** tipo original (costura); dimensão 345mm X 220mm; capa com estampa decorativa.

### Códice 3

Óbitos Paróquia de Russas (iniciado em 20/11/1836 e encerrado em 29/09/1872).

1. **Cota:** Limoeiro do Norte; Diocese de Limoeiro do Norte; Livro de Certidões de óbito.
2. **Datação:** 1836 (fólio 1)
3. **Lugar de origem:** Russas (fólio 1)
4. **Folha de abertura:** inexistente.
5. **Suporte material:** papel (*cartáceo*)
6. **Composição:** 148 fólios (345mm X 220mm)
7. **Organização da página:** dimensão da mancha aproximadamente 2cm; número de linhas em média 30 por fólio; fólio não pautado; *paginação* numérica cardinal presente; assinaturas apenas de vigários.
8. **Encadernação:** tipo original (costura); dimensão 345mm X 220mm; capa com estampa lisa.

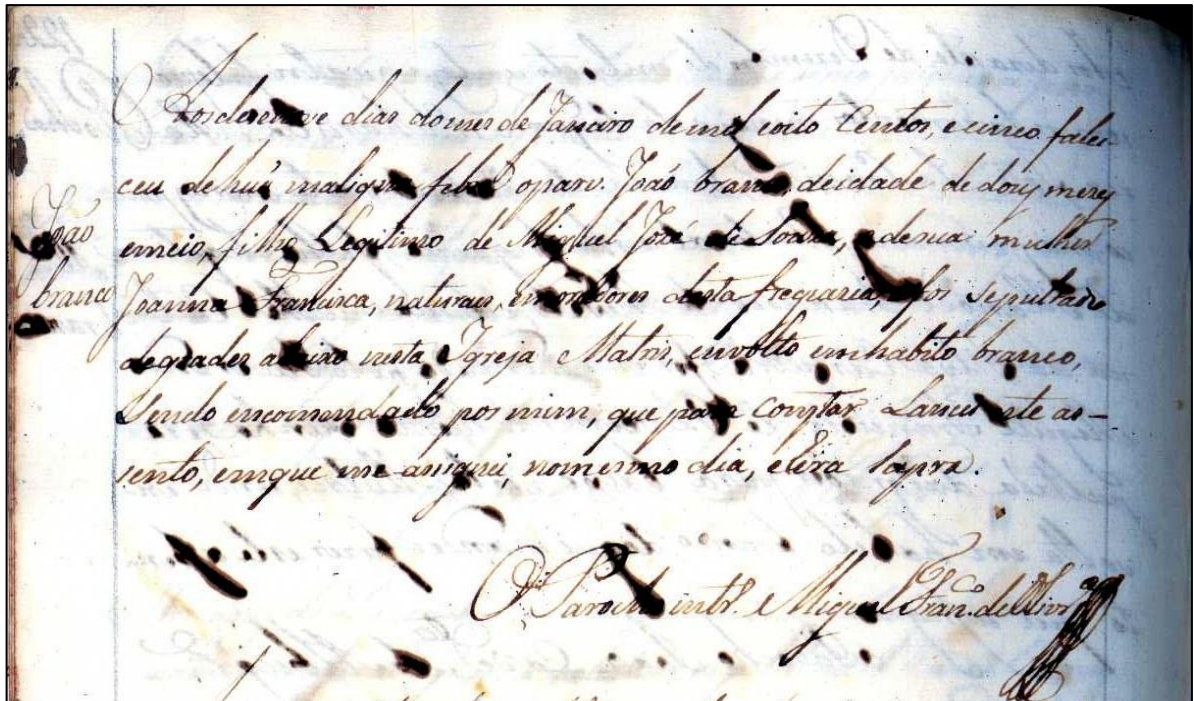
Todos esses seguimentos, tanto da Paleografia quanto da Codicologia, orientam para que seja mantido o padrão de descrição, análise, edição e conservação dos documentos, dentro do processo maior de transmissão dos textos. No tópico seguinte nos deteremos às informações internas do *corpus*.

#### 4.4 DA DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO DO *CORPUS*

As certidões de óbito, como podemos observar nas figuras a seguir, são constituídas por breves descrições sobre a pessoa falecida. São utilizadas, em média, 8 linhas do fólio para um assento e em média são registrados 4 assentos por fólio. É um pequeno texto, se comparado a outros gêneros.

No canto esquerdo superior de cada assento encontram-se o nome e a condição social ou étnica do falecido (João branco, por exemplo). O assento inicia-se com a data bastante precisa (dia, mês e ano), em seguida, a causa da morte, a condição do indivíduo (branco, índio, escravo, criança, adulto), seu nome, idade, filiação, local onde residia o indivíduo e local onde foi sepultado e, por fim, a assinatura do pároco da comunidade. Como podemos observar na certidão abaixo, extraída do Livro de óbitos da Paróquia de Aracati, iniciado em 1791 e encerrado em 1807:

Figura 15 – Certidão de óbito de João (11/01/1805)

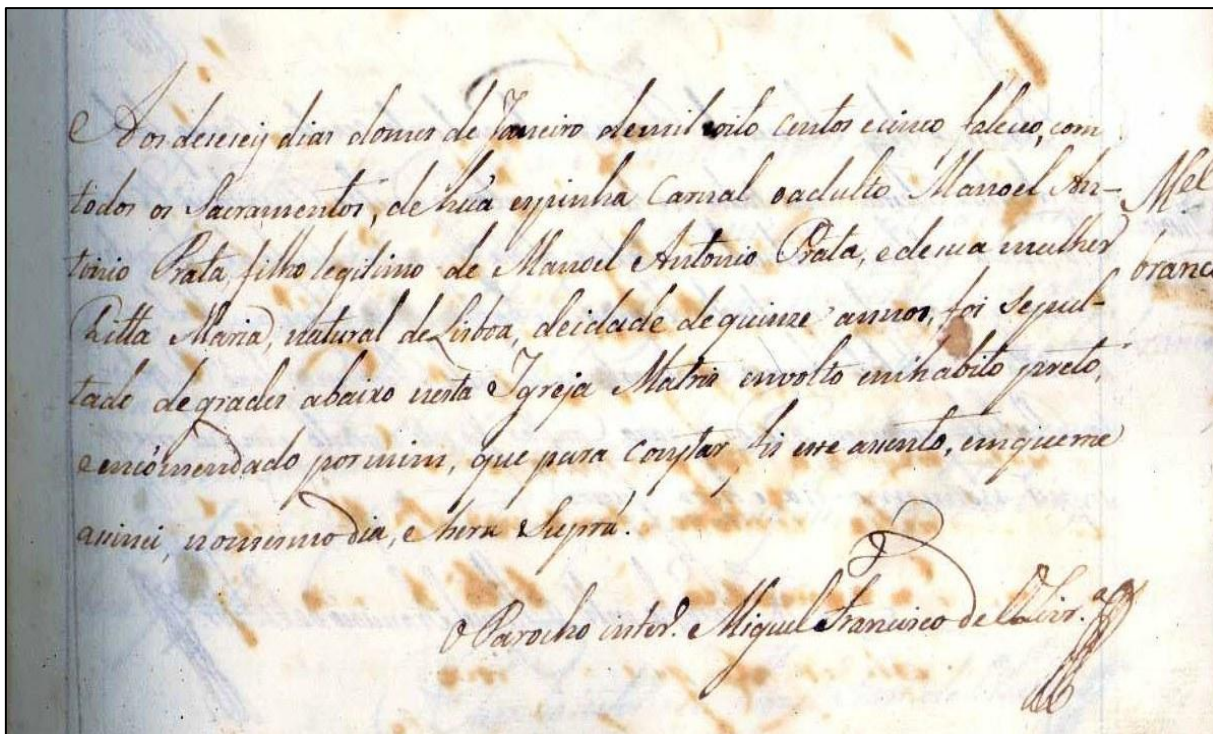


Fonte: Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

<João> Aos nove dias domes de Janeiro demil oito Centos, ecinco fales-  
 <branco> ceu dehúa maligna febre oparvulo Joao branco deidade de dois mezes  
 emeio, filho Legitimo de Miguel Jozé de Souza, edesua mulher  
 Joana Francisca, naturaes, emoradores desta freguezia, foi sepultado  
 5 de grades abaixo nesta Igreja Matris, envolto em habito branco,  
 sendo encomendado por mim, que para constar Lancei este as-  
 sento, emque me assignei, nom esmo dia, [ehera] supra.  
 O Parocho interino Miguel Francisco de Oliveira.

Em algumas certidões podemos observar que são descritos detalhes da vida religiosa do indivíduo, por exemplo, é possível saber quando o indivíduo possui todos os sacramentos da Igreja Católica. Também podemos observar, em algumas certidões, aspectos de cunho cultural ou econômico como o tipo, o tecido e a cor dos trajes que envolvem os falecidos. Vejamos mais um assento do Livro de óbitos da Paróquia de Aracati, iniciado em 1791 e encerrado em 1807:

**Figura 16 – Certidão de óbito de Manoel Antonio Prata (16/01/1805)**



Fonte: Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte.

Aos deseseis dias domes de Janeiro demil oito centos ecinco faleceo, com todos os Sacramentos, de húa espinha carnal oadulto Manoel An- <Manoel> tonio Prata, filho legitimo de Manoel Antonio Prata, e de sua mulher <branco> Ritta Maria, natural de Lisboa, deidade de quinze annos, foi sepul-  
5 tado de grades abaixo nesta Igreja Matriz envolto emhabito preto e encomendado por mim que para constar fis este assento, em quem me assinei no mesmo dia, e hera supra.

O Parocho interino Miguel Francisco de Oliveira.

#### 4.5 DOS SUJEITOS: DOS FALECIDOS E DOS VIGÁRIOS

Como na maioria dos gêneros textuais, fruto de dinâmicas sociais, as certidões também envolvem os sujeitos, neste caso, os principais são os indivíduos da comunidade e os vigários. Os sujeitos falecidos descritos nas certidões de óbito são, em grande maioria, homens e mulheres, crianças e escravos nativos da região do Vale do Jaguaribe, principalmente das vilas de Aracati, Russas, Tabuleiro do Norte, do Jiqui e da Catinga do Goes. Também são oriundos de outras partes do

Ceará como Icó, Messejana e Aquiraz, de outros estados como Pernambuco e Paraíba, e, até mesmo, de outros países, como Angola, Cabo verde e Portugal.

Alguns sujeitos são tratados pelo seu *status* social (coronel, tenente, vigário, fazendeiro, escravo, índio etc.). Quando o sujeito era criança denominava-se párvulo ou párvula. Quando se tratava de escravo (preto, negro ou crioulo) eram apresentados na certidão de óbito também os nomes de seus proprietários. Também são apresentadas classificações étnicas como branco, pardo, mameluco, caboclo e cabra.

Os sujeitos escreventes, por sua vez, eram exclusivamente vigários das diversas paróquias sob a jurisdição da paróquia de Russas e de Aracati. A maioria dos vigários era interina, de cargo provisório, ou substitutos. É importante ressaltar que os párocos não possuíam conhecimento científico suficiente para descrever as causas de morte, conforme os termos da medicina da época, por isso os termos utilizados, mesmo constituindo texto especializado, eram escritos de acordo com o padrão popular. Nos três códices editados catalogamos os seguintes vigários:

**Quadro 9 – Dos Vigários**

Códices-óbitos	Vigários
1. Paróquia de Aracati Iniciado em 03/11/1791 Encerrado em 05/02/1807	Francisco Xavier dos Santos Manuel A. Lourenço Souto Albano Monteiro de Sá João Damasceno Xavier Carneiro João Roiz da Rocha João Baptista Rabelo João Cavalcante de Albuquerque Miguel Francisco de Oliveira José Thomaz de Castro Suplício Neri Felis Antonio de Gusmão Mello
2. Paróquia de Russas Iniciado em 27/12/1825 Encerrado em 26/04/1858	Joaquim de Paula Galvão Manuel Antonio de Lemos Braga Francisco de Paula Barros Manuel Vicente Collares

3. Paróquia de Russas Tabuleiro do Norte Iniciado em 20/09/1836 Encerrado em 29/09/1872	Manuel Vicente Collares
--	-------------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos verificar que a maioria dos códices foi manuscrita por mais de um vigário. Também podemos observar que o vigário Manuel Vicente Collares participou na escritura dos códices 2 e 3, sendo que compôs sozinho o códice de número 3. Esse fato deve-se à itinerância dos padres na região do Vale do Jaguaribe, uma vez que havia poucos vigários, sendo necessário que o mesmo padre atendesse a várias comunidades. Esse regime de itinerância ficou registrado nas certidões, o que ocorre também no códice 1, onde podemos observar vários sujeitos escreventes.

Apreciados os detalhes do *corpus*, do Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte, dos assentos de óbitos e seu contexto histórico, bem como seus aspectos paleográficos e codicológicos, partimos, então, para o estudo das unidades fraseológicas e a organização do glossário de *causa mortis*, ponto alto de nossa pesquisa.



## 5 GLOSSÁRIO FRASEOLÓGICO DE *CAUSA MORTIS*

Recordemos que a fraseologia, segundo Bevilacqua (1996), se caracteriza por ser um conjunto de formas complexas, mais ou menos figuradas, mais ou menos fixas, constituídas de combinações recorrentes e por uma base verbal, mais ou menos estabilizadas e ocorrem em contextos restritivos, mas são passíveis de variação. No presente glossário são apresentadas unidades fraseológicas que seguem este padrão.

Quanto à sua macroestrutura, as unidades fraseológicas estão divididas em dois blocos: o primeiro designa as causas de morte naturais e o segundo designa as causas de morte externas (mortes violentas ou acidentais). As unidades fraseológicas são apresentadas em ordem alfabética. E quanto à microestrutura, o glossário segue o padrão abaixo:

### Quadro 10 – Microestrutura abstrata do glossário

- Entrada (unidade fraseológica) lematizada em negrito;
- Fraseologia com a estrutura de uso no texto, em itálico com ortografia atualizada;
- +- Fraseologia(s) variante(s) (*Var. 1, Var. 2*) como se apresenta no texto;
- Definição;
- Contextos (**Cont. 1, Cont. 2**) + fontes bibliográficas: livro (L), fólio (fl.), e página (p.);
- +- Notas (A indicação das notas será em forma de siglas e em negrito: **N1, N2, N3...**)
- +- Remissivas (**Ver.**).

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, acreditamos que o glossário de *causa mortis*, além de atender os padrões linguístico-terminográficos, mantém o seu intuito primeiro que é o estudo filológico da língua portuguesa no período colonial brasileiro. Portanto, vejamos o a seguir o glossário:

## 5.1 CAUSAS DE MORTE NATURAIS

### **Falecer de uma apoplexia**

*Faleceu de uma apoplexia (...)*

Falecer em decorrência de sangramentos em qualquer órgão.

**Cont. 1.** Aos três de Agosto de 1842 **faleceu de hua apoplexia** o viúvo adulto Manuel do Espírito Santo de idade de oitenta e nove annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 37.

**Cont. 2.** Aos dezessete de Junho de mil oito centos e quarenta **faleceu de hua apoplexia** o Coronel Cavalcante de Albuquerque (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 06.

**N1.** Segundo Chernoviz (1890, p.199), em seu Dicionário de Medicina Popular, a apoplexia é particularmente denominada de apoplexia cerebral que se caracteriza pelo derramamento de sangue no cérebro.

**Sin. Falecer de estupor. Falecer de hemorragia.**

### **Falecer de um apostema**

*Faleceu de um apostema (...)*

Falecer devido a complicações de abscessos purulentos supurados em qualquer parte do corpo.

**Cont. 1.** Aos vinte e seis de Abril de mil oito centos e quarenta e quatro faleceu de hum apostema com todos os sacramentos Francisca de idade de vinte e cinco annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 28.

**Cont. 2.** Aos três de Abril de mil oito centos e trinta e nove faleceu de hu apostema a parvula Francisca de idade de dois annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**N1.** Segundo Chernoviz (1890, p.14), o abcesso não é uma moléstia primitiva e sim o resultado de uma inflamação mais ou menos intensa.

**Falecer de azia**

*Faleceu de azia (...)*

Falecer devido a complicações de fluxo gástrico intenso ou queimadeira.

**Cont. 1.** Aos vinte e cinco de Março de mil oitos centos e quarenta faleceu de azia Manuel de idade de treze annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 03.

**N1.** A azia é umas das causas de morte registradas mais incomuns.

**Falecer de bexigas**

*Faleceu de bexigas (...)*

Falecer devido à doença infectocontagiosa causada por vírus da varíola.

**Cont. 1.** Aos vinte e três dias do mês de Fevereiro de mil oito centos e seis faleceo da vida presente Teresa de Jesus de idade de vinte e quatro annos natural da Vila do Forte morreo de bexigas (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 138.

**Cont. 2.** Aos oito dias do mês de Dezembro demil oito centos e seis faleceo da vida presente Antonio de idade de treze annos filho natural de Angelica Rosa morreo de bixigas (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 141.

**N1.** De acordo com Chaves Junior (1985, p. 29), ao longo de toda a história do Ceará, nos períodos de estiagem, a varíola era a doença que mais dizimava a população cearense.

**N2.** O nome 'bexigas' é dado em alusão às protuberâncias cheias de pus que se assemelham a bexigas. Atualmente é conhecida como 'varíola', termo que não aparece em nosso *corpus*.

**Falecer de câmaras de sangue**

*Faleceu de câmaras de sangue (...)*

Falecer devido à diarreia hemorrágica ou intenso fluxo de matéria excrementícia.

**Cont. 1.** Aos sete dias do mês de Fevereiro de mil oito centos e cinco faleceo de Câmaras de sangue a parvula Luzia parda de idade de seis meses (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 123.

**N1.** Câmaras de sangue é o termo arcaico para evacuação do ventre.

**Sin. Falecer de diarreia. Falecer de disenteria.**

**Falecer de um cancro**

*Faleceu de um cancro (...)*

Falecer devido à doença cancerosa causadora de ulceração do organismo.

**Cont. 1.** Monica Maria parda solteira de idade de cinquenta e seis annos natural e moradora desta freguesia faleceu de hum cancro (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 26.

**Cont. 2.** Aos vinte e cinco de Dezembro de mil oito centos e quarenta e três faleceu de hum cancro confessada e com todos os sacramentos da hora da morte Francisca Roza de idade de cinquenta annos. (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 25.

**N1.** Segundo Chernoviz (1890, p.426), o cancro é uma moléstia crônica que se inicia em forma de tumor que aumenta gradualmente até a deterioração geral da saúde. Atualmente é conhecido como câncer.

**Sin. Falecer de tumor.**

**Falecer de um carbúnculo**

*Faleceu de um carbúnculo (...)*

Falecer devido a feridas e infecção profunda na pele que se localizam mais comumente na nuca e nas costas.

**Cont. 1.** Aos treze de Fevereiro de 1846 faleceu de hum carbúnculo o adulto João de idade de vinte e oito annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 30.

**N1.** O carbúnculo é também conhecido como anthrax e recebe este nome por se assemelhar a um rubi ou uma pedra que tem a mesma cor do sangue de boi. (Fagundes et al. Glossário. In Erário Mineral Volume II, p. 779).

**Falecer de um catarrão**

*Faleceu de um catarrão (...)*

*Faleceu de um catarrão amalinado (...)*

Falecer devido às consequências de grandes quantidades de secreções advindas dos pulmões.

**Cont. 1.** Aos onze de Setembro faleceu de hum catarrão o parvulo Miguel de idade de hum mês (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 38.

**Cont. 2.** Severina parda adulta com oitenta e oito annos de idade viúva faleceu da vida presente de hum catarrão (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**N1.** Nos dias atuais, o catarro em pequena quantidade com forte expectoração denomina-se pneumonia, por outro lado se a secreção aparece em grande quantidade denomina-se bronquite. (fonte: <http://www.pneumoatual.com.br/doencas/bronquite-aguda.html>).

### **Falecer de chagas**

*Faleceu de chagas (...)*

Falecer devido a complicações decorrentes de feridas malignas ou úlceras em qualquer parte do corpo.

**Cont. 1.** Aos dezessete de Dezembro de mil oito centos e trinta e nove faleceu de xagas Ritta escrava de João Batista de idade de setenta annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 01.

**Cont. 2.** Aos vinte e dois de Junho de mil oito centos e quarenta e hum faleceu de chaga o preto João crioulo solteiro de idade de secenta annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 94.

**N1.** Segundo Chernoviz (1890, p.1116), o termo ‘chaga’ é sinônimo de ferida as quais podem ser de ordem natural, ocasionadas por doenças, ou de ordem externa, ocasionadas por quedas, cortes etc.

**Sin. Falecer de feridas.**

### **Falecer de uma constipação**

*Faleceu de uma constipação (...)*

Falecer em decorrência de constipação intestinal, ocasionada por obstrução que impede a evacuação.

**Cont. 1.** Aos cinco de Julho de 1845 faleceu de hua constipação a adulta Matildes viúva de idade de oitenta annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 46.

**Cont. 2.** Aos dezessete de Dezembro de mil oito centos e quarenta e hum faleceu de hua constipação Anna de Jesus cazada (...) de idade de quarenta annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 02.

**N1.** Atualmente, a ‘constipação’ é também conhecida como ‘prisão de ventre’.

**N2.** No século XIX ainda não se concebia o termo ‘constipação’ aos problemas nasais.

**Sin. Falecer de uma indigestão.**

#### **Falecer de diarreia**

*Faleceu de diarreia (...)*

**Cont. 1.** Aos vinte e seis de Junho de 1839 faleceu de diarreia, tendo recebido a extrema unção da hora da morte a africana Maria de idade de vinte e cinco annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**Ver. Falecer de câmaras de sangue.**

#### **Falecer de disenteria**

*Faleceu de disenteria (...)*

*Var. 1. Faleceu de hua disenteria (...)*

**Cont. 1.** Aos vinte e quatro de Dezembro de 1842 faleceu de hua disenteria com os sacramentos da hora da morte a adulta Maria Tereza de idade de vinte e três annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 39.

**Cont. 2.** Aos tres de Junho de mil oito centos e trinta e nove faleceu de disenteria o parvulo Joao pardo de idade de tres meses (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**N1.** Chaves Junior (1985, p. 60) define o termo ‘disenteria’ como diarreia de qualquer tipo.

**Ver. Falecer de câmaras de sangue.**

#### **Falecer de uma dor de cabeça**

*Faleceu de uma dor de cabeça (...)*

Falecer em decorrência de dores que acometem a cabeça.

**Cont. 1.** Aos quatorze de Julho de 1842 faleceu de hua dor de cabeça com os sacramentos da hora da morte a adulta Francisca Angélica de Jesus (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 36.

### **Falecer de espasmo**

*Faleceu do mal de espasmo (...)*

Falecer devido à convulsão ou contração involuntária dos músculos.

**Cont. 1.** Aos seis de Abril de mil oito centos e cinco faleceu da vida presente do mal de espasmo o parvulo Joao branco (...) de idade de hum mês (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 126.

**Cont. 2.** Aos onze de Abril de mil oito centos e cinco faleceu da vida presente do mal de espasmo a parvula Maria branca de idade de mês e meio (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 126.

**N1.** Chaves Junior (1985, p.76) define o termo 'espasmo' como meningite.

**N2.** As crianças abaixo de cinco anos são as mais acometidas pelo mal de espasmo ou meningite.

### **Falecer de uma espinha carnal**

*Faleceu de uma espinha carnal (...)*

Falecer devido à inflamação nas glândulas sebáceas.

**Cont. 1.** Aos deseseis dias domes de Janeiro de mil oitos centos e cinco faleceu com todos os sacramentos de hua espinha carnal o adulto Manoel Antonio Prata (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 122.

**Cont. 2.** Aos seis de Março demil outos centos etrinta e quatro, faleceu de hua espinha carnal, e sem sacramentos da hora da morte, Antonio da Silva, solteiro de idade de desoito annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 27?.

**N1.** Os adolescentes são os mais acometidos pelas inflamações nas glândulas sebáceas, devido ao aumento dos hormônios nessa fase da vida.

### **Falecer de esquinência**

*Faleceu de esquinência (...)*

*Var. 1. Faleceu de hua esquinência (...)*

Falecer devido às consequências de amigdalite grave que se caracteriza principalmente por inflamação na garganta.

**Cont. 1.** Aos quinze de Janeiro de 1842 faleceu de esquinência a parvula Anna de idade de seis annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 38.

**Cont. 2.** Aos cinco de Julho de mil oito centos e quarenta e cinco faleceu de hua esquinência sem os sacramentos da hora da morte Marcella idade de quarenta annos crioula escrava (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 36.

**N1.** De acordo com Chaves Junior (1985, p.78), o termo ‘esquinência’ foi bastante difundido até o final do século XIX, o que leva a crer que era uma das causas de morte mais comuns no Ceará neste período.

**Sin. Falecer de feridas de garganta. Falecer de feridas nas goelas. Falecer de garrotilho.**

### **Falecer de estupor**

*Faleceu de estupor (...)*

*Var. 1. Faleceu estuporada (...)*

**Cont. 1.** Aos vinte e oito de Março de mil oitos centos e quarenta faleceu de estupor confessado e com os sacramentos da hora da morte Manuel Alvares da Silva Maia de idade de quarenta e nove annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 03.

**Cont. 2.** Aos nove de Dezembro de mil oito centos e trinta e sete faleceu estuporada (...) Antonia cabra solteira de idade de quarenta annos escrava (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**N1.** De acordo com Chaves Junior (1985, p. 80), o termo ‘estupor’ é sinônimo de ‘derrame’. Era recorrente em todo Ceará também muito frequente nos Livros de Óbitos do Arquivo da Diocese de Fortaleza.

**N2.** Atualmente o termo ‘derrame’ é também conhecido como Acidente Vascular Cerebral – AVC.

**Ver. Falecer de uma apoplexia.**

### **Falecer de feridas da cabeça**

*Faleceu de feridas da cabeça (...)*

Falecer em decorrência de feridas que acometem a cabeça ou mais especificamente o couro cabeludo.

**Cont. 1.** Aos vinte e quatro de Julho de 1842 faleceu de feridas da cabeça o parvulo Raimundo de idade de dois annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 36.

**N1.** Chernoviz (1890) trata os termos ‘ferida’ e ‘chagas’ como sinônimos.

**Ver. Falecer de chagas**



### **Falecer de feridas de garganta**

*Faleceu de feridas de garganta (...)*

**Cont. 1.** José pardo filho legítimo de (...) faleceu de feridas de garganta com idade de quatro annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 26.

**Ver. Falecer de uma esquinência.**

### **Falecer de fístulas**

*Faleceu de fistulas (...)*

Falecer em decorrência de ferimento ou rompimento de órgãos ou vasos sanguíneos.

**Cont. 1.** Aos vinte e quatro de Agosto de mil oito centos e trinta e nove faleceu de fistulas Angela da Silva de idade de setenta e hum annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 74.

**N1.** Segundo Chernoviz (1890, p.1181), as fístulas podem ser anais, dentárias, estomacais, lacrimais, bucais, laríngeas, mamarias, vaginais e urinarias.

### **Falecer de um fluxo de sangue**

*Faleceu de um fluxo de sangue (...)*

Falecer em consequência de diarreia hemorrágica.

**Cont. 1.** Francisca de Jesus parda de idade de quarenta annos casada com (...) faleceu de um fluxo de sangue sem sacramentos por morar distante dessa villa (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 125.

**Cont. 2.** Aos quatro de Julho de mil oito centos e trinta e oito faleceu de um fluxo de sangue repentinamente e sem sacramentos Theresa Alexandrina de Jesus (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 64.

### **Falecer de garrotilho**

*Faleceu de garrotilho (...)*

Falecer em decorrência de sufocamento causado por inflamações graves na garganta.

**Cont. 1.** Aos 14 de Maio de mil oito centos e trinta e seis faleceu de garrotilho a parvula Manoela de idade de três annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**N1.** O termo 'garrotinho' se dá em alusão à pena de morte dada aos garrotes que eram estrangulados com instrumentos de ferros aplicados na garganta. (Chaves Junior, 1985, p. 93).

**Ver. Falecer de uma esquinência.**

### **Falecer de gangrena**

*Faleceu de gangrena (...)*

Falecer em decorrência de putrefação de tecidos ou órgãos em qualquer parte do corpo devido à má circulação do sangue.

**Cont. 1.** Aos vinte e dois de Julho de mil oito centos e quarenta e hum faleceu de gangrena o preto Joao crioulo solteiro de idade de secenta nnos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 94.

### **Falecer de gota**

*Faleceu de gota (...)*

Falecer devido às consequências de doença que acomete as articulações em todo o corpo.

**Cont. 1.** Aos quinze dias do mês de Abril de mil oito centos e sette faleceo da vida presente Rita Francisca solteira natural desta freguesia com idade de quarenta e cinco annos de gotta (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 144.

**Cont. 2.** Aos quinze dias do mês de Abril de mil oito centos e sette faleceo da vida presente Rita Maria de Jesus solteira (...) de idade de quarenta annos morreo de gotta com todos os sacramentos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 144.

**N1.** A doença de gota também é conhecida como 'gota úrica' que se associa ao reumatismo (Chaves Junior, 1985, p. 94). Atualmente é conhecida como 'ácido úrico'.

### **Falecer de uma héctica**

*Faleceu de uma ética (...)*

Falecer devido ao enfraquecimento progressivo do organismo.

**Cont. 1.** Aos vinte de Março de mil oitos centos e cinco faleceo de hua ética com todos os sacramentos o adulto João preto (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 126.

**Cont. 2.** Francisco Nunes homem branco de idade de trinta e seis annos casado com Theodora da Silva naturais e moradores desta freguesia faleceo de hua ética (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 26.

**N1.** A héctica é também conhecida como tuberculose, doença do peito e doença magra (Chaves Junior, 1985, p. 97).

**Sin. Falecer de tísica.**

### **Falecer de uma hemorragia**

*Faleceu de uma hemorragia (...)*

**Cont. 1.** Aos quatro de agosto de mil oito centos e quarenta e quatro faleceu de hua hemorragia absolvida e unvida na hora da morte Maria (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 30.

**N1.** A hemorragia é interna quando o sangue escoa por dentro do organismo. É externa quando ocorre no exterior do corpo.

**Ver. Falecer de uma apoplexia.**

### **Falecer de hidropisia**

*Faleceu de hidropisia (...)*

*Var. 1 Faleceu de hua hidropisia (...)*

Falecer devido ao acúmulo de água no ventre, nas pernas ou no corpo todo causado por deficiências no fígado ou por má circulação do sangue.

**Cont. 1.** Aos deseseis de Fevereiro de mil oitos centos e cinco faleceo de hua hidropisia com todos os sacramentos a adulta Jozefa crioula (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 126.

**Cont. 2.** Aos trinta e hum de Agosto de mil oito centos e quarenta faleceu de hidropisia tendo recebido os sacramentos da hora da morte Anna Clemencia de Jesus de idade de vinte e cinco annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 84.

**N1.** A hidropisia é popularmente conhecida, atualmente, como 'barriga d'água'.

### **Falecer de icterícia**

*Faleceu de tirícia (...)*

*Var. 1. Faleceu do mal de tiricia (...)*

Falecer devido às complicações hepáticas que causam amarelidão de tecidos e secreções orgânicas.

**Cont. 1.** Aos vinte e cinco de Abril de mil oito centos e cinco faleceu com todos os sacramentos do mal de tirícia Izabel Francisca branca viúva de idade de sessenta annos pouco mais ou pouco menos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 127.

**Cont. 2.** Aos onze de Outubro de mil oito centos e quarenta faleceu de tiricia Maria do O da costa de idade de trinta annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**N1.** Várias doenças como hepatite, malária, anemia, leptospirose e hepatites podem causar icterícia. É conhecida também como hepatite.

### **Falecer de uma indigestão**

*Faleceu de uma indigestão (...)*

**Cont. 1.** Aos cinco de Julho de 1844 faleceu de huma indigestão a parvula Paulina de idade de três annos. (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 36.

**Cont. 2.** Aos vinte e quatro de Agosto de mil oito centos e quarenta e hum faleceu de hua indigestão Maria solteira de idade de treze annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 12.

**Ver. Falecer de uma constipação.**

### **Falecer de uma inflamação**

*Faleceu de uma inflamação (...)*

Falecer em consequência de moléstias que causam inflamação.

**Cont. 1.** Aos seis de Julho de 1844 faleceu confessado de hua inflamação o adulto Joaquim Ruiz de idade de noventa e oito annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 45.

**Cont. 2.** Aos seis de Setembro de mil oito centos e trinta e seis confessada e sem sacramentos faleceu de hua inflamação Joaquina Maria da Cruz de idade de trinta e três annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**N1.** A inflamação é um dos principais sintomas de doenças reumáticas.

### **Falecer de uma erisipela**

*Faleceu de uma erisipela (...)*

Falecer devido à doença infecciosa causada por bactérias que se caracteriza principalmente por inflamação grave na pele.

**Cont. 1.** Aos sette de septembro de 1845 feleceo de hua erisipela a adulta Vicencia Maria de idade de oitenta e seis annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 45.

### **Falecer de lombrigas**

*Faleceu de lombrigas (...)*

Falecer devido à doença causada pelo verme *Ascaris Lumbricoides* que se instala no intestino delgado do hospedeiro.

**Cont. 1.** Aos sete de Março de mil oito centos e quarenta faleceu de lombrigas a parvula Maria de idade de três annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 79.

**N1.** O clima do Estado de Ceará e as péssimas condições sanitárias das vilas no século XIX favoreciam a aquisição de lombrigas, principalmente por parte das crianças e dos escravos que habitavam senzalas em péssimas condições de higiene.

### **Falecer de mal de tosse**

*Faleceu de mal de toce (...)*

Falecer devido à tosse aguda causada por infecções nos pulmões ou na laringe.

**Cont. 1.** Aos cinco dias do mês de Abril de mil oito centos e cinco foi sepultado depois de encomendado o parvulo Antonio branco de idade de vinte dias falecido do mal de toce (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 126.

**Cont. 2.** Aos dezesseis de Maio de mil oito centos e cinco (...) foi sepultada a parvula Sabina branca induida em habito preto, falecida do mal de toce (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 128.

**N1.** O mal de tosse é uma doença também conhecida popularmente como tosse braba ou cumprida e coqueluche.

### **Falecer de maleitas**

*Faleceu de maleitas (...)*

Falecer devido à doença parasitária transmitida por mosquitos, a qual causa febre alta e calafrios.

**Cont. 1.** Aos sete de Julho de 1842 faleceu de maleitas o parvulo Justiniano de idade de três annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 136.

**Cont. 2.** Aos oito de Junho de 1842 faleceu de maleitas a adulta Anna de Mendonça Furtado de idade de oitenta e oito annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 37.

**N1.** A maleitas também é conhecida por malária, doença infecciosa transmitida por mosquito. O termo 'malária' não aparece nos documentos analisados.

### **Falecer de maligna**

*Faleceu de maligna (...)*

Falecer devido à febre alta ou hipertermia maligna.

**Cont. 1.** Aos quinze dias de [ilegível] demil oito centos e quarenta e hum *faleceu de maligna* sem os sacramentos Gabriel Joze (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 13.

**Cont. 2.** Aos vinte e seis de Maio de mil oito centos e quarenta faleceu de maligna o parvulo Francisco de idade de dois annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 80.

**N1.** No final do século XVIII e início de século XIX o Ceará passou por várias epidemias de maligna o que elevou o número de mortos por conta de tal enfermidade.

**N2.** A maligna também é conhecida por febres, febre maligna ou malina.

### **Falecer de moléstia**

*Faleceu de moléstia (...)*

Falecer devido à doença infecciosa que pode acometer diversos órgãos do corpo humano.

**Cont. 1.** Aos dous de Dezembro de mil oitos centos e quatro faleceo sem sacramentos de moléstia Manoel Gomes, índio de idade de vinte annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 122.

**N1.** A partir do termo moléstia derivavam-se outros tipos de doenças, tais como: Moléstia do ar (congestão), Moléstia magra (tuberculose), Moléstia do mundo (doenças venéreas) (CHAVES JUNIOR, 1985, 119).

**Sin. Falecer de moléstia no interior. Falecer de moléstia no peito.**

#### **Falecer de moléstia no interior**

*Faleceu de moléstia no interior (...)*

**Cont. 1.** Francisca parda adulta, casada que foi com Jose [ilegível] faleceu da vida presente no dia dezoito de Agosto de mil oitocentos e trinta e dois de moléstia no interior (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**Ver. Falecer de moléstia.**

#### **Falecer de moléstia no peito**

*Faleceu de moléstia no peito (...)*

**Cont. 1.** Maria Isabel branca adulta filha Legítima de Joao Felipe e Maria de Jesus; faleceu de moléstia no peito (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**Ver. Falecer de moléstia.**

#### **Falecer de moléstias uterinas**

*Faleceu de moléstias uterinas (...)*

Falecer em decorrência de complicações de doenças que acometem o útero.

**Cont. 1.** Aos dezesseis de Março de mil oitocentos e trinta e cinco faleceu de moléstias uterinas tendo tomado todos os sacramentos da hora da morte Angelica Maria negra crioula de idade de cinquenta annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. s/n.

#### **Falecer de morte súbita**

*Faleceu de morte súbita (...)*

Falecer repentina e inesperadamente, sem sintomas e sem sinais de qualquer doença.

**Cont. 1.** Aos quatorze dias do mês de Fevereiro de mil oitocentos e cinco faleceu de morte súbita sem sacramentos Jozé da Cunha, branco viúvo de idade de setenta e oito annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 123.

**Cont. 2.** Aos quinze de Dezembro de mil oito centos e quatro faleceu sem sacramentos por morrer subitamente o preto Manuel de idade de trinta e cinco annos, escravo (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 124.

**N1.** A morte súbita também é conhecida popularmente como mal súbito ou morte repentina, que pode se associar às doenças do coração.

### **Falecer de opilação**

*Faleceu de opilação (...)*

*Var. 1. Faleceu opilada (...)*

Falecer em decorrência de obstruções em qualquer parte do corpo.

**Cont. 1.** Aos treze de Agosto de mil oito centos e trinta e quatro faleceu de opilação, tendo recebido todos os sacramentos da hora da morte Joaquim de idade de dezesseis annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**Cont. 2.** Aos vinte e cinco de Janeiro de mil oito centos e trinta e seis faleceu opilada Anna Theresa, confessada na hora da morte de idade de cincoenta e oito annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

### **Falecer de parto**

*Faleceu de parto (...)*

Falecer devido a complicações do trabalho de parto.

**Cont. 1.** Aos dezoito de Outubro de 1842 faleceu de parto a adulta Maria Alves da Anunciação de idade de trinta e dois annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 40.

**Cont. 2.** Aos dezesseis de Agosto de mil oito centos e quarenta e hu faleceu de parto sem os sacramentos da igreja na hora da morte Quiteria Maria da Fonseca idade de trinta annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 12.

**N1.** É bastante elevado o número de mulheres que morriam de parto no Vale do Jaguaribe no século XIX, principalmente as mulheres entre 30 e 40 annos de idade.



### **Falecer de um pleuris**

*Faleceu de um pleuris (...)*

Falecer devido a inflamações da membrana pulmonar, o que impede a extensão dos músculos e que dificulta a respiração.

**Cont. 1.** Aos desesete dias do mês de Março de mil oito centos e cinco faleceu de hum pleuris o parvulo Manuel branco (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 124.

**N1.** O termo pleuris é derivado de pleura, do grego **pleurá**, lado, flanco, e se caracteriza principalmente pelos processos infecciosos pleurais (CHAVES JUNIOR, 1985, 143).

### **Falecer de retenções de urinas**

*Faleceu de retenções de urinas (...)*

Falecer devido à incapacidade de eliminação da urina resultando no acúmulo de líquido na bexiga.

**Cont. 1.** Aos oito de Julho de 1845 faleceu confessado de retenções de urinas o adulto Manoel Antonio de Oliveira de idade de cinquenta e seis annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 46.

**N1.** O termo 'retenções de urinas é também conhecido como urina presa.

### **Falecer de reumatismo**

*Faleceu de reumatismo (...)*

*Var. 1. Faleceu de hum reumatismo (...)*

Falecer em decorrência de inflamações nas articulações, ossos ou músculos.

**Cont. 1.** Aos quatro de Maio de 1842 faleceu de hum reumatismo o parvulo João de idade de seis annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 33.

**Cont. 2.** Aos vinte e oito de Julho de mil oito centos e quarenta e dois faleceu de reumatismo Jose Pereira de Lima de idade de sincoenta annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

### **Falecer de sarampo**

*Faleceu de sarampo (...)*

Falecer devido às complicações de doença infectocontagiosa causada por vírus que se caracteriza, principalmente, por febre e machas rosadas em todo o corpo.

**Cont. 1.** Aos três de Fevereiro de mil oitos centos e quarenta e hum faleceu de sarampo Maria de idade de onze mezes (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 08.

**Cont. 2.** Aos trinta de Maio de mil oitos centos e quarenta e hum faleceu de sarampo Ignácio de idade de cinco mezes (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 10.

**N1.** O sarampo acometia principalmente as crianças.

### **Falecer de sarnas recolhidas**

*Faleceu de sarnas recolhidas (...)*

Falecer em decorrência de doença parasitária que acomete as partes mais recolhidas do corpo.

**Cont. 1.** Aos doze de Setembro de mil oito centos e trinta e quatro faleceu de sarnas recolhidas o parvulo Raimundo de idade de três meses (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**Cont. 2.** Aos sete de Junho de mil oito centos e trinta e oito faleceu de sarnas recolhidas o parvulo Manuel de idade de hum anno (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**N1.** As sarnas recolhidas, por serem uma espécie de coceira, acometiam principalmente as crianças escravas, devido à sua baixa imunidade e às péssimas condições de higiene dos ambientes em que viviam.

### **Falecer de tísica**

*Faleceu de tísica (...)*

**Cont. 1.** Aos vinte e hum de Setembro de 1842 faleceu de tísica com todos os sacramentos a adulta Tereza Maria tendo de idade vinte e cinco annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 37.

**N1.** O termo 'tísica' é mais comumente usado no interior do Ceará, também conhecida como 'doença magra', 'doença seca', 'tuberculose pulmonar' ou 'enfraquecimento'.

**Ver. Falecer de uma héctica.**

**Falecer de tubérculo***Faleceu de tubérculo (...)*

Falecer devido à tuberculose, doença infectocontagiosa que acomete os pulmões.

**Cont. 1.** Aos vinte e nove de [ilegível] demil oito centos e trinta faleceu de tubérculo Jose Correa de Sousa de idade de vinte e cinco annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**Falecer de um tumor***Faleceu de um tumor (...)*

**Cont. 1.** Lourenço branco adulto com idade de secenta e seis annos solteiro (...) faleceu (...) de hum tumor (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl.23.

**Ver. Falecer de um cancro.**

**Falecer de velhice***Faleceu de velhice (...)**Var. 1. Faleceu de velho (...)*

Falecer em decorrência de idade avançada.

**Cont. 1.** Aos sete de Junho de mil oito centos e trinta e seis faleceu de velhice Anna Vicencia de idade de mais de noventa annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**Cont. 2.** Aos vinte e cinco de Setembro de mil oito centos e trinta e nove faleceu de velho com idade de mais de noventa annos, o Saragento Mor João da Silva Salgado (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**N1.** Atribuía-seaos falecidos com mais de noventa anos a morte por velhice.

**Falecer de vômitos***Faleceu de vômitos (...)*

Falecer devido à doença que se caracteriza principalmente pela expulsão espasmódica de substâncias do estômago.

**Cont. 1.** Aos vinte de Setembro de mil oito centos e trinta e cinco faleceu de vômitos o parvulo Leoncio de idade de hum anno (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**N1.** O vômito é um dos principais sintomas de doenças gastrointestinais, intoxicação alimentar e de cefaleias graves.

## 5. 2. CAUSAS DE MORTE EXTERNAS

### **Falecer afogado**

*Faleceu afogado (...)*

Falecer em decorrência de asfixia por água.

**Cont. 1.** Aos cinco de Março de mil oito centos e quarenta e cinco faleceu afogado Andre de idade de três annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 34.

### **Falecer assassinado**

*Faleceu assassinada (...)*

Falecer em decorrência de lesão causada por outrem.

**Cont. 1.** Aos vinte e três de Fevereiro de mil oito centos e quarenta e quatro faleceu assassinada com treze facadas Anna Tereza de idade de vinte hum annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 26.

**Cont. 2.** Aos sete de Janeiro do mil oito centos e trinta e nove faleceu assassinado pelo seu escravo Ignacio de Souza viúvo de idade de setenta e cinco annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 67.

**N1.** O assassinato pode ocorrer por vários instrumentos tais como faca, armas de fogo etc..

**Sin. Falecer de uma facada. Falecer de tiros.**

### **Falecer de queda de carnaúba**

*Faleceu de hua carnaúba que lhe cahiu em cima (...)*

Falecer em decorrência de trauma causado pela queda acidental do tronco da carnaúba.

**Cont. 1.** José parvulo de idade de quatro annos e meio (...) faleceu da vida apresente de hua carnaúba que lhe cahiu em cima (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 22.

**N1.** A carnaúba é uma das espécies mais abundantes da vegetação do Vale do Jaguaribe. A carnaúba se caracteriza principalmente por seu longo e pesado tronco e sua copa bem torneada.

### **Falecer de um engasgo**

*Faleceu de um engasgo (...)*

Falecer em decorrência de obstrução da garganta ocasionada por corpo estranho ingerido de tamanho maior que a passagem da glote.

**Cont. 1.** Aos trinta e hum de março de mil oito centos e trinta e sete faleceu de hum engasgo Anna Maria do Livramento parda casada (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**Cont. 2.** Aos três de Dezembro de mil oito centos e trinta e nove faleceu de hum engasgo a parvula Anna de idade de dous annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 76.

### **Falecer envenenado por mandioca**

*Faleceu envenenado por mandioca (...)*

Falecer devido à ingestão de cianeto, substância química contida em algumas espécies de mandioca.

**Cont. 1.** Aos quatorze de Julho de mil oito centos e quarenta e hum faleceu envenenado de mandioca o parvulo Francisco de idade de cinco annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**N1.** Era comum no século XIX o envenenamento por mandioca, uma vez que a população desconhecia a toxicidade deste vegetal.

### **Falecer de uma facada**

*Faleceu de uma facada (...)*

*Var. 1. Faleceu assassinada com treze facadas (...)*

**Cont. 1.** Aos trinta de Setembro de mil oito centos e cinco faleceu sem sacramentos de hua facada o adulto Manoel do Rozario (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 133.

**Cont. 2.** Aos vinte e três de Fevereiro de mil oito centos e quarenta e quatro faleceu assassinada com treze facadas sem sacramentos da hora da morte Anna Tereza de Jesus de idade de vinte e hum annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 26.

**Ver. Falecer assassinado.**

### **Falecer de lesão**

*Faleceu de lesões (...)*

Falecer devido a corte ou ferimento que pode acometer qualquer órgão vital.

**Cont. 1.** Aos doze dias de Setembro de mil oito centos e quatro faleceu de lesões, confessado somente o índio Jozé Francisco (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 124.

**Cont. 2.** Maria parda solteira escrava de Joao Damaceno desta freguesia faleceu de lesões (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 127.

**N1.** As lesões mais frequentes nos registros analisados são as lesões no peito e as lesões de garganta.

### **Falecer de mordedura de cobra**

*Faleceu de mordedura de cobra (...)*

Falecer devido a consequências de mordida de cobra, em que são injetadas no corpo do indivíduo substâncias venenosas pelo réptil que levam à paralisia dos órgãos vitais.

**Cont. 1.** Jozé pardo de idade de oito anos filho legítimo de (...) faleceu de mordedura de cobra (...). Livro de Óbitos Paróquia de Aracati (1791-1807), fl. 125.

**Cont. 2.** Maria parda adulta com 17 anos de idade (...) faleceu da vida presente de mordedura de cobra no dia quatro de Julho de mil oito centos e vinte e nove (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**N1.** No século XIX era bastante comum morte por picada de cobra, principalmente nas comunidades rurais. Segundo o Instituto Butantan, o soro antiofídico foi descoberto por Vital Brasil no ano de 1897 e somente passou a ser efetivamente usado no início do século XX.

### **Falecer de uma quebradura**

*Faleceu de uma quebradura (...)*

Falecer devido à ruptura ou quebra de tecidos vitais.

**Cont. 1.** Aos oito de Dezembro de 1845 faleceu de hua quebradura Joze de idade de dez anos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 48.

**N1.** O termo quebradura também pode designar hérnia (CHAVES JÚNIOR, 1985, p. 150).

**Falecer de uma queda**

*Faleceu de uma queda (...)*

Falecer em decorrência de lesões ou pancadas ocasionadas por queda.

**Cont. 1.** Aos doze de Abril de mil oito centos e quarenta e dois faleceu de hua queda Caetano dos Santos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 19.

**Cont. 2.** Antonio com dois annos de idade faleceo da vida presente de hua queda e foi sepultado nesta Matris das Russas (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. s/n.

**Falecer de uma queimadura**

*Faleceu de uma queimadura (...)*

*Var. 1. Faleceu queimada (...)*

Falecer devido a complicações na pele ou nos órgãos causadas pela ação do fogo.

**Cont. 1.** Aos vinte e hum de Abril de mil oitos centos e quarenta e dois faleceu de hua queimadura Maria de idade de cinco annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 20.

**Cont. 2.** Aos dezoito de Julho de mil oito centos e quarenta e quatro faleceu queimada Anna de idade de trinta annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 30.

**Falecer de um raio**

*Faleceu de desgraça de hum raio (...)*

Falecer devido à descarga elétrica ocasionada por relâmpago.

**Cont. 1.** Aos vinte e cinco de Abril de mil oito centos e quarenta e hum faleceu de desgraça de hum raio o parvulo Vicente de idade de seis annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1825-1858), fl. 90.

**Falecer de um tiro**

*Faleceu de um tiro (...)*

**Cont. 1.** Aos nove de Janeiro de mil oito centos e quarenta faleceu de hum tiro de balla (...) Antonio Pinto de idade de quarenta e quatro annos (...). Livro de Óbitos Paróquia de Russas (1836-1872), fl. 77.

**N1.** Obsevamos nos registros que é elevado o números de mortes por arma de fogo, o demonstra o grau de violência no Vale do Jaguaribe na primeira metade do século XIX.

**Ver. Falecer assassinado.**

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro intuito de nossa pesquisa, no âmbito filológico, foi o resgate de parte dos documentos do Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte, principalmente documentos que se referem às certidões de óbito manuscritas na primeira metade do século XIX. Alcançamos esse primeiro objetivo por meio da edição semidiplomática de 1553 certidões. Além de resgatar as certidões da destruição material, preservamos também a memória histórica e linguística da língua portuguesa no período colonial, no estado do Ceará, especialmente na região do Vale do Jaguaribe.

Dentre outros aspectos, o trabalho de edição semidiplomática nos revelou a estabilidade de produção do gênero certidão de óbito, ou seja, nos códices selecionados, confirmamos que os vigários seguem o padrão formal pré-estabelecido pelas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (1853) para a composição do gênero. Ressaltamos que as informações sobre os falecidos, contidas nas certidões, são as informações que os vigários obtinham por meio dos familiares dos falecidos ou da comunidade, com isso, nem todas as informações recomendadas pela igreja eram possíveis, por exemplo, nas certidões de indigentes não consta o nome do falecido, por não se conhecer o indivíduo, porém o restante da certidão segue o padrão informativo do gênero, com as informações possíveis.

Após a edição semidiplomática, a análise codicológica nos revelou as condições materiais e informativas dos três códices selecionados, bem como de seus registros, sendo que todos os códices possuem local de origem, no caso específico, são oriundos das Paróquias de Aracati e Russas, são devidamente datados, com fólhos numerados e manuscritos em papel. Possuem, ainda, detalhes na mancha que revelam a preocupação com a posterior localização do registro. Os nomes dos falecidos e sua condição étnica (por exemplo, Pedro branco) estão sempre dispostos à direita ou à esquerda da mancha, mesmo não sendo recomendado pelas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (1853), os vigários mantêm este uso. A análise paleográfica, por sua vez, nos revelou a escrita predominantemente humanística, a grafia pseudoetimológica, a presença de abreviaturas, dentre outras ocorrências.

Quanto ao estudo fraseológico de *causa mortis*, este nos revelou um vocabulário ímpar que envolve a cultura da morte. O uso das unidades fraseológicas



selecionadas deixa bastante claro o desconhecimento dos vigários acerca da linguagem técnico-científica para descrever a morte, por outro lado, demonstra a capacidade e a sensibilidade dos escreventes em reconhecer o nome popular da maioria das doenças que acometia a população jaguaribana na primeira metade do século XIX.

Confirmamos, portanto, a especialidade do gênero certidão de óbito, uma vez que agrupa um conjunto de terminologias aliados ao conjunto de todos os recursos linguísticos que se utilizam num âmbito de especialidade, como vimos anteriormente nas palavras de Krieger e Finatto (2004).

No que se refere ao glossário de *causa mortis*, seus aspectos macroestruturais e microestruturais se ajustam tanto ao público especialista quanto ao público leigo. A divisão em dois blocos (mortes de causas naturais e mortes de causas externas) facilita a consulta. Ao todo são 66 entradas acompanhadas, principalmente, de seu conceito, contexto de produção e notas. Acreditamos que essa disposição microestrutural favoreça a compreensão de cada unidade fraseológica.

O resultado final do glossário nos provoca certa catarse e, ao mesmo tempo, a reflexão sobre como e porque as pessoas morriam. No primeiro bloco, onde são descritas as mortes por causas naturais, percebemos o quão era comum, por exemplo, mortes por febre maligna e diarreia. No segundo bloco, onde são descritas as causas de mortes externas ou acidentais, verificamos um número elevado de mortes por assassinato, por tiro ou facada, revelando um alto grau de violência no Vale do Jaguaribe já nesse período.

Por outro lado, causa-nos estranheza, por exemplo, encontrar registros de falecimentos em decorrência de ‘azia’ e ‘indigestão’, o que para nossa sociedade atual é quase impossível de ocorrer. Apuramos mortes em decorrência de ‘parto’ e ‘hemorragia’, ainda comuns atualmente.

As unidades fraseológicas selecionadas são, portanto, suficientes para nos fornecer uma ideia geral de como se processava o uso da língua portuguesa no que diz respeito às causas de morte na comunidade do Vale do Jaguaribe no século XIX. Cada unidade fraseológica é carregada de responsabilidade semântica, por esse motivo, algumas unidades fraseológicas encontradas nos registros não foram apresentadas no glossário. ‘Falecer de uma dor’, por exemplo, é bastante recorrente nas certidões de óbito, porém, seu significado é bastante inespecífico. Outras

unidades fraseológicas tais como 'falecer de igorgtimento' e 'falecer de garrolho' foram excluídas do glossário por este mesmo motivo.

Acreditamos que o nosso trabalho, desde a edição semidiplomática das certidões até a elaboração do glossário de *causa mortis*, atendeu aos objetivos propostos, em primeiro lugar, por salvá-los da destruição material; e em segundo lugar, por resgatar a memória linguístico-histórica de nossa comunidade. Ressalvemos que a edição semidiplomática dos três códices selecionados, agora disponível no meio eletrônico, adquire a sua perpetuação e, ao mesmo tempo, serve de fomento para as pesquisas futuras.

Também acreditamos que este estudo muito contribuiu para os estudos filológicos e linguísticos, principalmente no que se refere ao léxico histórico registrado no período colonial brasileiro no Vale do Jaguaribe, região importante do Estado do Ceará. Com isso, adicionamos ainda mais às edições, estudos, pesquisas e análises realizadas pelo grupo PRAETECE.

## REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Marcia de Souza. **Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval**: O livro de cozinha da Infanta D. Maria. Salvador: Quarteto, 2009.
- ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A escrita no Brasil Colônia**: um guia para leitura de documentos manuscritos. Recife: UFPE, 1994.
- ACOSTA, Ricardo Guantiva; CABRÉ, M. Teresa; LINDON, Josep. M. Castellà Lidon. Classificació de textos especializados a partir de su terminologia. **Ikala, revista de language y cultura**. V. 13, N.19, p. 15-39, ene-jun, 2008. Disponível em: <[http://quimbaya.udea.edu.co/ikala/images/PDFs/%CDkala%20vol%2013%20n%2019\\_01.pdf](http://quimbaya.udea.edu.co/ikala/images/PDFs/%CDkala%20vol%2013%20n%2019_01.pdf)>. Acesso em: 3 maio 2015.
- ARAGAO, Maria do Socorro Silva (Org.). **Estudos em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. Fortaleza, UFC, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?**. Um convite à pesquisa. 3 ed. São Paulo: Parábola, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros discursivos. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-326.
- BARBOSA, Jaqueline Peixoto. Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de língua portuguesa: são os PCNs praticáveis. In: Rojo, Roxane (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula**: praticando os PCNs. São Paulo: EDUTEC, 2000.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BEVILACQUA, Cleci Regina. **A fraseologia jurídico-ambiental**. 1996. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/termisul/biblioteca/dissertacoes/dissertacao\\_1996\\_BEVILACQUA.pdf](http://www.ufrgs.br/termisul/biblioteca/dissertacoes/dissertacao_1996_BEVILACQUA.pdf)>. Acesso em: 3 maio 2015.
- BEVILACQUA, Cleci Regina. Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. **Revista Língua e Literatura**, v. 7, n.10/11. 2005. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/40/77>>. Acesso em: 3 maio 2015.
- BEVILACQUA, Cleci Regina; MULLER, Alexandra Felderkircher. As fraseologias das sentenças jurídicas do Direito Previdenciário. **Caleidoscópio**. v. 8. n.3, set/dez 2010. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/viewFile/487/111>>. Acesso em: 3 maio 2015.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana M.P. et al. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, UFMS, 2001. p. 12-22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BLUTEAU, D. Rafael. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Lisboa: [s.n.], 1789.

CABRÉ, M. Teresa; ESTOPÁ, Rosa. Textos especializados y unidades de conocimiento: metodología y tipologización. In: PALACIOS, Joaquín García; MORAN, María Teresa Fuentes. **Textos, terminología y traducción**. Salamanca: Almar, 2002.

CAMBRAIA, César Nardeli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (Orgs). **Dicionários escolares**: políticas, formas e usos. São Paulo: Parábola, 2011.

CHAVES JUNIOR, Eurípedes. **Nomes e expressões vulgares da medicina do Ceará**. Fortaleza: Centro Médico Cearense, 1985.

CHAVES, José Olivenor Souza; SILVA, Gláucia Cristine Arruda; ANDRADE, Maria Lucélia de (Org.). **Catálogo de Fontes Históricas**: registros paroquiais de batismo, casamento e óbito: documentos para a história do Vale do Jaguaribe. Fortaleza: EdUECE, 2010.

CHERNOVIZ, Paulo Luiz Napoleão. **Dicionário de Medicina Popular**. v.1. Paris: Casa do autor, 1890.

CORPAS PASTOR, Glória. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

DAS NORMAS de Edição dos Manuscritos. Blog do grupo de Pesquisa Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará. Disponível em: <<http://praetecece.blogspot.com.br/2011/03/das-normas-de-edicao-dos-manuscritos.html>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

DICIONÁRIO da Real Academia Espanhola. Madrid: Real Academia Española, [20--?]. Disponível em: <<http://dle.rae.es/?w=diccionario>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

DOROSZEWSKI, Witold. **Elements of Lexicology and semiotics**. Tradução de Iain Taylor. Paris: Mouton, 1973.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005.

FERREIRA NETO, Cicinato. **A tragédia dos mil dias: a seca de 1877-79 no Ceará.** Fortaleza: Premius, 2006.

FERREIRA NETO, Cicinato. **Estudos de história Jaguaribana:** documentos, notas e ensaios diversos para a história do baixo e médio Jaguaribe. Fortaleza: Premius, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa do Século XXI.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HARDY-VALLEE, Benoit. **Que é um conceito.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2013.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica.** 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

INSTITUTO Butantan. Disponível em:  
<<http://www.butantan.gov.br/pesquisa/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 12 ago.2015.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. São Paulo: UFMS/Humanitas, 2007.

JOSINO, Adriana Marly Sampaio. **Edição filológica e estudo fraseológico dos autos de arrematação da Vila de Sobral (1817-1823).** 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em:  
<<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Adriana%20Marly%20Sampaio%20Josino.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.

KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayze. **História do Brasil.** 5 ed. São Paulo: Atual, 1987.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LAROUSSE ilustrado da Língua Portuguesa. São Paulo: Larousse do Brasil, 2004.

LIMA, Igor de; SILVA, Patrícia Garcia Ernando. Tipologia Documental. In: SAMARA, Eni de Mesquita (Org.). **Paleografia, documentação e metodologia histórica.** São Paulo: Humanitas, 2010.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Na Ribeira do Rio das Onças.** Fortaleza: Assis Almeida, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico:** fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Para a história do português culto e popular brasileiro**: sugestões para uma pauta de pesquisa. Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, Língua e Identidade. N.34, p. 11-30, 2008.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à filologia e à linguística portuguesa**. 5.ed. melh. e atua. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

MILLER, Carolyn R. Genre as social action. **Quartely journal of Speech**, n.70, maio, 1984. p.151-167. Disponível em: <<http://www4.ncsu.edu/~crmiller/Publications/MillerQJS84.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2015.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia**: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

NARO, Anthony Julios; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil**: análise e história. Campinas: SP: Pontes, 2006.

ORTIZ, Maria Luisa Alvarez; UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva (Orgs.). **Uma (Re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas: Pontes/UnB, 2011.

PNEUMO Atual. Disponível em: <<http://www.pneumoatual.com.br/doencas/bronquite-aguda.html>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

PONTES Antonio Luciano. **Dicionário para uso escolar**: o que é e como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009.

POTTIER, Bernard. **Linguistique general**: théorie et description. Paris: Klincksieck, 1974.

SALVADOR, Arquidiocese. **Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia feitas, e Ordenadas pelo Ilustríssimo, e Reverendíssimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide: propostas, e aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito Senhor Celebrou em 12 de junho do anno de 1707**. São Paulo: 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1853. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/222291>>. Acesso em: 3 maio 2015.

SAMPAIO FILHO, Dorian. **História dos municípios do Ceará**. Fortaleza: RBS, 2003.

SEEMANN, Paulo Augusto Almeida. **A construção de um glossário bilíngue de futebol com o apoio da linguística de corpus**. 2011. 228f. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SILVA NETO, Serafim da. **Manual de filologia portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1977.

SILVA, Moisés Batista. **A terminologia do sal no RN: uma abordagem socioterminológica**. 2007. 210 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revletras/article/view/2308/1775>>. Acesso em: 20 maio 2015.

SILVA, Moisés Batista. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. **Revista de Letras**. n.28, v.1, jan./dez., 2006. p.11-20. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revletras/article/view/2308/1775>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

SILVA, Nilzete Cruz. **Vocabulário e realidade extralinguística das escrituras de compra e venda de escravos da região sisaleira baiana**. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <[http://www.ppgel.uneb.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/silva\\_nilzete.pdf](http://www.ppgel.uneb.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/silva_nilzete.pdf)>. Acesso em: 29 jun. 2015.

STUDART, Guilherme. **Notas para a história do Ceará**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1090/702791.pdf?sequence=4>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VASCONCELOS JUNIOR, Raimundo Elmo de Paula. **O Limoeiro da Educação: a história da criação da Diocese e a ação educacional de Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte (1938-1968)**. 2006. 257 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3284/1/2006\\_Tese\\_REPVASCONCELO\\_SJUNIOR.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3284/1/2006_Tese_REPVASCONCELO_SJUNIOR.pdf)>. Acesso em: 30 jul. 2015.

VILELA, Mario. **Léxico e gramática: léxico, dicionário e gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

WÜSTER, Eugen. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica**. IULA: Barcelona, 1998.

XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe. R. Marie. **Dicionários na teoria e na prática**: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola, 2011.

XIMENES, Expedito Eloísio. **Autos de Querela e denúncia**: edição de documentos judiciais do século XIX no Ceará para estudos filológicos. Fortaleza: LCR, 2006.

XIMENES, Expedito Eloísio. **Fraseologias Jurídicas**: estudo filológico e linguístico do período colonial. Curitiba: Appris, 2013.

ZULUAGA, Alberto. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. United Kindon: Frankfurt/Berma, 1980.